UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

MARIANA PARISE BRANDALISE DALSOTTO

EDUCAÇÃO E CATEQUESE: O CATECUMENATO COMO PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ NA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL/RS

CAXIAS DO SUL
2016

MARIANA PARISE BRANDALISE DALSOTTO

EDUCAÇÃO E CATEQUESE: O CATECUMENATO COMO PROCESSO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ NA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL/RS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, na linha de pesquisa História e Filosofia da Educação como requisito para a obtenção do título de mestre em Educação.
Orientadora: Profª. Drª. Terciane Ângela Luchese
Co-orientador: Prof. Dr. Paulo César Nodari

CAXIAS DO SUL

2016

D151e Dalsotto, Mariana Parise Brandalise
Educação e catequese : o catecumenato como processo de iniciação à vida cristã na Diocese de Caxias do Sul / Mariana Parise Brandalise Dalsotto. – 2016.
134 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.
Orientação: Terciane Ângela Luchese.
Coorientação: Paulo César Nodari.

1. Catequese. 2. Educação. 3. Formação Humana. 4. Pensamento Freireano. I. Luchese, Terciane Ângela, orient. II. Nodari, Paulo César, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UCS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

"Educação e catequese: o catecumenato como processo de iniciação à vida cristã na Diocese de Caxias do Sul/RS"

Mariana Parise Brandalise Dalsotto

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Caxias do Sul, 21 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese (orientadora – UCS)

Prof. Dr. Paulo César Nodari (coorientador – UCS)

Prof. Dr. Geraldo Antônio da Rosa (UCS)

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin (PUC-RS)

AGRADECIMENTOS

Nestes dois anos de busca por *ser mais*, são muitas as pessoas que merecem agradecimento por estarem presentes e terem me auxiliado neste tempo ou por construírem comigo um caminho para que ele pudesse acontecer. Por isso, agradeço em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida e, entre outras coisas, por ter colocado a catequese em meu caminho, fazendo com que me tornasse seu instrumento junto à evangelização.

À Professora Terciane Ângela Lucchese, exemplo de pesquisadora e professora, por ter me acolhido como orientanda no final do ano passado e por ter me presenteado com sua atenção e dedicação que deram a orientação que alavancou a pesquisa. Ao professor e amigo Pe. Paulo Nodari que participa de mais um momento importante de minha vida, dando suporte na construção da dissertação. Ao professor Lúcio Kreutz que auxiliou no desabrochar do tema da pesquisa e ao professor Vanderlei Carbonara que impulsionou e apoiou para iniciar o mestrado.

Ao meu marido Lucas, primeiro incentivador para realização do mestrado e grande suporte para este e outros momentos vividos durante estes dois anos, que também foram nossos primeiros como casados. Por ser revisor, comentador, torcedor, entre outras funções que exerce em minha vida. À minha família, especialmente à minha Mãe, Ana Paula, minha avó, Claire, e meu avô Fausto (*in memoriam*), que me incentivaram na pesquisa, auxiliaram com suas orações e, principalmente, me ajudaram a construir o que sou com sua doçura e firmeza, sendo responsáveis também por esta conquista.

Aos amigos, em especial Estela, Odair, Karol e Giovani pelos momentos de descontração em meio aos intervalos de trabalho e pela companhia silenciosa nos momentos de estudo na biblioteca. Em particular aos compadres Pe. Marciano Guerra e Pe. Mateus Boldori que auxiliaram diretamente na revisão do texto além das indicações e conversas que auxiliaram durante a pesquisa. Aos amigos que o mestrado proporcionou conhecer, em especial Débora, Gisele e Lucas. À amiga Rosangela pela torcida. A todos os amigos e familiares que, mesmo não citados, fazem parte das aprendizagens de minha vida, minha eterna gratidão.

“Pesquisar é ver o que outros viram e pensar o que nenhum outro pensou”.
Albert Szent-Gyorgvi

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo pensar a prática Catequética na Diocese de Caxias do Sul realizada a partir da orientação de duas coleções formuladas para esta prática, relacionando-a ao Catecumenato (orientado pela Igreja Católica) e entendendo-a como uma prática educacional. Para que este objetivo pudesse ser atendido, foram realizadas análise documental, entrevistas narrativas e grupos focais. A análise documental foi feita tomando os documentos escritos pela Igreja Católica que definem e orientam a prática catequética direta ou indiretamente, entre eles o Concílio Vaticano II, o Diretório Geral para a Catequese, o Catecismo da Igreja Católica, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos, o Documento de Aparecida. As entrevistas narrativas foram realizadas com o objetivo de conhecer como foram construídas as duas coleções que são utilizadas na referida diocese para a prática catequética, sendo duas entrevistas sobre cada coleção. Esta escolha se deu também em função da delimitação temporal recente (ano 2000), início da mobilização da Diocese para a formulação destas novas coleções. Os grupos focais foram mobilizados para conhecer as coleções a partir do olhar dos catequistas que as utilizam, sendo realizado um grupo focal para cada coleção, e uma sessão para cada. A partir deste corpus empírico, foi possível relacionar a prática caquética com a prática educacional. Para definir esta última e utilizar conceitos próprios dela que poderiam auxiliar a prática catequética, o referencial teórico utilizado foi o pensamento de Paulo Freire (1983; 2004; 2005), uma vez que este pensa a educação como um processo de formação humana. A pesquisa realizada foi dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro as considerações iniciais que buscam apresentar algumas definições dos conceitos de Catequese, Catecumenato e Iniciação Cristã, bem como as escolhas teóricas e metodológicas realizadas para desenvolver esta pesquisa. No segundo capítulo, foi apresentada a análise documental, por meio da qual é possível entender as orientações da Igreja Católica para que o Catecumenato seja tomado como modelo para a catequese. O terceiro capítulo busca apresentar as coleções utilizadas na prática da catequese na Diocese de Caxias do Sul e o quarto busca apresentar a relação da catequese, enquanto formação humana e suas características expostas nos dois capítulos anteriores com o pensamento freireano acerca da educação. Foram mobilizados os conceitos de conscientização, humanização, formação, práxis social, autonomia, dialogicidade, entre outros. Assim, é possível concluir que a catequese é uma forma de educação, de formação humana, que pode se utilizar do pensamento educacional para aprimorar suas práticas e entender seu papel na comunidade católica. O papel da educação se coloca justamente no sentido de poder auxiliar que os

catequistas entendam que fazem parte de um processo formativo que auxilia na constituição do ser cristão. Este entendimento, por sua vez, junto ao auxílio das teorias educacionais, pode tornar esta prática mais significativa para os catequizandos, tornando-os construtores de sua própria fé. Este processo de educação para a fé nunca se acaba, assim como a formação humana, sendo a catequese o período no qual esta formação terá suas bases para a busca pelo *ser mais* e pelo *inédito-viável* do ser cristão.

Palavras-chave: Catequese; Educação; Formação Humana; Pensamento Freireano; Dialogicidade.

ABSTRACT

This dissertation aims to think about the Catechetical practice in the Diocese of Caxias do Sul, performed on the guidance of two collections formulated for this practice, relating it to the Catechumenate (guided by the Catholic Church) and understanding it as an educational practice. In order to achieve this objective, documentary analysis, narrative interviews and focus groups were carried out. The documentary analysis was made by taking the documents written by Catholic Church that define and direct catechetical practice directly or indirectly, among them the Second Vatican Council, the General Directory for Catechesis, the Catechism of the Catholic Church, the Rite of Christian Initiation of Adults, The Document of Aparecida. The narrative interviews were carried out with the purpose of knowing how the two collections that are used in the mentioned diocese to the catechetical practice were constructed, being two interviews about each collection. This choice was also due to the recent temporal delimitation (year 2000), the beginning of the mobilization of the Diocese for the formulation of those new collections. The focus groups were mobilized to know the collections from the perspective of the catechists who use them, with a focal group for each collection and a session for each group. From this empirical corpus, it was possible to relate the cachectic practice with the educational practice. In order to define the latter and use its own concepts that could help the catechetical practice, the theoretical reference used was Paulo Freire´s thought (1983, 2004, 2005), once he tinks education as a process of human formation. The research was divided in five chapters, the first being the preliminar considerations that seek to present some definitions of the concepts of Catechesis, Catechumenate and Christian Initiation, as well as the theoretical and methodological choices made to develop this research. In the second chapter, it was presented the documentary analysis, through which it is possible to understand the orientations of the Catholic Church so that the Catechumenate may be taken as a model for catechesis. The third chapter seeks to present the collections used in the practice of catechesis in the Diocese of Caxias do Sul, and the fourth chapter intends to present the relation of catechesis, as a human formation, and its characteristics exposed in the two previous chapters with the Freirean thought about education. It was mobilized the concepts of conscientization, humanization, formation, social praxis, autonomy, dialogicity, among others. Thus, it is possible to conclude that catechesis is a form of education, of human formation, that can use educational thought to improve its

practices and understand its role in the Catholic community. The role of education is precisely to help catechists understand that they are part of a formative process that assists in the constitution of the Christian being. This understanding, in turn, with the help of educational theories, can make this practice more meaningful for catechizers, making them builders of their own faith. This process of education for the faith never ends, as well as human formation, and catechesis is the period in which this formation will have its foundations for the search for the being more and the unprecedented-viable Christian being.
Keywords: Catechesis; Education; Human formation; Freirean Thought; Dialogicity.

LISTA DE SIGLAS

AA – Decreto *Apostolicam Actuositatem*

AG – Decreto *Ad Gentes*

AL – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*

At – Atos dos Apóstolos

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CELAM – Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho.

CEPABC – Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética

CD – Decreto *Christus Dominus*

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CR – Catequese Renovada

DGC – Diretório Geral para a Catequese

DNC – Diretório Nacional de Catequese

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum*

Fl – Carta de São Paulo aos Filipenses

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

GE – Declaração *Gravissimum Educationis*

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

LS – Carta Encíclica *Laudato Si*

NA – Declaração *Nostra aetate*

OT – Decreto *Optatam Totius*

PO – Decreto *Presbyterorum Ordinis*

RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos

SC – Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*

UR – Decreto *Unitatis Redintegratio*

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS 11

2 ESTILO CATECUMENAL: FUNDAMENTO DE UMA PRÁTICA EDUCACIONAL 23

2.1 Catecumenato 26

2.2 O Catecumenato como orientação para a prática catequético-educativa 35

3 A CATEQUESE NA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL 52

3.1 Inspiração para a prática na diocese: as duas coleções 55

3.2 As coleções como itinerário de formação: uma análise em perspectiva 59

4 A PRÁTICA CATEQUÉTICA COMO UMA PRÁTICA EDUCACIONAL 80

4.1 Catecumenato como um rocesso educacional 81

4.2 Pensamento freireano: Considerações possíveis para a catequese 89

4.3 A formação da comunidade formadora: um olhar especial sobre os catequistas 103

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 115

6 REFERÊNCIAS 120

7 APÊNDICE 126

8 ANEXOS 127

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao pensarmos a respeito da educação, é possível percebermos que ela é um processo amplo e contínuo que ocorre em todos os lugares e faz parte de uma prática sociocultural. Não é mera transmissão de conhecimentos, mas sim, oportunidade para sua construção. Ajuda a entender o contexto social em que se está inserido quando relaciona conteúdo e realidade, busca a significação do primeiro para, a partir dele, propor a atuação crítica na sociedade.

Freire[1] (1996, p. 64) entende o ser humano como um ser inacabado que, quando consciente de sua *inconclusão*, pode ir além dela. Em outras palavras, reconhecer a *inconclusão* é o que permite a esperança e a busca pela (re)construção. Quando há consciência desta há também a implicação do ser humano "num permanente movimento de busca", o qual torna a educação um processo permanente também.

Este movimento de busca, é a busca por *ser mais*. O educador traz a concepção do "*ser mais* como expressão da natureza humana em processo de estar sendo" (FREIRE, 1996, p. 87), e o considera a vocação ontológica dos homens. Neste processo o ser humano não é determinado e está constantemente em construção, na busca pela humanização. A consciência do inacabamento e a construção do ser humano, na qual se dá a busca pelo *ser mais*, são viabilizadas pela educação[2].

Assim, compreendo[3] o conceito de educação como uma prática sociocultural, como um movimento pela busca do *ser mais*, da mesma forma que Libâneo (2004) pensa a educação como um processo contínuo e que pode ter como agentes educativos variadas instituições e práticas. Deste modo, permite compreender que há múltiplas formas de ensino e aprendizagem institucionalizadas ou não, além dos processos escolares (formais), em diversificados momentos informais e não-formais nos quais ocorre a construção do conhecimento.

A partir disso, penso que o ensino e a aprendizagem ocorrem de muitas maneiras que

[1] Para evitar que esta relação seja pensada com estranheza pelas questões teóricas que envolvem Freire, utilizo uma citação do próprio educador a este respeito: "Eu tive uma formação cristã-católica. E alguns comunistas estreitos me recusaram por causa dessa formação católica. E alguns católicos tão estreitos quanto esses comunistas me recusavam pela minha conivência com Marx. Eu nunca neguei a minha camaradagem com Cristo e nunca neguei a contribuição de Marx para melhorar a minha camaradagem com Cristo. Marx me ensinou a compreender melhor os Evangelhos." Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/paulo-freire?page=full>. Acesso em: 07 out. 2016.

[2] Estas ideias serão desenvolvidas no capítulo 4, dedicado à relação entre educação e catequese, a partir do pensamento freireano.

[3] Opto pela escrita do texto na primeira pessoa do singular, mas registro que a interlocução com os orientadores, bem como as discussões promovidas em aulas e em outros momentos foram de fundamental importância para a construção desta dissertação.

permitem considerar a educação como um fenômeno que atinge, em alguma medida, todas as pessoas em diversos momentos e lugares de sua existência. Uma das instituições que promove uma destas variadas práticas da educação é a Igreja Católica que, por meio da catequese, visa à formação para a vida cristã[4].

A catequese é entendida pela Igreja Católica como um processo de iniciação, de formação da base para a vida cristã. O Diretório Geral para a Catequese toma o "conceito de catequese como escola da fé, como aprendizado e tirocínio de toda a vida cristã" (DGC, n.30)[5], também enfatiza que a catequese é "a missão evangelizadora da Igreja" (DGC, n. 59) e está ligada com a ação litúrgica e sacramental. O Catecismo da Igreja Católica ainda apresenta este conceito como "o conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos" (CIC, n. 4) e, por isso, é também entendido como fundamental na Iniciação Cristã (DCG, n. 66).

Além de ser uma prática histórica, ela pode ser considerada educacional no sentido de ser pensada como educação não-formal, tomando em conta sua intencionalidade e organização de métodos e conteúdos expressos pelos documentos da Igreja Católica que a orientam. Tendo o objetivo de que os catequizandos estejam "não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo" (DGC, n. 80), a catequese não pode ser mera transmissão dos conhecimentos que envolvem este caminho. Deve trabalhar para que, como um ato educativo, os catequizandos tenham consciência do que é ser cristão, para viverem como tal.

A justificativa da escolha deste tema para desenvolver a pesquisa de mestrado esteve relacionada à proximidade e afinidade já existentes com ele por meio de minha atuação como catequista e por este ser de relevância para minha vida enquanto cristã e também enquanto profissional dada a sua relação com a educação (mesmo que em um processo não-formal). A partir da revisão de literatura realizada no projeto de pesquisa, pude perceber que há poucos escritos sobre a catequese e que estes a relacionam com diversos temas, mas não

[4] É importante lembrar que a Igreja teve papel importante, desde a antiguidade, nos processos formativos que inicialmente se davam em orientações (anunciadas através de cartas, Evangelhos, etc. principalmente para a formação da comunidade cristã e após a adesão dos impérios, como orientação para a sociedade como um todo) que perpassavam as relações sociais desde a família até a vida em comunidade e atingiram o âmbito das teorias pedagógicas e da escola formal (também orientadas, sistematizadas e ofertadas pela Igreja Católica, por meio de padres e focada no educar-instruir). Especificamente no Brasil, a educação mediada pela Igreja Católica, principalmente através dos Jesuítas, deu início aos processos de educação formal (catequese, escolarização, formação de sacerdotes e da elite intelectual). Estudos de Cambi (1999) e Azzi (1978, 1992) podem auxiliar a esclarecer estes aspectos que não serão o foco de estudo desta dissertação.

[5] Como os documentos da Igreja Católica possuem numeração de parágrafos optei por fazer a indicação das citações dos documentos por parágrafos também. Assim, o número que segue após menção a um documento é o número do parágrafo no qual a ideia posta aqui se encontra.

especificamente com o foco desta pesquisa a qual busca pensá-la como um processo educacional.

Por isso, acredito que este estudo traz contribuições no sentido de ser apresentado aos catequistas que atuam nesta pastoral como forma de conhecerem melhor o processo do qual fazem parte e, a partir disso, (re)pensar sobre sua prática. Contudo, é necessário ressaltar que a pesquisa tem o direcionamento de meu olhar enquanto pesquisadora. Entender isto significa reconhecer que haverá limites nos resultados apresentados, pois neles estão meu entendimento e minha interpretação.

Neste sentido, olho a prática catequética que ocorre na Diocese[6] de Caxias do Sul, orientada a partir de duas coleções[7] que foram formuladas pensando na realidade desta diocese, tomando em conta a orientação dos documentos da Igreja Católica para o Catecumenato e relacionando esta forma de organização da catequese com o processo educacional. Vale ressaltar aqui a importância da abertura da Diocese de Caxias do Sul, dando espaço para a formação de duas equipes para a condução dos estudos que resultaram na elaboração de duas coleções de livros para a catequese. Não obstante a tensão, as dificuldades e as diferenças existentes na diocese, as duas equipes formadas elaboraram excelentes coleções, tornando a Diocese de Caxias do Sul referência a respeito do tema em função delas. Isto pode ser afirmado tendo em vista o fato de que ambas as coleções estão sendo utilizadas também em outras dioceses, conforme as entrevistas realizadas.

Sei que o olhar sobre a catequese na Diocese de Caxias do Sul sempre existiu desde quando se formaram as primeiras comunidades e paróquias pelo fato de que a religião é motivo de união entre as pessoas que aqui habitam e, por isso sempre houve o compromisso de catequizar, mas é necessário delimitar temporalmente a pesquisa. Esta delimitação se faz

[6] Vale ressaltar aqui, que por diocese entende-se a união de algumas paróquias de várias cidades para atuação de um mesmo bispado, sendo pertencentes à diocese a qual nos referimos (de Caxias do Sul) 38 cidades, subdivididas nas regiões pastorais de: Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Nova Prata, São Francisco de Paula. A Diocese de Caxias do Sul teve seu início em 8 de setembro de 1934. Segundo Grazziotin (2010), a criação de uma diocese no Rio Grande do Sul ocorreu após a Revolução Farroupilha e como a região da Serra crescia rapidamente, pois ali haviam muitos imigrantes católicos foi pensado na criação de uma diocese específica para ela. Após isto, aos poucos, criavam-se paróquias para atender as mais diversas localidades da região, aproximando a Igreja a seus fiéis. Devido ao grande número de imigrantes alemães, italianos, poloneses, franceses, entre outros, congregações religiosas vieram para a região, com o intuito de acompanhar e auxiliar estes imigrantes nas "necessidades religiosas e catequéticas que eram vividas" (GRAZZIOTIN, 2010, p. 13). Na região, as congregações começaram a exercer papéis frente à educação envolvendo-se também com a formação catequética. Assim, aos poucos, foi-se também instaurando a educação católica nas escolas e também na paróquia central especificamente para o ensino de catequese.

[7] As duas coleções formuladas na Diocese de Caxias do Sul para a prática catequética, intituladas Catequese com Leitura Orante e Caminho de Iniciação à Vida Cristã, são apresentadas no capítulo 3.

tomando como base o momento no qual a Diocese de Caxias do Sul retomou sua atenção à catequese, permitindo perceber que novos caminhos precisavam ser trilhados.

As entrevistas realizadas confirmaram que a Diocese sempre deu atenção à Iniciação Cristã, mas também que uma mobilização maior iniciou após o ano 2000, o que leva a selecionar este ano como o marco temporal inicial do olhar sobre a catequese nesta diocese. O término deste período, para a pesquisa, finaliza no ano atual, uma vez que as coleções estão sendo utilizadas desde os anos de 2008 e de 2010 e são, portanto, recentes. O olhar sobre elas leva em consideração o tempo que as paróquias que aderiram a elas precisaram para se adaptar e isto torna necessário que o tempo de sua utilização seja o maior possível.

Para isso, a pesquisa parte do questionamento de como a prática Catequética na Diocese de Caxias do Sul, realizada a partir da orientação de duas coleções formuladas para esta prática, pode ser relacionada ao Catecumenato (orientado pela Igreja Católica) e entendendida como uma prática educacional. Assim, delimita-se também o marco espacial da pesquisa, que foi escolhido com intuito de observar as discussões realizadas na Diocese de Caxias do Sul acerca da catequese, visto que as coleções utilizadas atualmente para esta prática foram formuladas por pessoas que a integravam observando as necessidades encontradas nela.

Para atender às orientações dadas pela Igreja Católica, as quais estão expressas em seus documentos sobre a catequese, o Catecumenato deve ser tomado como referência no momento em que o material para esta prática for elaborado. Portanto, busco analisar as duas coleções formuladas na Diocese de Caxias do Sul, com base nestas orientações. Os documentos apresentam o Catecumenato como inspiração para a catequese, no sentido de explicitarem algumas características fundamentais que seguem um itinerário pré-estabelecido, entendendo a catequese como Iniciação à Vida Cristã. Estas características são apresentadas no capítulo dois.

Neste trabalho, a catequese é pensada como uma prática educacional, à qual teorias pedagógicas podem apresentar sugestões para o (re)pensar da prática catequética. Começando com o conceito de educação, o abordo a partir de Paulo Freire (1983, p. 76) que afirma que a educação deve ser libertadora, tendo como um de seus objetivos "o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem". Seguindo esta concepção de educação, Freire, segundo Gadotti (1996, p. 80) a entende também como "ato político, como ato de conhecimento e como ato criador" que deve estar em relação com a realidade.

Freire (1983, p. 69) conceitua, assim, que a educação também "é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos

interlocutores que buscam a significação dos significados". Sendo comunicação, a ação educadora entende o educando como um ser inserido em um contexto histórico, podendo apreendê-lo, transformá-lo e reinventá-lo, aplicando o "aprendido-apreendido a situações existenciais concretas" (FREIRE, 1983, p. 28). Ainda segundo o autor, para a aquisição de conhecimento, também é necessária a busca constante do sujeito, sua ação transformadora da realidade, sua reflexão crítica.

Este e outros autores, como Severo (2015) e Trilla (2008), ao tratar da educação também referem à prática pedagógica que a envolve. Por isso, neste texto penso a prática pedagógica que pode existir nos encontros de catequese. Sei que há diferenças entre a prática educativa e a prática pedagógica e, compreendendo os dois conceitos, busco mobilizá-los para pensar o tema desta pesquisa. Entendo que a catequese é uma prática educacional (visa a formação do cristão) que pode se utilizar de diferentes teorias e ferramentas pedagógicas para atingir seus objetivos.

Conforme o pensamento de Freire (2005) a prática pedagógica tem como objetivo a conscientização. A partir da realidade dos educandos deve ocorrer a busca pelos conteúdos a serem desenvolvidos e nesta busca, desenvolve-se o diálogo que vê a educação como prática da liberdade. Nesta "prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é 'depositado', se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus 'temas geradores'" (FREIRE, 2005, p. 65).

A educação problematizadora é possível quando a ação do educador media a reflexão crítica e busca a conscientização através da "inserção crítica na realidade" (FREIRE, 2005, p. 45). Para Freire (2005), a reflexão crítica contribui para a libertação dos oprimidos. Sendo humanizadora, a prática não é instrumento para o educador manipular o educando, mas é relação dialógica entre eles. Esta dialogicidade permanente entre educador e educando é parte da educação problematizadora que busca o pensar autêntico e frente a isso "o papel do educador problematizador é proporcionar, com os educandos, as condições em que se dê a superação do conhecimento no nível da 'doxa' pelo verdadeiro conhecimento, o que se dá, no nível do 'logos'" (FREIRE, 2005, p. 45). Sendo assim,

> [q]uando a prática pedagógica é problematizadora, os educandos desenvolvem sua compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo […] A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham (FREIRE, 2005, p. 46).

A prática pedagógica, para Freire (2005), visa a compreensão e, para isso, problematiza o saber, buscando a conscientização para a atuação. Esta conscientização acontece quando o sujeito se dá conta de sua *inconclusão* e percebe o mundo ao seu redor, a opressão existente nele. Ao perceber a si mesmo e o mundo em que se encontra, começa, num processo de reflexão e ação, a buscar a transformação do mundo, para a prática de sua liberdade, sua emancipação.

Ao pensar que o sujeito é constituído através da aprendizagem na vida em sociedade e que elabora e constrói sua própria consciência a partir das relações com outros sujeitos e com o mundo, podemos entender a catequese como aprendizagem, pois é um processo de formação do sujeito como cristão (DGC, n. 84). Entendo também que a catequese e a própria vida cristã proporcionam momentos de convivência, de troca entre sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade e de estudo sobre o caminho que esta comunidade acredita e segue.

Neste ponto, outro olhar que se pode fazer é o da catequese e da própria prática educativa como práticas culturais. Para Chartier (2002, p. 66), pensar em cultura é pensar na organização das relações que acontecem na sociedade, "pensar de outro modo a cultura [...], exige concebê-la como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou comportamentos aparentemente menos culturais." Entendendo também a catequese como uma prática cultural, ela envolve a comunidade católica buscando nela alguns subsídios, ao mesmo tempo em que fornece novos caminhos para suas relações.

Também é necessário explicitar que a catequese será relacionada com a educação na medida em que é entendida como um processo de educação não-formal. Segundo Stecanela (2008, p. 5), a estrutura da educação não-formal se parece com a da formal "porém tem maior flexibilização nos tempos e espaços, bem como nas mediações proporcionadas pelos conteúdos de aprendizagem, sem se preocupar com a certificação, embora possa fazê-la." A catequese pode, então, ser considerada uma prática educacional não-formal, ao observar que ela se difere da educação escolar (formal) nos aspectos: tempos, espaços e conteúdos, os quais são flexibilizados para atender as necessidades da comunidade onde estiver sendo organizado este processo.

A catequese, enquanto educação não-formal, apresenta uma característica fundamental que é encontrada também na educação formal: a intencionalidade. Na prática catequética esta se dá na busca pelo aprendizado para a vida cristã e na inserção do catequizando na comunidade católica, sendo atuante nela e comungando da mesma fonte de inspiração para a vida (Jesus Cristo).

Feita uma introdução e apresentação de algumas definições consideradas importantes para entender o tema desta dissertação, iniciarei agora os tópicos específicos a serem debatidos para que se possa atingir o objetivo geral da pesquisa. Este se dá explicitamente na intenção de pensar a prática Catequética na Diocese de Caxias do Sul, realizada a partir da orientação de duas coleções formuladas para esta prática, relacionando-a ao Catecumenato (orientado pela Igreja Católica) e entendendo-a como uma prática educacional.

As duas coleções que conduzem os encontros de catequese foram formuladas na Diocese de Caxias do Sul para a Iniciação Cristã e são utilizadas atualmente em diferentes paróquias desta diocese. Elas estão metodologicamente baseadas na Leitura Orante da Palavra[8], porém ambas se distinguem em relação aos conteúdos e ao critério temporal (i.e., calendário litúrgico e calendário civil).

Sendo um processo de educação para a fé que acompanha e incentiva os catequizandos, a catequese na Diocese de Caxias do Sul apresenta algumas características estruturais, tais como a divisão em quatro etapas (que tem a duração de 1 ano cada uma), os ritos que em cada uma os catequizandos perpassam[9] e a faixa etária normalmente está entre 9 e 13 anos de idade.

O Catecumenato, em princípio, era uma proposta para a evangelização de adultos, pois no início do Cristianismo as conversões que ocorriam eram de adultos que buscavam o batismo e configuravam sua vida na comunidade aos preceitos da vida cristã. Mas, com o passar do tempo, viu-se a necessidade de evangelizar também as crianças, para que estas estejam cientes da comunidade a qual pertencem, e possam partilhar da vivência nela, através também do sacramento da Eucaristia. Assim, a catequese para as crianças foi difundida, tornando-se hoje mais comum do que a catequese de adultos.

Segundo a coordenação da pastoral catequética, na Diocese de Caxias do Sul, a prática de catequese para adultos não é muito procurada. Além disso, olhar para a catequese de adultos traria uma demanda maior no que diz respeito à coleta de dados por meio das entrevistas e dos grupos focais realizados. A prática catequética com adultos e com crianças é diferente, pois o nível de desenvolvimento (e, por consequência, de entendimento) é diferente, mesmo que as orientações gerais da Igreja Católica sejam basicamente as mesmas. Assim, não

[8] De forma bastante resumida, a Leitura Orante se apresenta em quatro momentos: leitura atenta do texto, meditação, oração e contemplação. Estes são explicados no capítulo 2.

[9] Em cada etapa há ritos diferentes que marcam a passagem de um tempo a outro, sendo momentos de entrega de símbolos que acompanharão os catequizandos no caminho que está sendo percorrido, bem como a realização dos sacramentos que os acolhem na Igreja, entre outros.

será dada ênfase à catequese com adultos nesta pesquisa, uma vez que esta terá como foco a prática com crianças e jovens.

Para perceber como acontece e como é fundamentada a catequese na Diocese de Caxias do Sul é necessário apresentar os referenciais teóricos que auxiliam na realização da pesquisa documental, história oral e grupos focais. A pesquisa documental foi realizada como passo inicial da pesquisa, mas foi contínua durante toda a sua construção. Foram considerados como fontes escritas os livros das duas coleções para a catequese utilizadas na diocese, bem como os documentos publicados pela Igreja Católica visto que estes orientam a prática catequética e fornecem a sua definição, finalidade e estruturação.

Apresento também entrevistas narrativas com quatro pessoas que participaram da elaboração das coleções para que, a partir de suas falas, seja possível entender como este processo foi pensado e executado, além de observar o que foi utilizado para nortear a escrita dos mesmos. Justifico o uso da história oral como método de pesquisa a partir da leitura de Thompson (1988), considerando o tema da pesquisa um assunto contemporâneo, observando sua formulação e mudanças a partir do olhar sobre o que o fez ser como é hoje, mesmo que esteja à luz de um itinerário historicamente conhecido e realizado no início da caminhada dos cristãos: o Catecumenato.

Ainda, a entrevista narrativa permite "esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma" (FERREIRA; AMADO, 2005, p. XIV), bem como recuperar e recriar o objeto de estudo através da memória. Este é o caso desta pesquisa, pois os processos que envolveram o movimento para pensar e (re)formular a prática da catequese na Diocese de Caxias do Sul serão conhecidos através de entrevistas. Como não há materiais impressos ou documentos que foquem nestes aspectos, a realização de entrevistas foi entendida como o recurso que possibilitou o esclarecimento deste processo. Como nos diz Alberti (2005, p. 165),

> [u]ma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram ou elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas […] entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas.

As entrevistas realizadas foram tomadas pela subjetividade, pelas vivências e percepções dos entrevistados, mas são elas que permitiram a compreensão das ações do grupo ao qual eles pertenciam durante a elaboração dos livros que estão sendo utilizados na prática

catequética. Assim, tornou-se possível também entender a catequese a partir de uma visão social e interdisciplinar que possibilitou a produção de conhecimentos sobre ela.

Pensando desta forma, meu papel enquanto pesquisadora mais do que fazer registros foi o de fazer sínteses e análises históricas a partir das falas dos agentes deste processo para a construção de traços da história da catequese na Diocese de Caxias do Sul. A história foi construída "praticando-a sistemática e criticamente; mantendo a disposição de voltar atrás reflexivamente sobre os passos percorridos, com a finalidade de melhorar cada vez mais o nosso[10] desempenho" (LOZANO, 2005, p. 25).

Porém, como já escrito anteriormente, o uso da história oral considerando as entrevistas como fonte teve como base as vivências individuais dos entrevistados. Portanto, lembro que foi necessário considerar a subjetividade, as emoções e os fatos acontecidos no entorno do entrevistado, pois tudo isto foi compondo suas recordações. As histórias contadas através das entrevistas são versões possíveis, pois sei que outros entrevistados, outras perguntas ou outros pesquisadores poderiam dar caminhos diferentes aos dados coletados.

Cada pessoa produz relatos únicos a serem contados, mesmo que as perguntas sejam as mesmas, pois cada entrevistado participou de momentos e funções específicas e diferentes neste processo, tornando, assim, seu olhar sobre ele e, portanto, sua memória algo individual, único e exclusivo. "Ao contar suas experiências o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido" (ALBERTI, 2005, p. 171). Ainda, segundo Alberti (2005), a entrevista é uma fonte, não a história, sendo, por isso, necessário entender que não será um relato completo de tudo o que ocorreu para a elaboração das coleções.

A história oral é "um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais" (LOZANO, 2005, p. 16). As entrevistas realizadas são "ao mesmo tempo, um relato de ações passadas e um resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista" (ALBERTI, 2005, p. 169). É relato de ações passadas no sentido de que busquei olhar para o processo de elaboração das coleções e é construção do presente no sentido de que ela ocorre a partir da comunicação entre entrevistado e entrevistador no momento da entrevista. Mesmo com a intenção de influenciar o menos possível, o entrevistador é o condutor inicial da entrevista, autor junto do entrevistado.

[10] Aqui, o autor refere-se ao desempenho dos historiadores orais.

Freire (1997) também comenta sobre esta condição para a escrita de algo que já aconteceu ao apontar sobre a questão da lealdade entre o tempo que viveu e o tempo histórico que vive enquanto escreve, retomando que somos seres históricos, inseridos em um contexto social do qual participamos como sujeito e como objeto. A partir de sua própria experiência, Freire (1997, p. 22) expõe como é trazer a memória de algo que já passou.

> Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, devo ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os 'olhos' com que 'revejo já não são os 'olhos' com que 'vi'[...] Afinal o passado se compreende, não se muda.

Na construção do corpus empírico, a realização de grupos focais com catequistas foi pensada com o objetivo compreender através deles como se efetiva a prática catequética orientada pelas duas coleções. Os limites, dificuldades e potencialidades das duas coleções foram debatidos por indivíduos que as utilizam em sua função de catequista.

Sobre grupos focais, Gondim (2013, p. 151) traz como definição que esta é uma técnica de pesquisa que busca a coleta de dados a partir da discussão de um grupo sobre um tema específico. Para iniciar, é preciso ter clareza do propósito de utilizar os grupos focais. Neste trabalho, o propósito foi o de entender o olhar dos catequistas sobre as coleções que norteiam os encontros de catequese na Diocese de Caxias do Sul e para conhecer aspectos da prática catequética e educacional que é desenvolvida por eles através destas coleções. Na perspectiva de Almeida (2010, p. 107),

> a utilização dessa técnica para compreender o contexto sociocultural é significante, pois permite analisar amplamente certo grupo social à medida que busca entender atitudes, preferências, sentimentos, consensos, dificuldades, necessidades ou conflitos não claros ou pouco explicitados em grupos, sejam eles categorias sociais, como no caso de jovens, ou mesmo em indivíduos com alguma identidade e homogeneidade.

Tendo o propósito explicitado, foram realizados dois grupos focais: um grupo foi composto por catequistas que trabalham com a Coleção Caminho de Iniciação à Vida Cristã e outro grupo foi composto de catequistas que utilizam a Coleção Catequese com Leitura Orante.

Por buscar observar a prática da catequese a partir destas coleções de forma ampla, os grupos foram compostos por catequistas das quatro etapas da catequese, permitindo, assim, observar aspectos gerais de todas as etapas. Fiz esta opção, entendendo que a delimitação por uma ou outra etapa seria um recorte que não permitiria visualizar o processo como um todo,

mas entendo também que por questões relativas ao desenvolvimento dos catequizandos, a catequese ministrada na primeira etapa apresenta diferenças da catequese da última etapa. Como os livros não possuem diferenças metodológicas – somete nos conteúdos/textos bíblicos apresentados – ter catequistas de todas as etapas nos grupos focais permitiu observar também a gradualidade e continuidade do caminho de 4 anos da catequese, além de permitir observar como os catequistas vivenciam esta metodologia nas diferentes etapas.

A divisão dos grupos focais em dois (de acordo com a coleção que os catequistas utilizam) e a participação de catequistas das quatro etapas também levaram em conta o pensamento de Barbour (2009, p 21), pois ela orienta a composição do grupo de modo que se possa "garantir que os participantes tenham o suficiente em comum entre si, de modo que a discussão pareça apropriada, mas que apresentem experiências ou perspectivas variadas o bastante para que ocorra algum debate ou diferença de opinião".

A realização dos grupos focais permitiu observar alguns aspectos de cada uma das coleções que só poderiam ser percebidos por catequistas que atuam com cada uma delas. Assim, os catequistas foram instigados a debaterem sobre alguns tópicos de cada coleção como, por exemplo: se o objetivo da catequese, como expresso nos documentos, consegue ser alcançado a partir do uso destas coleções; se a metodologia dos encontros (baseada na Leitura Orante) e os textos bíblicos utilizados favorecem a este objetivo; sobre a formação que cada catequista tem (ou não) para trabalhar com as coleções e com a catequese como um todo (formação teológica e pedagógica); sobre o que conhecem da coleção que utilizam, de onde vem, quem a formulou, seu embasamento teológico, documental e também se entendem a catequese como uma área ligada à educação e, se sim, em quais aspectos.

Cada grupo focal, com média de participação de 12 pessoas, teve a duração de 1 hora cada, sendo realizada apenas uma sessão com cada um em função da dificuldade para reunir os catequistas em um mesmo horário. As conversas, por envolverem todas as etapas, expuseram uma visão geral de cada coleção, mas como no caso das entrevistas, o grupo focal não dá a visão total de cada coleção. Mesmo envolvendo catequistas das 4 etapas, é preciso lembrar que outros catequistas, outras perguntas, outra interpretação, poderia levar a outros resultados. Nos capítulos 3 e 4, os resultados dos grupos focais serão explicitados.

Após explicitar a base metodológica para a análise realizada durante a pesquisa, creio ser importante explicitar de que forma ela será organizada, para conseguir abordar os aspectos necessários. A dissertação foi estruturada de forma a apresentar já no segundo capítulo a orientação da Igreja Católica para a prática catequética fazendo uma interpretação de seus

documentos. Estes orientam a catequese no estilo catecumenal, retomando os aspectos da Iniciação Cristã das primeiras comunidades cristãs que foram formadas. Tendo isto em vista, no segundo capítulo intitulado *Estilo catecumenal: fundamentos de uma prática educacional*, apresento as primeiras características que permitem relacionar a catequese e a educação. O capítulo foi dividido em 2.1 *Catecumenato* e 2.2 *O Catecumenato como orientação para a prática catequético-educativa*.

No terceiro capítulo abordo a questão da *Catequese na Diocese de Caxias do Sul*, como indica o título. As orientações da Igreja Católica deixam espaço para as variações que a realidade de cada diocese pode apresentar fazendo-se necessário observar especificamente como a Diocese de Caxias do Sul construiu o seu "catecismo local[11]". Neste capítulo, as duas coleções que foram formuladas nesta diocese para catequese são analisadas na seção 3.1 *Inspiração para a prática na diocese: as duas coleções*, no intuito de observar como ocorre a educação na fé guiada por elas. Após a descrição, busco olhar para ambas, analisando-as e já pensando, ainda que de forma breve, em como a teoria educacional pode auxiliar para que estes consigam atingir seus objetivos (item 3.2 *As coleções como itinerário de formação: uma análise em perspectiva*).

No último capítulo, intitulado *A prática catequética como uma prática educacional*, a catequese é pontualmente vinculada com a prática educacional. Explorando inicialmente as características que permitem que a relação entre ambas seja feita, retomo a conversa que finaliza o capítulo anterior na seção 4.1 *Catecumenato como um processo educacional*. Apresento também os aspectos da educação e da pedagogia, fundamentados principalmente no pensamento freireano, que podem contribuir e auxiliar no aperfeiçoamento desta prática, na seção *4.2 Pensamento freireano: considerações possíveis para a catequese*. Num último subtítulo (4.3), penso *A formação da comunidade formadora: um olhar especial sobre os catequistas*, refletindo sobre a importância destas no Caminho de Iniciação à Vida Cristã.

[11] De acordo com o Diretório Geral para a Catequese, é necessária a construção de catecismos locais para, junto da Bíblia, guiar os passos da Iniciação Cristã, de acordo com as características encontradas em cada região, em nosso caso, na Diocese de Caxias do Sul.

2 ESTILO CATECUMENAL: FUNDAMENTO DE UMA PRÁTICA EDUCACIONAL

Neste capítulo, como já explicitado, tenho a intenção de apresentar o que é o catecumenato, a catequese e quais são as orientações da Igreja Católica para a formação cristã. Assim, inicio apresentando algumas definições importantes sobre a temática. Creio ser necessário definir e explicar o Catecumenato, que dá a base para a catequese apresentando os processos históricos que o envolveram (seção 2.1) para, posteriormente, verificar suas implicações para a prática catequética, localizadas nas orientações dos documentos da Igreja Católica (seção 2.2). As características do catecumenato apresentadas e as orientações da Igreja Católica para a prática catequética podem ser entendidas como fundamentos de uma prática educacional não-formal, realizada na catequese.

Inicio, assim, com alguns conceitos fundamentais para o entendimento do tema desta dissertação. No Dicionário de Catequética, Arés e Recalde (2004a) fazem um breve apanhado histórico da catequese comentando que sua prática passou por várias mudanças ao longo dos tempos, sendo entendida como um processo de anúncio aos não crentes, o ensinamento aos convertidos, preparação para o batismo (e, mais adiante, para a primeira comunhão e crisma), formação cristã básica e instrução religiosa. Em alguns momentos voltou sua atenção à iniciação de adultos e em outros à iniciação das crianças.

Ainda o mesmo dicionário apresenta que a mudança temporal possibilitou atualizações feitas ao conceito de catequese por meio de documentos da Igreja Católica que buscaram aprimorá-lo para um melhor entendimento e prática. Os documentos gerados a partir do Concílio Vaticano II (1965), entre outros documentos, apresentam a catequese como educação geral na fé, essencial para a evangelização, condutora da participação consciente, Iniciação Cristã integral, o ensinamento da revelação e da doutrina cristã, etc. Busco, a seguir, conceituar catequese a partir de alguns documentos da Igreja Católica, tais como o Diretório Geral para a Catequese, o Diretório Nacional para Catequese, o Catecismo da Igreja Católica, entre outros.

Segundo o Diretório Geral para a Catequese (n. 63) “o momento da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para aquela primeira adesão”. Este momento de formação que é gradual e progressivo (DGC, n. 129), anuncia os fatos e as palavras da Revelação (que estão na Bíblia) explicando-a e propondo uma reflexão para a conscientização. Além de recordar “as maravilhas de Deus operadas no passado” (DGC, n. 39), a catequese recorda a vida de Jesus e interpreta-a com o

intuito de relacioná-la com a vida dos catequizandos. Para tanto, o DGC toma como fonte principal a Palavra de Deus e os sacramentos da Iniciação Cristã como importantes para a vida cristã integral. Vale ressaltar que a Igreja considera que Jesus Cristo é a própria Palavra de Deus (DGC, n. 98) e, por isso, a catequese tem como centro Sua vida (Cristocentrismo).

Como já explicitado anteriormente, a finalidade da catequese é a promoção da comunhão com Jesus Cristo (DGC, n. 80). Ela transmite a fé e a experiência do Evangelho por meio da iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo ao homem, em Jesus Cristo (DGC, n. 66). Sendo assim, ela busca a aproximação com o mistério de Cristo e para isso ajuda a conhecê-lo, celebrá-lo e vivê-lo. A catequese auxilia na promoção e amadurecimento da conversão inicial ao educar para a fé e ao inserir o catequizando na comunidade Cristã para configurar sua identidade e para "fecundar as suas experiências mais profundas" (DGC, n. 78).

Ainda segundo o DGC (n. 4), a catequese é a ação evangelizadora da Igreja e deve ser também considerada como um momento prioritário na evangelização por que dela depende o crescimento interior da Igreja. Saés (2004) aponta que as dimensões e tarefas da catequese são: iniciar na palavra viva de Deus e na oração; promover a conversão e o compromisso missionário e fazer discípulos para a comunidade cristã.

O Diretório Nacional de Catequese (2006) também apresenta como finalidades da catequese o aprofundamento e amadurecimento da fé para a vida em comunidade (n. 33) buscando "levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo" (n. 43). Além disso, o mesmo diretório acrescenta como finalidade da catequese a busca do "equilíbrio entre razão, sentimento, comportamento, engajamento na comunidade e na sociedade, tendo como finalidade a formação de fiéis comprometidos com o Senhor, com sua Igreja e com o Reino" (n. 90).

O Catecismo da Igreja Católica, ao recordar que o centro da catequese é Jesus Cristo, assinala que a sua finalidade é levar o catequizando à comunhão com Ele (CIC, n. 426), sendo também servidora da oração ao ensiná-la (CIC, n. 2688), tomando seu sentido como meditação pessoal. Em outras palavras, a catequese é introdutória da vida religiosa e basilar na construção da personalidade do discípulo e da comunidade. A catequese é concebida como alimento da comunidade cristã, pela ação pastoral, e alimento da fé, pela ação missionária. Faz amadurecer a conversão, tendo sua origem e fim na confissão de fé. Para isso, busca aprofundar a adesão à fé para que esta seja viva, explícita e operosa (DGC, n. 66) através do

trabalho vital e significativo com a Sagrada Escritura e com o catecismo local (DGC, n. 128) para que o catequizando se ponha em comunhão com Jesus Cristo.

O DGC aponta também para o fato de que as principais tarefas da catequese são as seguintes: "ajudar a conhecer, celebrar, viver e contemplar o mistério de Cristo" (n.85); favorecer o conhecimento da fé, a educação litúrgica, a formação moral; ensinar a rezar; educar para a vida comunitária; e iniciar à missão (n. 86).

Também são elementos fundamentais para a catequese a busca por uma Iniciação Cristã integral, que seja alimento da fé; a organização para a formação orgânica e sistemática da fé, (aprofundando do mistério de Cristo), que fundamenta a espiritualidade do catequizando; a inclusão na comunidade, considerando aspectos da vivência nela, no grupo e na família bem como da própria vida dos catequizandos e, também, aspectos da celebração litúrgica. Para Saés (2004, p. 131), "em sentido estrito catequese é o ensinamento elementar da fé. Em sentido pleno é a Iniciação Cristã integral".

Como o conceito de Evangelização se aproxima ao de catequese, creio ser importante também escrever sobre ele, visto que este estabelece a relação da Iniciação Cristã (que é a catequese) com o primeiro anúncio do Evangelho. Através da catequese e de sua missão acontece a apresentação da mensagem evangélica (evangelização). Segundo o DGC (n. 46) a função da Igreja é evangelizar e isto significa "levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade".

Ainda Saés (2004, p. 126) diz que a evangelização é um processo pelo qual é transmitido o Evangelho, é o anúncio da Palavra de Deus e "significa também participar do processo que leva Cristo à cruz". Segundo o mesmo, a evangelização é a iniciação à escuta da Palavra que remete-se aos ensinamentos de Jesus. Esta escuta busca a conversão, comunica o perdão, ensina a oração e a experiência de fé por meio do Espírito.

Outro conceito considerado importante neste trabalho, o qual possui uma estreita relação com o de catequese, é o de Iniciação Cristã. A catequese é um dos recursos para a Iniciação Cristã e o catecumenato é o modelo para ela. Esta é a inserção do católico na comunidade, no mistério de Cristo através dos sacramentos "de tal forma que o iniciado, profundamente transformado e introduzido na nova condição de vida, morre ao pecado e começa nova existência para sua plena realização" (GUILARTE, 2004, p. 605).

A Iniciação Cristã é a aproximação a Deus através do Mistério Pascal, da Igreja, dos

sacramentos, do anúncio da mensagem de Cristo, da fé no Espírito Santo e a ação na comunidade a partir dos anteriores. Os sacramentos da Iniciação Cristã são, segundo CIC (n. 1212, n. 1533) o Batismo, a Eucaristia e a Confirmação e o Catecumenato é modelo para a prática catequética. Por isso entendê-lo é importante para conhecer esta prática.

Neste capítulo busco aprofundar os conhecimentos sobre a catequese, entendendo-a como processo de Iniciação Cristã que deve levar em conta a estrutura e as características do Catecumenato apresentado como inspiração para a catequese nos documentos da Igreja Católica.

2.1 Catecumenato

Nesta seção tenho a intenção de definir o Catecumenato a fim de que se possa entender a fundamentação da orientação da Igreja Católica para a catequese, a qual é baseada neste modelo. Apresentar as características do catecumenato é importante também para no capítulo 3 serem relacionadas às coleções da Diocese de Caxias do Sul para a prática catequética, bem como para relacioná-las a um pensamento educacional, no capítulo 4.

Sabendo que não há como definir o Catecumenato sem contextualizá-lo, serão apresentados também aspectos históricos para que, a partir deles, seja possível entender do que se trata a inspiração da Igreja para a catequese. O estilo catecumenal, segundo Lelo (2008), é a interação entre catequese, liturgia e conversão, é o "aprofundamento da reflexão da Palavra com a celebração do mistério durante o ano litúrgico e com a conversão de vida" (LELO, 2008, p. 19). Catecumenato, segundo Saés (2004, p. 125), "procede do verbo grego katechéin, que significa ressoar; fazer ressoar nos ouvidos e, por extensão, instruir, catequizar". Ainda conforme este último, o Catecumenato retoma a escuta da Palavra como forma de ouvir a Deus.

O Catecumenato tem sua definição semelhante à de catequese, justamente por ambos terem os mesmos objetivos e significados para a comunidade cristã católica. Isto também se deve ao fato de que, como já descrito anteriormente, para a Igreja Católica o Catecumenato "é o modelo inspirador da sua ação catequizadora" (DGC, n. 90) que tem o intuito de introduzir o catequizando nos mistérios da Iniciação Cristã. A partir dela, ocorre a aproximação com Deus pela experiência de fé realizada por meio da escuta da Palavra.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, o Catecumenato é um itinerário para tornar-se cristão que se realiza desde o tempo dos apóstolos, é a "iniciação à fé e à vida cristã" (CIC, n.

1247). Ele visa à união dos catecúmenos com a comunidade eclesial para a maturidade da fé e é composto por várias etapas que devem ser perpassadas por elementos como: "o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho, acarretando a conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à Comunhão Eucarística" (CIC, n. 1229).

Ainda segundo o CIC, a Iniciação Cristã ocorreu de formas variadas com o passar dos séculos e das circunstâncias de cada época. No início, o tempo de Catecumenato era extenso e havia uma sequência de ritos que se colocavam com a liturgia para a preparação e realização dos sacramentos. Posteriormente, o batismo de crianças foi adotado e tornou-se necessário o Catecumenato pós-batismal que retoma a instrução para a vida cristã, bem como o "desabrochar necessário para a graça batismal" (CIC, n. 1232).

O Concílio Vaticano II, por sua vez, restaura o Catecumenato dos adultos, permitindo que este seja adaptado às diferentes realidades encontradas nas comunidades cristãs, o que faz com que a catequese também possa ser realizada após o Batismo. O CIC (n. 1290) aponta que há diferenças na catequese do Oriente e do Ocidente. O primeiro reúne os sacramentos do Batismo e da Crisma, enquanto o segundo celebra os dois sacramentos separadamente, pensando em reservar ao bispo a celebração da Crisma.

Independentemente da forma de organização, o objetivo do Catecumenato é sempre o mesmo: uma verdadeira Iniciação Cristã. Como comenta Saés (2004, p. 131),

> [a] inspiração catecumenal supõe fazer da catequese um processo de Iniciação Cristã integral, isto é, uma iniciação nas dimensões fundamentais da vida cristã: no conhecimento do mistério de Cristo, na vida evangélica, na oração e na celebração da fé, no compromisso missionário.

Esta Iniciação Cristã integral dá conta de apresentar a vida de Jesus Cristo através do Evangelho para uma nova vida cristã em comunidade. No modelo do Catecumenato a catequese, realizada de forma gradual, recorda a importância da iniciação (com a catequese e com os sacramentos) e torna-se responsabilidade da comunidade cristã, sendo este um momento de inculturação[12], centrado na vida de Jesus Cristo. Mais adiante estes aspectos serão explicados, contudo, sendo os principais do Catecumenato, serão constantemente rememorados.

O Catecumenato retoma a experiência realizada nas primeiras comunidades, tomando as

[12] Inculturação: influência recíproca entre o cristianismo e as culturas dos países onde a fé cristã é praticada na qual "por um lado, a experiência evangélica influi nas culturas, tanto no sentido de sua libertação, como de desenvolvimento de suas potencialidades humanizadoras; por outro, as culturas também influem na experiência cristã, na compreensão e na prática do Evangelho, alargando e enriquecendo a tradição cristã, bem como desconstruindo interpretações da revelação percebidas como distorção da imagem de Deus que Jesus nos mostra" (VIEIRO, 2005, p. 60).

ações e ensinamentos de Jesus como base para os apóstolos. As ações inicialmente exercidas por eles foram formadoras das primeiras comunidades cristãs. A formação destas comunidades se dava com o anúncio da Palavra e o primeiro anúncio era feito a partir das próprias experiências dos discípulos, que eram repassadas nas comunidades. Havia, então, o batismo daqueles que recebiam e acreditavam na Palavra e, a partir disso, a continuação da vida a partir da doutrina dos apóstolos, da comunhão, do partir do pão e das orações (At 2, 42). As comunidades seguiam juntas, vendiam seus bens e repartiam, viviam em oração, partilhando o pão e acolhendo cada vez mais pessoas.

Segundo a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética (CEPABC) da CNBB, "após o evento pascal (morte-ressurreição-ascensão-pentecostes), os apóstolos e discípulos fizeram ressoar com extraordinária eficácia e dedicação o anúncio salvífico do seu mestre" (2014, p. 16). Segundo a mesma Comissão, a Iniciação Cristã na época apostólica tinha como centro a concepção cristo-trinitária da fé, sendo a vida de Jesus o conteúdo base para o primeiro anúncio.

Com "a finalidade de preparar pessoas adultas que tinham crença no Deus de Jesus Cristo e que tinham manifestado a intenção de converter-se" (CEPABC, 2014, p. 17), foi instituído o Catecumenato. No Catecumenato antigo, a formação catecumenal era centrada na História da Salvação com o objetivo da inserção na comunidade cristã. Mas havia também a explicação doutrinal para preparação aos sacramentos. O estilo catecumenal tem a comunidade como um importante elemento, pois esta deverá estar presente no processo de iniciação, acolhendo e auxiliando, além de ser o local onde o catecúmeno será inserido após este processo.

Segundo o documento da CNBB Catequese Renovada (1983), durante os séculos I ao V, a catequese foi prolongada e organizada, com o intuito de iniciar os convertidos na vida cristã. "Criou-se assim o Catecumenato com seus vários graus, que preparava os candidatos à vivência na comunidade cristã, através da escuta da palavra, das celebrações e do testemunho" (CR, 1986, n. 6).

A evangelização realizada era fundamental para a formação de novos discípulos. Já haviam etapas do processo desde o primeiro anúncio, passando por uma "série estruturada e orgânica de ensinamentos (chamados por alguns de catequeses) e de um conjunto de práticas litúrgicas (imposição das mãos, exorcismos, unções), acompanhadas de um sério exercício de vida cristã" (CEPABC, 2014, p. 18), até a vivência em comunidade.

Após esta preparação inicial, havia alguns momentos definidos, como o rito realizado na noite de Páscoa, no qual acontecia o banho batismal, a unção pós-batismal e a primeira participação na eucaristia, entendendo estes ritos como uma unidade. A estes aspectos do Catecumenato, a CEPABC (2014, p. 19) pontua como sendo evidente sua "valência educativa no processo de amadurecimento da fé e de iniciação à vida cristã".

No período do século V a XVI, o Catecumenato já não tinha o objetivo de iniciar cristãos, pois a sociedade já estava "animada pela religião cristã" (CR, n.8). A catequese era parte de um processo chamado Cristandade, por meio do qual o poder civil e o poder eclesiástico estabeleceram uma aliança, e a educação da fé se realizava "num ambiente cristão presente na sociedade inteira". No entanto, aos poucos, este modelo de iniciação foi se perdendo. Segundo o documento Catequese Renovada, a partir do século XVI a catequese passou a valorizar a aprendizagem individual, desligando-se da comunidade e tornando-se instrução. Isto fez com que várias inciativas fossem tomadas aos poucos pela Igreja para restaurá-lo, dando à catequese uma inspiração catecumenal.

Um dos momentos mais recentes (já no século XX) em que a Igreja retomou esta questão foi o anteriormente citado Concílio Vaticano II, iniciado em 1962, o qual alavancou novos estudos para produção de diretórios e outros documentos que definem e orientam a catequese a partir de uma "inspiração catecumenal" (CEPABC, 2014, p. 19). Por isso, no que se segue serão abordados alguns aspectos que permitem observar algumas características pontuais desta inspiração para que seja possível observá-la com melhor compreensão.

O Catecumenato é também evangelização e Iniciação Cristã (conceitos definidos no início deste capítulo). Neste processo de evangelização há a introdução da Palavra, que permite a aproximação com Jesus Cristo e a formação do ser cristão. O período de Iniciação Cristã tem, assim, alguns elementos fundamentais que se entrelaçam na constituição deste caminho, tais como: a Palavra de Deus, a celebração litúrgica, a vivência na comunidade de fé, no grupo e na família, bem como outros aspectos da vida dos catequizandos que devem ser levados em consideração para que, unidos às aprendizagens ocorridas na catequese, possam se tornar cristãos convictos de sua fé e seguidores de Jesus Cristo, na Igreja. É necessário, para isso, que nela sejam desenvolvidos processos que permitam ao catequizando transformar-se em evangelizador.

Segundo Lelo (2008), há um critério de progressividade importante no processo de Iniciação Cristã que acontece disposto em etapas organizadas com ritos e celebrações, nos quais são solicitadas respostas aos apelos da Palavra. Esta progressividade "orienta e organiza

as orações e os ritos preparatórios, bem como fundamenta a qualidade do processo educativo." (LELO, 2008, p. 27). Assim, há o amadurecimento da fé a partir da continuidade do caminho. Em comunhão a esta característica, a unidade das etapas dos sacramentos, também deve ser observada e ocorre a partir de um planejamento delas e dos encontros de catequese.

Outro aspecto apontado pela CEPABC (2014) é o da Catequese bíblica, que coloca a catequese como ministério da Palavra, buscando ter como base a Liturgia da Palavra relacionando-a com a realidade do catequizando. Através dela e em comunhão com o ano litúrgico convida-se a pensar o tempo atual – o que a Palavra nos ensina e estimula a fazer no tempo presente – participando da liturgia. Assim,

> ajudar o catequizando a fazer a experiência dos símbolos e gestos celebrados faz parte de uma educação que leva o catequizando a experimentar os sinais tão simples e tão humanos da liturgia não apenas como elementos deste mundo, mas, aos olhos da fé, também como realidades divinas, além de prepara-lo para tomar contato direto com a graça de Deus nas celebrações, relacionar-se filialmente com o Pai e unir-se à oferta de Jesus, oferecendo a própria vida (LELO, 2008, p. 48).

Seguindo o raciocínio, esta relação entre catequese e liturgia é importante pensando na participação do catequizando na celebração, que somente acontecerá a partir da compreensão do que está acontecendo. Na catequese é possível pensar o momento da celebração analisando o significado dos ritos que nela ocorrem, observando como aparecem na Bíblia e pensando no compromisso de fé que esta participação configura. O aspecto orgânico deste processo, através do qual ocorre a Iniciação Cristã em tempo integral e a educação sistemática para a fé, é também apontado pela CEPABC (2014).

Há ainda a Centralidade Pascal do processo. "A iniciação é compreendida como identificação existencial da pessoa na Páscoa de Cristo. [...] ressalta-se a inserção ou configuração pascal como meta de todo o processo iniciatório" (LELO, 2008, p. 29). Por isso, durante o processo é também importante a participação nas celebrações da Palavra e, posteriormente, na Eucaristia (missas) "como meio habitual de assumir a Páscoa de Cristo na entrega da própria vida" (LELO, 2008, p. 29). Junto destes dois últimos aspectos mencionados há os da intensidade e integridade desta formação, que são fundamentais para a compreensão e vivência posterior.

O aspecto comunitário é apontado como o traço mais característico do Catecumenato, por Lelo (2008). A comunidade, que disponibiliza os meios necessários para a catequese, apoia o catecúmeno durante o processo, pois se o processo de iniciação visa à atuação em

comunidade segundo os princípios cristãos, a comunidade – que já atua segundo estes – auxilia no caminho a ser seguido ao ser exemplo e ao acolher o catecúmeno. A convivência comunitária também influencia no crescimento do catecúmeno, ao testemunhar as boas obras. Assim, a comunidade também tem responsabilidade de acolher e preparar os catecúmenos, seja no papel de catequista, de padrinhos, de pároco, etc.

Neste momento, faz-se necessário também definir quem é o catecúmeno e quem é o catequista. Catecúmeno é quem está sendo instruído, catequizado, iniciado na escuta da Palavra. Ao pensar no Catecumenato, o catecúmeno[13] está em processo de instrução e iniciação da escuta da Palavra, segundo Saés (2004). É aquele que está buscando o aprender da vida cristã.

Para complementar a definição de catequizando, foi perguntado aos entrevistados sobre quem são estes. As respostas dadas apontaram, grosso modo, que

> os catequizandos deveriam ser pessoas que ouviram falar de Jesus Cristo, se interessaram por Ele, decidiram seguir esse caminho e pediram a fé que se recebe pela catequese. […] Essa realidade está muito distante de nosso contexto. Geralmente os catequizandos que nos procuram chegam por tradição cultural que encontra nos sacramentos da Igreja algumas formas de marcar os momentos da vida humana. Isso não é mau, mas insuficiente (Entrevistado 2, 2016).

Outros entrevistados complementam esta visão, tomando os catequizandos como sujeitos inseparáveis dos pais, apontando que "cada catequizando traz sua experiência pessoal de fé, de história familiar, de alegrias e de traumas" (Entrevistado 1, 2016). Muitos deles chegam à catequese com um contexto já vivido, muitas vezes de sofrimento, segundo o Entrevistado 3 (2016). Além disso, este entrevistado afirma que hoje os catequizandos podem ser considerados como sujeitos que estão basicamente buscando os sacramentos.

O catequista, por sua vez é aquele que instrui na Palavra, são os fiéis que "recebem o carisma de educar na fé a outros realizando também eles sua tarefa movidos pelo Espirito Santo" (ARÉS; RECALDE, 2004b, p. 195). Sua missão é educar na fé, pois é o formador da base, proporciona a iniciação, o fundamento do "edifício espiritual" (ARÉS; RECALDE, 2004b, p. 197). Podem ser presbíteros, religiosos ou leigos e devem se inspirar na vida de Jesus para apresentar sua mensagem, agindo em missão, com profundidade e sensibilidade.

Para o Entrevistado 1 (2016), "o catequista é o educador da fé" e tem em sua função um ministério eclesial importante e exigente. Para o Entrevistado 3 (2016), os catequistas devem ser participantes presentes na comunidade e o Entrevistado 2 (2016) acrescenta que "nesse

[13] Cabe notar que na Iniciação Cristã atual não denominamos mais catecúmeno, mas sim, catequizando, ainda que o sentido seja o mesmo.

contexto, são pessoas que fizeram a experiência do encontro com Jesus Cristo que transforma a vida e, por isso, anunciam esse amor que abraça a todos. O catequista é sempre um discípulo que se avantajou no seguimento de Cristo e por isso pode conduzir seus irmãos". O entrevistado 4 (2016) complementa que o catequista é "a pessoa que está fazendo uma caminhada de comunidade e que se deixa trabalhar e partilha o seu saber com quem vai caminhando".

Há, no Catecumenato, alguns tempos de preparação, que compõem o processo de Iniciação Cristã, os quais eles o pré-Catecumenato, o Catecumenato, a purificação e a mistagogia. A seguir, busco explicar cada um deles com mais detalhes, partindo de orientações do RICA[14] (2011), do DGC (1971), do Dicionário de catequética (2004) e de comentadores como Lelo (2008).

O *pré-catecumenato* tempo no qual ocorre a primeira evangelização/primeiro anúncio (Querigma[15]) centrado na morte e ressurreição de Jesus Cristo. Esta primeira evangelização ocorre buscando a conversão inicial e também o primeiro contato com a comunidade: "da parte do catecúmeno exige uma procura, é destinado à evangelização por parte da Igreja e ao pré-catecumenato, e conclui-se pela entrada na ordem dos catecúmenos" (RICA, n. 7). A fase pré-catecumenal é concluída com a entrada no Catecumenato.

O *Catecumenato* é a catequese integral, tempo no qual ocorre a formação cristã por meio das catequeses (dispostas em etapas). Nelas começa a escuta da Palavra de Deus que deve ser relacionada ao ano litúrgico, tornando importante a participação dos catecúmenos nas celebrações. Neste tempo, no qual segundo DGC (n. 88) o início é marcado pela entrega dos Evangelhos (ou da Bíblia), os catequizandos ou catecúmenos são introduzidos nos "mistérios da salvação, na prática dos costumes evangélicos e nos ritos sagrados que a seu tempo se hão de celebrar e são introduzidos na vida de fé, na vida litúrgica e na vida de caridade do povo de Deus" (RICA, n. 98). Ainda entre a etapa do Catecumenato e da purificação (próxima) realiza-se a celebração da eleição[16], quando os catecúmenos apresentam sua fé esclarecida e a vontade de receber os sacramentos da Igreja.

A *purificação e iluminação* é uma etapa que coincide tradicionalmente com o tempo de quaresma e é dedicada a preparação mais intensa à páscoa e aos sacramentos de iniciação. Tempo no qual os catecúmenos redimem-se do pecado, fazendo escrutínios (oração de caráter

[14] Ritual de Iniciação Cristã de Adultos.
[15] Sabe-se que em alguns documentos da Igreja pode-se encontrar a grafia desta palavra como Kerigma.
[16] "Chama-se eleição, porque a admissão feita pela Igreja se funda na eleição de Deus, em nome de quem ela atua" (RICA, n. 24).

purificador) e recebem os 3 sacramentos (Batismo, Eucaristia e Confirmação). Neste tempo, segundo DGC (n. 88), é realizada a entrega do "símbolo e a entrega da oração do Senhor".

Por fim, há também o tempo da *mistagogia*, o qual deve acontecer após as 3 etapas do Catecumenato. Este é o tempo de experienciar os sacramentos acima citados e de introduzir os catecúmenos "no mistério de Cristo [...], procedendo do visível para o invisível, do significante para o significado, dos 'sacramentos' para os 'mistérios'" (CIC, n. 1075). Ao receberem os sacramentos, estes consolidam e aprofundam a prática da fé e as exercitam ingressando na nova experiência em comunidade, conhecendo, assim, os mistérios celebrados.

O Catecumenato antigo deve ser uma inspiração para a catequese atual, servindo como modelo para a criação de coleções que embasam esta prática atualmente. Ao retomar o Catecumenato, a Igreja Católica reforça a importância que a Iniciação Cristã tem para a sua comunidade, sendo este o meio para o primeiro anúncio do Evangelho. Por isso, há uma necessidade de repensar a catequese existente e desconstruir "mentalidades e esquemas pastorais baseados em visões sacramentais ultrapassadas que tentam se manter numa cultura de cristandade já extinta" (LELO, 2008, p. 57). Este repensar deve ser realizado buscando que a catequese seja significativa e acompanhe o mundo contemporâneo, pois dela depende o fundamento e a continuação da comunidade católica. Conforme Lelo (2008, p. 53)

> agora, estamos no período de implantação dessa nova metodologia, já tradicional na igreja. No princípio porque o Catecumenato era de conversão e proporcionava identidade numa sociedade amplamente paganizada. Hoje, porque retoma com força o querigma diante da fraca evangelização e do pluralismo religioso.

A CEPABC (2014) comenta sobre o momento da recepção dos sacramentos, afirmando que neste momento deverá permanecer a vontade de continuar na vivência de fé, não tomando os sacramentos como fim, mas sim como parte da Iniciação. Retoma também que a "Leitura Orante da Sagrada Escritura, educação para a vida de oração (pessoal, comunitária, litúrgica), inserção na comunidade e despertar da consciência missionária serão aspectos centrais da formação inicial do catequizando" (CEPABC, 2014, p. 38). Isto permitirá dar ênfase à vivência da fé, mudando, assim, o modelo doutrinal que existiu por muito tempo.

O Catecumenato considera a catequese como educação para a vida cristã que presume a introdução "no conhecimento do mistério de Cristo, na vida evangélica, na oração e celebração da fé e no compromisso missionário" (LELO, 2008, p. 57). Para isso, exige um planejamento que englobe a unidade do processo e compreenda-o como formação da comunidade católica.

É válido aqui apresentar alguns elementos específicos do Catecumenato batismal que devem ser observados para a catequese em sua modalidade atual (pós-batismal), os quais, segundo o Diretório Geral para a Catequese, são (n. 91): (i) a importância da catequese e dos sacramentos (batismo, crisma e Eucaristia), sendo estes a base da iniciação à vida cristã que é considerada vital para a Igreja; (ii) o envolvimento de toda a comunidade no processo de iniciação considerando-a também responsável por ele; (iii) a centralidade no Mistério Pascal; (iv) a integração com a cultura dos catequizandos para que a Palavra seja de fato disseminada. "Seguindo o exemplo da Encarnação do Filho de Deus, feito homem num momento histórico concreto, a Igreja acolhe os catecúmenos integralmente, com os seus vínculos culturais" (DGC, n. 91); (v) o Catecumenato como processo de formação do cristão e como escola de fé que dá extrema relevância para a característica da gradualidade e processualidade através de etapas definidas; (vi) a importância da comunidade cristã, seja no processo seja na inserção e participação após a iniciação; (vii) "a intensidade e a integridade da formação"; (viii) "a sua vinculação com ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e litúrgicos" (DGC, n 91).

Da mesma forma, Lelo (2008) aponta que são necessários três componentes para a Iniciação Cristã segundo o Catecumenato, a saber: (a) catequese (por etapas, ligada ao ano litúrgico e às celebrações da palavra), (b) ritos litúrgicos (como parte do processo pedagógico de conversão) e (c) vivência cristã (prática do que foi conhecido na catequese). Assim, a catequese deve ser celebrativa, orante e experiencial no processo gradual de Iniciação Cristã.

As "etapas da grande tradição catecumenal, repletas de sabedoria, inspiram as fases da catequese" (DGC, n. 89), as quais são: o pré-catecumenato, o catecumenato, a purificação e a mistagogia. O modelo de toda catequese é o Catecumenato batismal, no qual o adulto convertido é levado à confissão da fé batismal durante a vigília pascal[17]. Esta formação catecumenal deve inspirar as outras formas de catequese nos seus objetivos e no seu dinamismo (DGC, n. 59). São, portanto, características do Catecumenato, segundo DGC (n. 91), "a intensidade e a integridade da formação; o seu caráter gradual, com etapas definidas; a sua vinculação com ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e litúrgicos; a sua constante referência à comunidade cristã".

É importante ressaltar que o Catecumenato não é visto com a intenção de culminar em um produto, mas sim de auxiliar na formação do ser humano, em sua vida de fé. A intenção é impulsionar para a vivência cristã em comunidade. Esta compreensão sobre o Catecumenato descrita até o momento foi desenvolvida através da leitura de artigos, dicionários, mas

[17] Uma celebração que acontece no sábado que antecede a Páscoa para os cristãos.

principalmente de documentos da Igreja Católica que orientam a prática catequética, os quais a definem e apresentam alguns aspectos históricos da Iniciação Cristã. Assim, penso ser necessário e importante para contextualizar a pesquisa fazer um levantamento destes documentos que orientam a prática, apresentando-os, conhecendo como eles definem a catequese e como é a orientação para a prática catequética de cada um deles, como se segue na próxima seção.

2.2 O Catecumenato como orientação para a prática catequético-educativa

No que se segue, exponho alguns documentos da Igreja Católica, por entender que desta forma é possível perceber seu pensamento sobre a catequese ao longo de uma história recente. Observo que o que temos atualmente como concepção de catequese é reflexo de muitos estudos da Igreja que formam uma caminhada, a qual ainda hoje não chegou ao final. Além disso, este levantamento se faz importante também porque estes documentos influenciaram diretamente na elaboração das coleções que auxiliam a prática catequética em diversas dioceses mundo afora, incluindo a Diocese de Caxias do Sul.

Apresento[18] os documentos seguindo sua ordem cronológica (partindo do mais antigo ao mais atual) e esta é paralela ao critério de amplitude local dos documentos (do mundial ao diocesano)[19]. Isto se dá porque os documentos escritos inicialmente são de autoria da Igreja Católica, representada na entidade do Vaticano, dando a orientação geral para a prática catequética de toda a Igreja e também para a organização de outros documentos que levem em conta as especificidades dos continentes, países e regiões.

Optei por começar com os documentos que trazem orientações para a catequese derivados do Concílio Vaticano II, uma vez que este foi um importante momento para a Igreja Católica, sendo considerado um marco que repensou vários aspectos da prática desta Igreja.

O Concílio foi primeiramente anunciado em 1959, pelo então Papa João XXIII, e

[18] Lembro a reflexão de Pesavento (2008) quando esta comenta que o historiador é o narrador que mediatiza e seleciona dados para fundamentar seus escritos, busca evidências, vai ao encontro da realidade, faz a seleção das fontes e os recortes de materiais importantes, não só com o objetivo de descrevê-los, mas buscando interpretá-los. Desse modo, a interpretação dos documentos é aqui apresentada a partir de minhas leituras e de meu entendimento sobre eles, sendo que minha busca por estes documentos foi guiada pela mesma interpretação. É importante notar que a história está sempre sendo (re)escrita sob o olhar do historiador e que a interpretação e busca pelos documentos está sendo guiada por sua leitura.

[19] Os documentos que serão apresentados são anteriores ao recorte temporal que me proponho a fazer nesta dissertação, mas mesmo assim serão comentados pelo fato de que terem sido o suporte para a construção das coleções atuais para a catequese na Diocese de Caxias do Sul.

convocado para o ano de 1962 após um ano de estudo sobre as necessidades do mundo e sobre como a Igreja poderia auxiliá-lo e orientá-lo. Após terem sido feitas declarações, decretos, constituições e acordos, o Concílio foi encerrado em 1965. Sendo assim, fiz uma busca pelos documentos escritos durante o Concílio que dão orientações para a catequese com o intuito apresentar os aspectos que se dirigem a ela especificamente, mesmo sabendo que a orientação da Igreja como um todo dá as bases para este processo de iniciação. Apenas para salientar, como os documentos a seguir foram redigidos durante o Concílio, sua publicação ocorreu entre os anos de sua duração (1962 até 1965). Vários documentos foram publicados[20] no último ano do Concílio, após o tempo de estudo realizado durante ele.

Uma primeira Constituição Dogmática, intitulada *Lumen Gentium: sobre a Igreja* (1964), aponta a necessidade da presença da Igreja para a salvação dos fiéis, como a porta de entrada da sua conversão através da Iniciação Cristã que se dá a partir do batismo. A constituição trata sobre o papel dos leigos na Igreja como testemunhas da fé e do amor de Cristo (LG, n. 34) e ao dizer que o "apostolado dos leigos é participação na própria missão salvadora da Igreja, e para ele todos são destinados pelo Senhor, por meio do Batismo e da Confirmação" (LG, n. 33). A catequese é a missão evangelizadora da Igreja ministrada pelos leigos e envolve toda a comunidade cristã.

Outra Constituição Dogmática, intitulada *Dei Verbum: Sobre a revelação divina* (1965), toma a Sagrada Escritura como lugar onde a revelação se apresenta e reforça que a religião católica deve ser apresentada e regida por Ela (DV, n. 21). Na catequese, a Bíblia é a principal fonte e a orientação é a mesma: "Da mesma palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente [...] a catequese, e toda a instrução cristã, na qual deve ter lugar de destaque a homilia litúrgica" (DV, n. 24). Para isso, o documento aponta que os catequistas precisam da leitura frequente, bem como de estudos para que tenham um contato com as Escrituras que serão seu meio de comunicar a revelação.

A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium: sobre a Sagrada Liturgia* (1963) pensa a liturgia como anúncio da mensagem da salvação para a construção da fé. Este documento tem um tópico que trata da "Vida espiritual extra-litúrgica" e nele aponta que quando utilizam diferentes costumes ou livros aprovados pelos bispos, as práticas das "igrejas

[20] Todos os documentos derivados do Concílio Vaticano II citados neste trabalho foram retirados do Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Vale ressaltar que são textos formulados separadamente, mas organizados no mesmo compêndio em virtude de terem sido preparados em um mesmo momento histórico para a Igreja Católica.

particulares[21]", devem levar em conta o tempo litúrgico caminhando junto da liturgia e derivando-se dela. O documento afirma também que é na catequese que deve-se aprender a ouvir a liturgia eucarística e também a liturgia da Palavra da missa. Orienta que "seja também inculcada, por todos os modos, a catequese mais diretamente litúrgica" (SC, n. 35).

Este mesmo documento trata ainda dos sacramentos da Igreja, os quais estão ligados à Iniciação Cristã por realizarem-se a partir dela e por que é nela que estes momentos se fazem conhecidos e poderão ser compreendidos, alimentando e exprimindo desse modo a fé. Além disso, este documento se coloca especificamente à serviço da catequese ao entender que para realizar estes sacramentos é necessário observar o Catecumenato. O SC (n. 64) orienta que

> restaure-se o catecumenato dos adultos, dividido em diversas etapas, introduzindo-se o uso de acordo com o parecer do Ordinário lugar. Desta maneira, o tempo do catecumenato, estabelecido para conveniente instrução, poderá ser santificado com os sagrados ritos a serem celebrados nos tempos sucessivos.

Complementa que, ainda que a iniciação possa ter critérios particulares de acordo com o lugar no qual será realizada, ela deve manter os elementos da tradição cristã para que todos "possam ser acomodados ao rito cristão" (SC, n. 65). Especificamente para direcionar os sacramentos, o *Sacrosanctum Concilium* retoma o Catecumenato no que diz respeito à orientação para os ritos que acontecem para realizá-los. Sobre eles, ressalta que adaptações devem ser feitas dependendo do local de sua realização e de seu direcionamento a crianças ou adultos, além de orientar que o tempo quaresmal deve ser realçado tanto na Liturgia quanto na catequese litúrgica.

Outra constituição formulada durante o Concílio Vaticano II que comenta aspectos da catequese é a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes: Sobre a Igreja no mundo atual* (1965). Esta aponta que a formação cristã, sendo uma atividade pastoral, deve tomar em conta os princípios teológicos, mas também de outras ciências tais como a "psicologia e sociologia de tal modo que também os fiéis sejam encaminhados a uma vida de fé mais pura e amadurecida" (GS, n. 62). Neste sentido, coloca o papel dos leigos enquanto testemunhas do espírito cristão (GS, n. 43) no mundo que sofre transformações com o passar do tempo.

Durante o Concílio Vaticano II foram feitos também Declarações e Decretos que serão comentados a seguir quando estes fizerem referência à catequese. A Declaração *Gravissimum Educationis: Sobre a educação cristã* (1965) lembra a educação como um direito universal

[21] Segundo LG a Igreja Particular é Igreja governada por bispos (n. 27) nas quais cada um deles "é princípio e fundamento visível da unidade nas suas respectivas igrejas, formadas à imagem da Igreja Universal, das quais e pelas quais existe a Igreja católica, una e única" (n. 23).

que todos os seres humanos devem receber e que este é papel das famílias, da sociedade e das escolas (católicas e laicas), cada uma com sua função específica. Aponta a educação cristã como função das famílias, das comunidades e da Igreja e tendo esta última seu papel fundamental na "instrução catequética que ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa no mistério litúrgico e desperta para a atividade apostólica" (GE, n. 4).

Na Declaração *Nostra aetate: sobre a Igreja e as religiões não-cristãs* (1965), a menção à catequese se faz no sentido de que nela e na pregação litúrgica deve-se ter o ensino da não-discriminação à outras religiões, com o pensamento de que os homens estão ligados em relação a Deus e, assim, aos homens como irmãos (NA, n. 5). Também a Declaração *Dignitatis Humanae: sobre a liberdade religiosa* (1965) orienta a todos os homens "que considerem com maior atenção quanto é necessária a liberdade religiosa, sobretudo nas atuais condições da família humana" (DH, n. 15), mesmo sem esquecer da propagação da Palavra de Deus (DH, n. 14).

Quanto aos Decretos formulados no Concílio, o *Ad Gentes: sobre a atividade missionária da Igreja* (1965) toma o Catecumenato como "uma educação de toda a vida cristã" (AG, n. 14), a qual (isto é, a formação), ainda segundo o mesmo decreto, se faz mediante a prática dos costumes, da celebração dos ritos e dos tempos litúrgicos. Esta introdução à vida de fé deve ter a presença de toda a comunidade católica em seu auxílio. O decreto *Presbyterorum Ordinis: sobre o ministério e a vida dos sacerdotes (1965)* e o *Optatam Totius: sobre a formação sacerdotal (1965)*, por sua vez comentam que é também responsabilidade dos sacerdotes a continuação e renovação da Igreja, a qual se dá, entre outros meios, pela catequese. Os sacerdotes estão envolvidos a ela no momento em que conduzem os sacramentos (PO, n. 5) e também nos outros momentos da iniciação aos quais são chamados a cooperar, segundo OT (n. 19).

O decreto *Christus Dominus: sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja* (1965), segue o mesmo viés ao apresentar como dever dos bispos o anúncio do Evangelho, ensinando os cristãos e utilizando-se de vários métodos para tanto, incluindo a formação catequética, (CD, n. 13). A respeito desta formação é também dever dos bispos observá-la, buscar a preparação dos catequistas para o trabalho com crianças e adultos, aponta já a intenção de preparar um Diretório sobre a formação catequética (CD, n. 44).

Entre os decretos do concílio em questão também está o *Apostolicam Actuositatem: sobre o apostolado dos leigos* (1965). Este explicita que os leigos têm vários campos de

atuação e sua participação está também na catequese, entendida como uma das formas de condução dos homens à Igreja (AA, n. 10). Por último, o decreto *Unitatis Redintegratio: sobre o ecumenismo* (1964) comenta que promover "a reintegração da unidade entre todos os cristãos é um dos objetivos principais do Sagrado Sinodo Ecumênico Vaticano Segundo" (UR, n. 1). Tendo a renovação na Igreja grande importância ecumênica (UR, n.6), a catequese – junto a outros movimentos como o litúrgico, a ação social da Igreja, entre outros – tem papel importante como meio para o ecumenismo.

Seguindo a orientação do Concílio foi formulado o Diretório Catequético Geral. Este documento foi publicado primeiramente em 1971 pela *Congregação para o Clero* que, entre outras coisas, cuida da interpretação, observação e promoção da prática catequética, bem como da revisão de documentos da Igreja Católica[22]. Como nos anos seguintes houve a publicação do RICA (1972) e de muitas outras exortações apostólicas, documentos e encíclicas, a Igreja considerou necessário reformular o Diretório para adaptá-lo às solicitações dos documentos posteriores, bem como às necessidades advindas das mudanças que o decorrer do tempo realizou. Assim, o documento revisado foi novamente publicado como Diretório Geral para a Catequese (DGC) em 1997. Este documento define, orienta e conduz a catequese atualmente. Ele é tomado como documento base para as orientações que as Igrejas Particulares ou Dioceses devem seguir para conduzir a Iniciação Cristã de seus fiéis.

O DGC está dividido em 5 partes, subdivididas em capítulos, além da Exposição Introdutiva e da Conclusão. A primeira parte trata sobre a evangelização e a definição da catequese. A segunda parte pensa o conteúdo da mensagem que se pretende anunciar, a qual é fonte da catequese e indica como esta mensagem deverá ser apresentada e qual deve ser sua centralidade. Na terceira parte do documento são abordados aspectos chamados de pedagógicos, uma vez que ela trata das formas pelas quais a mensagem evangélica deve ser anunciada, com o exemplo de ação de Jesus Cristo que deve ser modelo para a catequese. A quarta parte do Diretório aborda os "destinatários da catequese", pensando na adaptação que a catequese precisa fazer aos seus catequizandos, a orientação para as diferentes idades, necessidades e ambientes, bem como a catequese em contextos de diferenças culturais, sociais e religiosas. Já finalizando o documento, a quinta parte trata sobre o papel da Igreja Particular na catequese, apresentando-a como sua promotora e colocando a comunidade como agente desta pastoral. Na conclusão o documento afirma que ele "é proposto a todos os Pastores da Igreja, aos seus colaboradores e aos catequistas" (DGC, n. 287) para o exercício de sua

22 Definição de "Congregação para o Clero". Disponível em: <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/congregazione.html>. Acesso em: 25 abr. 2015.

missão de ensinar na fé.

Feita uma breve apresentação da estrutura do documento, penso ser importante apontar o conceito de catequese, bem como outros aspectos que considero como principais para a prática catequética apresentados pelo Diretório. Aponto estes aspectos, comentando com mais profundidade cada uma das partes do Diretório para entendê-lo melhor.

Em sua introdução, o DGC comenta sobre a Igreja no mundo atual, no qual todos sofrem "influências das situações humanas" (n. 24) fazendo com que seja necessária uma renovação na Igreja e também na catequese, para que esta possa atingir seus objetivos. Aponta brevemente que a finalidade da catequese é "promover a comunhão com Jesus Cristo" (DGC, n. 30) e que esta deve estar ligada à "ação litúrgica e sacramental" (DGC, n. 30). Ela expõe também os desafios da catequese (DGC, n.33), os quais são: (i) colocar-se a serviço da evangelização; (ii) ter característica missionária; (iii) dirigir-se a crianças e adultos; (iv) ser verdadeira escola de pedagogia cristã ao colocar-se na vida do catequizando; (v) colocar Cristo como centro da fé e pensar a formação de fé dos catequistas.

Na primeira parte, intitulada *A catequese na missão evangelizadora da Igreja*, apresenta a definição de catequese e aspectos que auxiliam a entendê-la. A catequese busca apresentar a Revelação, por meio de Jesus Cristo, para a evangelização. Assim a Igreja pretende iniciar na fé através do primeiro anúncio que chama à conversão, da catequese e da participação nos sacramentos (DGC, n. 48). Através do ministério da Palavra,

> aqueles que, movidos pela graça, decidem seguir Jesus, são introduzidos na vida religiosa, litúrgica e caritativa do Povo de Deus. A Igreja realiza esta função, fundamentalmente por meio da catequese, em estreita relação com os sacramentos da iniciação, tanto se estes devem ser ainda recebidos quanto se já o foram. (DGC, n. 51).

Esta introdução à vida religiosa e litúrgica é realizada em busca da conversão inicial atuando em culturas que não conhecem a Palavra, mas também com a intenção de torná-la permanente nas culturas que a conhecem e não a vivem, e também em culturas que a conhecem e a colocam em sua vida comunitária. A catequese é considerada essencial do processo de evangelização, pois nela é realizado o primeiro anúncio que tem a intenção de dar a conhecer o Evangelho chamando os catequizandos à conversão (DGC, n. 61). Nesta parte também é tratado sobre a inspiração catecumenal para a catequese a partir dos elementos que já foram citados na seção 2.1 deste capítulo.

O documento salienta algumas características fundamentais para a catequese de iniciação (DGC, n. 67), dentre as quais é possível citar: é uma formação orgânica e

sistemática da fé (aprofundamento do mistério de Cristo); é aprendizado para a vida cristã; é uma "Iniciação Cristã integral" centrada na pessoa de Cristo; fundamenta a espiritualidade do cristão; alimenta a fé, habilitando a receber o alimento na vida em comunidade; e é inclusão na comunidade cristã para celebrar e testemunhar a fé.

O DGC ainda afirma que a finalidade da catequese é gerar comunhão com Jesus Cristo (n. 80), para posterior profissão de fé (n. 82). Apresenta também como tarefas fundamentais da catequese "ajudar a conhecer, celebrar, viver e contemplar o mistério de Cristo" (DGC, n.85), com o favorecimento do conhecimento da fé, a educação litúrgica, a formação moral, o ensinar a rezar, a educação para a vida comunitária e a iniciação à missão. Isto pode se realizar através da transmissão da mensagem evangélica e da experiência da vida cristã em comunidade (DGC, n. 87).

A segunda parte do Diretório dirige-se ao conteúdo da mensagem evangélica que é transmitida durante a catequese. A catequese nutre sua mensagem tendo como fonte a Palavra de Deus apresentada na Sagrada Tradição e na Sagrada Escritura (DGC, n. 95)[23]. Devido a sua importância, é necessário estar atento à forma de apresentar esta mensagem. Por isso o DGC aponta alguns critérios para esta tarefa essencial.

Um destes critérios é a "mensagem centrada na pessoa de Jesus Cristo (cristocentrismo)" (DGC, n. 97). O diretório apresenta Jesus Cristo como a própria Palavra de Deus, explicitando que, por isso, a catequese deve ser centrada Nele (DGC, n. 97). Insere, assim, ao caráter trinitário, sendo Jesus o caminho (DGC, n. 99) que introduz à comunhão com Deus e com o Espírito Santo. A catequese deve ser "cristocêntrica e trinitária: Por Cristo, ao Pai, no Espírito" (DGC, n. 100). O anúncio da mensagem da catequese, da "Boa nova" (DGC, n. 101) tem como centro a salvação e é destinada a todos. Para apresentá-la é necessário manter sua autenticidade, integridade e pureza (DGC, n. 111), buscando a inculturação no encontro da mensagem do Evangelho com cada pessoa, tornando, desse modo, esta mensagem significativa (DGC, n. 116).

Há também um princípio metodológico apresentado pelo DGC para expor os conteúdos da catequese que deve ser utilizado de acordo com as particularidades do local e da situação de fé de quem recebe a mensagem, ou seja, pelas características da comunidade eclesial ou dos destinatários. Para definir este princípio metodológico deve-se pesquisar quais são os modos que melhor poderão repercutir na comunidade de acordo com a realidade

[23] Segundo DGC (n. 96) "a Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto é redigida sob a moção do Espírito Santo; e a Sagrada Tradição transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos, a Palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo".

encontrada nela. A partir disto, o DGC (n. 118) considera que "pode-se partir de Deus para chegar a Cristo e vice-versa; da mesma maneira, pode-se partir do homem para chegar a Deus, e inversamente".

Ainda nesta segunda parte o Diretório comenta sobre o Catecismo da Igreja Católica (promulgado em 1992) no sentido de que este, de forma geral, orienta a catequese. O Catecismo e o Diretório são "dois instrumentos distintos e complementares a serviço da ação catequizadora da Igreja" (DGC, n. 120). O primeiro se refere à fé e à doutrina da Igreja Católica, tendo como fundamento a Sagrada Escritura, e o segundo propõe princípios teológico-pastorais da atividade catequética, tendo como fundamento principal o Concílio Vaticano II.

O Diretório frisa a importância e "necessidade dos Catecismos locais, que têm o objetivo de adaptar o conteúdo da fé às diferentes situações e culturas" (DGC, n. 119). Como o foco da pesquisa será a prática catequética na Diocese de Caxias do Sul realizada a partir da orientação de duas coleções formuladas para ela, torna-se fundamental apontar que o DGC apresenta os *catecismos locais* como instrumentos utilizados para catequese que deverão ser formulados de acordo com as orientações e com as realidades existentes em cada localidade, seja ela diocesana, regional ou nacional (n. 135).

Estes catecismos devem estar de acordo com os conteúdos necessários à revelação e com método atualizado, comunicando o Evangelho de maneira que os catequizandos possam compreendê-lo. O *catecismo local* deve ser adaptado de acordo com as necessidades, com a realidade, com a cultura, com a situação social e eclesial e com relação à fé de cada localidade além de levar em conta a idade para a qual ele se destina. Além disso, o DGC orienta que é necessário observar o caráter oficial do catecismo, "a síntese orgânica e básica da fé que apresenta, e o fato de que seja oferecido, juntamente com as Sagradas Escrituras, como ponto de referência para a catequese" (DGC, n. 132). O documento sinaliza, assim, que as Igrejas locais tenham criatividade para adaptar e contextualizar a mensagem cristã sem impor conteúdos ou formas de estruturá-los. Somente enfatiza que os catecismos locais devem permanecer fiéis aos propósitos da fé (DGC, n. 135), formando uma unidade junto ao Catecismo da Igreja Católica. "O Catecismo da Igreja Católica e os Catecismos locais, por sua profunda unidade e rica diversidade, são chamados a ser o fermento renovador da catequese na Igreja" (DGC, n. 136).

Na terceira parte o documento aborda *a pedagogia da fé* baseada em Jesus Cristo e trata sobre a metodologia da catequese ao afirmar que não há um método único para a

aplicação e que sua variedade ocorre pelo olhar que deve ser dado aos catequizandos e a adaptação do método. "A metodologia catequética tem como objetivo unitário a educação para a fé; vale-se das ciências pedagógicas e da comunicação, aplicadas à catequese" (DGC, n. 148). Assim, a necessidade da catequese é pensar no método mais adequado de acordo com o conteúdo e os catequizandos, buscando educá-los para a vida cristã. É nesta parte que as definições de catequista e catequizando apresentadas anteriormente estão colocadas.

Na quarta parte o Diretório Geral apresenta *os destinatários da catequese*, abordando o tema em 4 capítulos com os seguintes direcionamentos: aspectos gerais da adaptação catequética; catequese segundo as idades; catequese para quem vive situações especiais e catequese segundo contextos. O primeiro trata da adaptação da catequese no que diz respeito à sua metodologia, de acordo com os destinatários, pois todos os batizados têm direito "a uma catequese adequada" (DGC, n. 167). No segundo capítulo da quarta parte a catequese por idades é considerada "uma exigência essencial para a comunidade cristã" (DGC, n. 171), sendo "indispensável prestar atenção a todos os elementos em jogo, antropológico-evolutivos e teológico-pastorais, valendo-se também dos dados atualizados das ciências humanas e pedagógicas, relativos a cada idade" (DGC, n. 171). Apresenta características da catequese de crianças e adolescentes, apontando este período como decisivo na construção da fé por ser início deste processo sendo formador da identidade cristã. Aponta ainda, que "este é, habitualmente, o período em que se cumpre a Iniciação Cristã inaugurada pelo Batismo. Com o recebimento dos sacramentos, se visa a primeira formação orgânica da fé da criança e a sua introdução na vida da Igreja" (DGC, n. 178).

O DCG orienta atenção à catequese no período da puberdade, da adolescência e da juventude, pois estes são os períodos nos quais as crianças começam a se aproximar das responsabilidades, mas também porque são a esperança para o futuro da comunidade cristã, sendo necessário ter um cuidado pastoral para que os jovens não se distanciem da Igreja após realizados os sacramentos (DGC, n. 181).

O terceiro capítulo aborda a catequese para quem vive situações, mentalidades e ambientes especiais, tomando como necessária a catequese para pessoas com deficiência, para pessoas "em situações de marginalidade" (DGC, n. 190), para grupos diferenciados (pessoas no campo, grupos de operários, etc.) e a catequese para diferentes ambientes, como o rural e o urbano. Com isso, O DGC aponta que é necessária uma adaptação a todas estas realidades,

buscando maior consciência social e eclesial.

A catequese também é abordada segundo contextos como o de pluralismo religioso, no qual a orientação é de que os cristãos sejam verdadeiramente evangelizados, para confirmarem sua fé, mas também orientando que "o ensino religioso, a catequese e a pregação devem formar não apenas à objetividade, à justiça e à tolerância, mas também à compreensão e ao diálogo" (DCG, n. 199). Além da pluralidade religiosa, há a pluralidade de contextos sociais e culturais segundo os quais a catequese também busca levar o Evangelho, compreendendo as formas de vida e linguagem de cada cultura.

A quinta parte do diretório trata da *Catequese na Igreja Particular*, considerada o local no qual propriamente todas as orientações anteriores serão aplicadas, pois a catequese "se realiza na Igreja Particular" (DGC, n. 215). O primeiro capítulo desta parte trata dos agentes que atuam no processo de evangelização através da catequese, mas começa por definir a importância da catequese ser pensada também na Igreja Particular, em comunhão com as orientações da *Santa Sé*, para atender às particularidades de cada diocese. Conforme DGC (n. 218),

> [a] catequese é uma ação evangelizadora basilar de toda Igreja Particular. Por meio dela, a Diocese oferece, a todos os seus membros e a todos aqueles que se aproximam com intenção de entregar-se a Jesus Cristo, um processo formativo que permita conhecer, celebrar, viver e anunciar o Evangelho nos limites do próprio horizonte cultural. Desse modo, a confissão da fé, meta da catequese, pode ser proclamada pelos discípulos de Cristo em nossas próprias línguas. Como em Pentecostes, também hoje, a Igreja de Cristo, presente e atuante nas Igrejas particulares, fala todas as línguas, pois como árvore que cresce, lança as suas raízes em todas as culturas.

Pensando em adaptar a catequese para a realidade das dioceses, o DGC coloca toda a comunidade cristã como responsável por ela: sacerdotes, religiosos e leigos, cada um de acordo com sua função na Igreja, na intenção de atingirem juntos o mesmo objetivo na evangelização. Ao pensar toda a comunidade como responsável pela evangelização, o Diretório pensa a catequese como

> uma ação educativa, realizada a partir da peculiar responsabilidade de cada membro da comunidade, num contexto ou clima comunitário, rico de relações, a fim de que os catecúmenos e os catequizandos se incorporem ativamente na vida da comunidade (DGC, n. 220).

Esta ação educativa para a fé deve ser permanente e realizada por toda a comunidade, para a vivência nela. A comunidade recebe os catequizandos no início de seu processo de evangelização e, ao final, os acolhe para a vivência na comunidade. Neste movimento feito

para receber e auxiliar na evangelização dos catequizandos a comunidade também aprende e se desenvolve conjuntamente (DGC, n. 221). Assim, os bispos (responsáveis pela Igreja Particular), os presbíteros e pastores (responsáveis por incentivar as ações nas comunidades), os pais (primeiros evangelizadores), os religiosos e leigos (enquanto catequistas) devem se mobilizar pelo processo de evangelização que envolve a catequese na comunidade cristã.

O segundo capítulo desta parte do Diretório trata da preparação necessária para os catequistas, a qual deve ser pensada enquanto formação de base (inicial), mas também formação permanente. O trabalho pastoral que cada catequista irá exercer vai depender desta formação que "procura habilitar os catequistas a transmitir o Evangelho àqueles que desejam entregar-se a Jesus Cristo" (DGC, n. 235). Esta formação, ainda segundo o Diretório, deve ser bíblico-teológica, mas também pode utilizar-se das ciências humanas para o saber fazer do catequista, bem como da formação nas próprias comunidades cristãs. O DGC (n. 238) ainda apresenta esta formação no sentido de que possa preparar catequistas para a formação cristã integral envolvendo as dimensões do ser (quem o catequista é enquanto cristão), do saber (conhecer a mensagem do Evangelho, seu destinatário e o contexto que acontece a catequese) e do saber fazer (o saber educar na fé). Os lugares da catequese também são abordados e estes podem ser a comunidade cristã, a paróquia, a família, as comunidades eclesiais de base, os movimentos de fiéis e as escolas católicas, todos mediante o testemunho, a vivência em comunidade e o espaço para o desenvolvimento da fé.

Após a primeira versão do DGC, de 1971, outro documento relacionado à catequese foi formulado para orientar os ritos que devem ser realizados durante suas etapas. O Ritual da Iniciação Cristã de Adultos foi promulgado pelo Papa Paulo VI, em 1972[24] e formulado pela *Congregação para o Culto Divino*[25]. Foi primeiramente pensado para os ritos da catequese de adultos, conforme o nome do documento explicita. Porém, suas orientações devem ser adaptadas para a catequese das crianças, pois os ritos que se fazem necessários são os mesmos durante a catequese tanto de crianças como de adultos. Ele explica os diversos ritos, as observações e os tempos da catequese, retomando o Catecumenato[26]. A apresentação do documento já explicita que este apresenta algumas *Observações Preliminares Gerais* sobre a

[24] Sua tradução para o Brasil foi formulada em 1973. Para a apresentação do documento neste trabalho, foi lida a 7ª edição, publicada em 2011 pela editora Paulus.

[25] Esta congregação foi criada para regulamentar e promover os sacramentos, bem como a pastoral litúrgica, principalmente no que diz respeito à atenção na preparação das celebrações sacramentais. Definição disponível em:<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_pro_20000628_profilo_it.html>. Acesso em: 24 jul. 2014.

[26] Retomando a definição de catecumenato, este é o tempo "em que os candidatos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã. Desse modo adquirem com madureza as disposições que manifestarem pelo ingresso." (RICA , 2011, p. 21).

Iniciação Cristã, além de opções para cada rito a ser realizado, pois estes se utilizados como prescrito, redescobrem a "riqueza admirável dos Sacramentos da Iniciação Cristã" (RICA, 2011, p. 7).

Estas *Observações Preliminares Gerais* apresentam os sacramentos importantes para a Iniciação Cristã, sendo eles o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. No decorrer do documento, são direcionados os passos que devem ser realizados em cada rito (que acontece em um tempo específico, determinado), com as falas de quem o conduz, a fala dos catecúmenos e as leituras bíblicas possíveis para cada um. Os ritos são apresentados de forma mais completa e, posteriormente, de forma simplificada. O documento supracitado perpassa todos os ritos do Catecumenato, desde a admissão até a celebração dos sacramentos. Além disso, expõe os ritos próprios para determinados grupos, tais como: adultos, crianças, aqueles que estão em perigo de morte, aqueles que não receberam a catequese, aqueles que estão em idade de catequese e aqueles que receberam somente o batismo.

Para utilizar o princípio metodológico apresentado no DGC e seguir as orientações dos ritos apresentadas no RICA, os Bispos devem preparar Diretórios Catequéticos e Catecismos Locais de acordo com as diversas idades e condições culturais. Seguindo estas solicitações, no Brasil foi formulado pela CNBB em 1983 um documento para direcionar a catequese no Brasil chamado "Catequese Renovada: orientações e conteúdo". Este tem como objetivo a formação de uma comunidade cristã que anuncie o Evangelho e participe ativamente desta comunidade, preocupando-se com a aproximação da catequese à realidade dos cristãos.

Este documento, aprovado em 1983 numa Assembleia Geral da CNBB, atenta para os documentos anteriormente formulados sobre este tema e também sobre uma fala de João Paulo II, quando este em uma de suas vindas ao Brasil, chamou atenção para a catequese como sendo um tema de extrema urgência e prioridade. Para atender a esta demanda, o documento começa por apresentar alguns aspectos históricos da catequese em períodos como do século I ao V, quando a catequese tinha o papel de conversão inicial, até chegar ao século XX, no qual a catequese auxiliava no processo de Iniciação Cristã para que os seus fiéis, verdadeiramente catequizados, vivessem a comunidade cristã.

Os princípios da Catequese Renovada são: atenção à *Revelação*, a importância da comunicação da vida de Jesus Cristo, a fé na Palavra de Deus e no Espírito Santo, a experiência em comunidade, a formação de catequistas, a formulação de manuais para a

catequese[27] no intuito de aproximar os catequizandos da vida em comunidade, entre outros. Apresenta, além disso, alguns temas a serem abordados: as visões de mundo de Jesus e a nossa e os compromissos do cristão (frente à família e à comunidade). Assim, o cristão em convivência com a comunidade catequizadora descobre Jesus Cristo, criando consciência de sua missão.

A CR foi tomada como base pela CNBB para formular o Diretório Nacional de Catequese, publicado em 2006, após ser aprovado pela 43ª Assembléia Geral Itaici – Indaiatuba (SP) – e pela *Congregação para o Clero*. Este orienta a ação e o planejamento catequético nas diversas regiões, estabelecendo princípios bíblico-teológicos. Os seus objetivos são "apresentar a natureza e finalidade da catequese, traçar os critérios de ação catequética, orientar, coordenar e estimular a atividade catequética nas diversas regiões" (DNC, 2006, n. 7). Faz isso apontando também os desafios da tarefa catequética, sendo estes: (i) a criação de uma unidade entre os níveis regional, diocesano e paroquial; (ii) a formação dos catequistas; (iii) a introdução da catequese na vida dos catequizandos, estimulando-os para o compromisso missionário; e (iv) a integração da catequese com as ciências da educação, como será abordado no capítulo 4.

A evangelização, como já explicitado, é entendida como ato principal da Igreja que acontece por meio de vários momentos. É introduzida pelo anúncio da palavra de Deus, seguido da catequese (que o amadurece e aprofunda) e da ação pastoral. O DNC aponta que a catequese tem tarefas para conseguir alcançar seus objetivos, sendo elas: introduzir o conhecimento da fé; auxiliar na iniciação litúrgica e na formação moral, na inserção na vida de oração e na vida comunitária para dar testemunho e seguir em missão.

Seguindo este caminho, o DNC apresenta vários outros elementos da catequese, como a preocupação com a mensagem que deve ser a sua base e também os critérios para apresentá-la, os quais são os mesmos encontrados no DGC, já descritos anteriormente. Apresenta também a catequese como processo educativo e preocupa-se com os sujeitos envolvidos (os destinatários como interlocutores, os catequistas, entre outros), seus espaços e organização (coordenação e responsabilidades). Retoma também que "a catequese exige conversão interior e contínuo retorno ao núcleo do Evangelho (querigma), ou seja, ao mistério de Jesus Cristo em sua Páscoa libertadora, vivida e celebrada continuamente na liturgia. Sem isso, ela deixa de produzir os frutos desejados" (DNC, 2006, n. 33).

Após a escrita destes, foram publicados também as Diretrizes Gerais da Ação

[27] "Manuais" foi a nomeação dada no documento Catequese Renovada, para o que neste trabalho chamamos de coleções a serem formuladas para a prática catequética em cada diocese.

Evangelizadora da Igreja no Brasil e o Documento de Aparecida. Este último foi formulado na V Conferência do Episcopado Latino-americano e Caribenho, realizada em Aparecida/SP, na qual bispos se reuniram com "a grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus e recordar também aos fiéis deste Continente que, em virtude de seu batismo, são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo" (CELAM, 2007, n. 10).

Esta conferência, inspirada nos documentos conciliares, aponta a necessidade de haver uma presença mais efetiva da Igreja na geração de cultura, principalmente junto aos jovens. Neste sentido a catequese é o momento onde estes "são preparados para dar frutos permanentes de caridade, reconciliação e justiça para a vida do mundo" (CELAM, 2007, n. 175) sendo fundamental para amadurecer a conversão inicial, ao fazer com que a pessoa inicie e persevere na vida cristã.

Este amadurecimento da fé é indispensável para auxiliar em um dos desafios apontados neste documento: a identidade cristã fraca e vulnerável de alguns católicos. A iniciação à vida cristã deve levar ao encontro com Cristo (tendo-o como centro), à conversão e amadurecimento da fé, formando a identidade cristã com o conhecimento, amor e seguimento a Cristo.

O CELAM observa a situação da catequese da América Latina e Caribe apontando que

> tem crescido o tempo que se dedica à preparação para os sacramentos. Tem-se tomado maior consciência de sua necessidade, tanto nas famílias como entre os pastores. Compreende-se que ela é imprescindível em toda formação cristã. Têm-se constituído ordinariamente comissões diocesanas e paroquiais de catequese. (CELAM, 2007, n. 295).

No mesmo viés, trata também sobre a formação dos catequistas que, apesar de estarem voluntariamente em grande número dispostos a auxiliar nesta iniciação, não possuem formação pedagógica ou teológica "desejável", além das coleções e livros que são muito variados. Esta preocupação com a formação dos catequistas e com as coleções utilizadas tem como objetivo fomentar a promoção de escolas de formação para os catequistas e outros envolvidos na catequese, fazendo, assim, com que esta aconteça como uma formação integral e concreta, contemplando a vida em comunidade e as celebrações litúrgicas ao mesmo tempo em que apresenta a vida de Jesus.

Com isso, o Documento de Aparecida pretende expressar que a catequese deve se aproximar da vida dos catequizandos ao ponto destes vivenciarem o que está sendo apresentado e discutido nos encontros, uma vez que ela é meio para introduzir o povo no mistério de Cristo através de Sua mensagem (CELAM, 2007). Para isso, a catequese deve ser

atrativa aos jovens, utilizar novos recursos e proporcionar-lhes o conhecimento do mistério de Cristo por meio do Caminho de Iniciação.

Após este, a CNBB publicou as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, as quais são formuladas com o intuito de serem reorganizadas periodicamente, geralmente de 4 em 4 anos. As últimas diretrizes são as de 2015-2019 e as de 2011-2015. No entanto, as diretrizes que deram suporte para a confecção das duas coleções da Diocese de Caxias do Sul e, portanto, utilizadas neste trabalho, são as de 2008-2010. Isso ocorreu em função de que a redação desta última aguardou a publicação do Documento de Aparecida (2007) para tê-lo como fundamento.

As diretrizes formuladas na 46ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil (2008, p. 9), trazem como objetivo

> evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, "para que todos tenham Vida, e a tenham em abundância" (Jo 10,10).

Apresentam como urgência a questão da saída de católicos da Igreja Católica e tomam o processo de Iniciação Cristã e a formação catequética adequada de cunho vivencial como parte da solução deste problema. A permanência seria promovida através da experiência religiosa, da vivência comunitária, da formação bíblica e da aproximação com a comunidade. Por isso, é lembrada também a importância da formação de leigos para que, com seu testemunho, incentivem os cristãos a viver a Iniciação Cristã. Desta iniciação à vida cristã, faz parte a promoção da dignidade humana (pensando como a comunidade pode acolher e auxiliar cada família e cada pessoa), a renovação da comunidade (a promoção do diálogo e a doação), a construção de uma sociedade solidária (em cooperação e compromisso com a educação escolar).

Um dos subitens desenvolvidos sobre a construção desta sociedade solidária é o *Mundo da educação*, o qual aproxima a educação da religião como processos de formação. Este disserta que não só da escola é a responsabilidade da educação, pois a família deve exercer primordialmente este papel. Neste ponto as comunidades católicas podem auxiliar as famílias. O documento aponta para a atenção que deve ser dada à ação missionária e pastoral da Igreja e apresenta a evangelização como o meio para isso.

Além destes documentos há um Plano de Pastoral, formulado e divulgado na Diocese de Caxias do Sul, o qual pretende também apresentar uma proposta de vida cristã, orientando a ação evangelizadora nesta localidade. Este documento foi construído por pessoas envolvidas

em diversas paróquias e serviços da diocese e tem como fundamento o Concílio Vaticano II e outros documentos elaborados para a ação evangelizadora no Brasil.

Neste sentido, percebe-se que há uma preocupação com o caminho da evangelização na diocese ao notar que o Plano de Pastoral é reformulado com periodicidade e tomando em consideração as mudanças que na própria diocese ocorreram. Esta atualização permite repensar o plano para a pastoral de acordo com o momento que a diocese está vivendo.

O Plano de Pastoral (2012, p. 6) apresenta seu objetivo próximo ao das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, sendo este "evangelizar a partir de Jesus Cristo, animados pela família, na formação inicial e permanente, numa comunidade acolhedora e missionária, na articulação e participação da juventude, no cuidado integral com a vida, em vista do Reino definitivo".

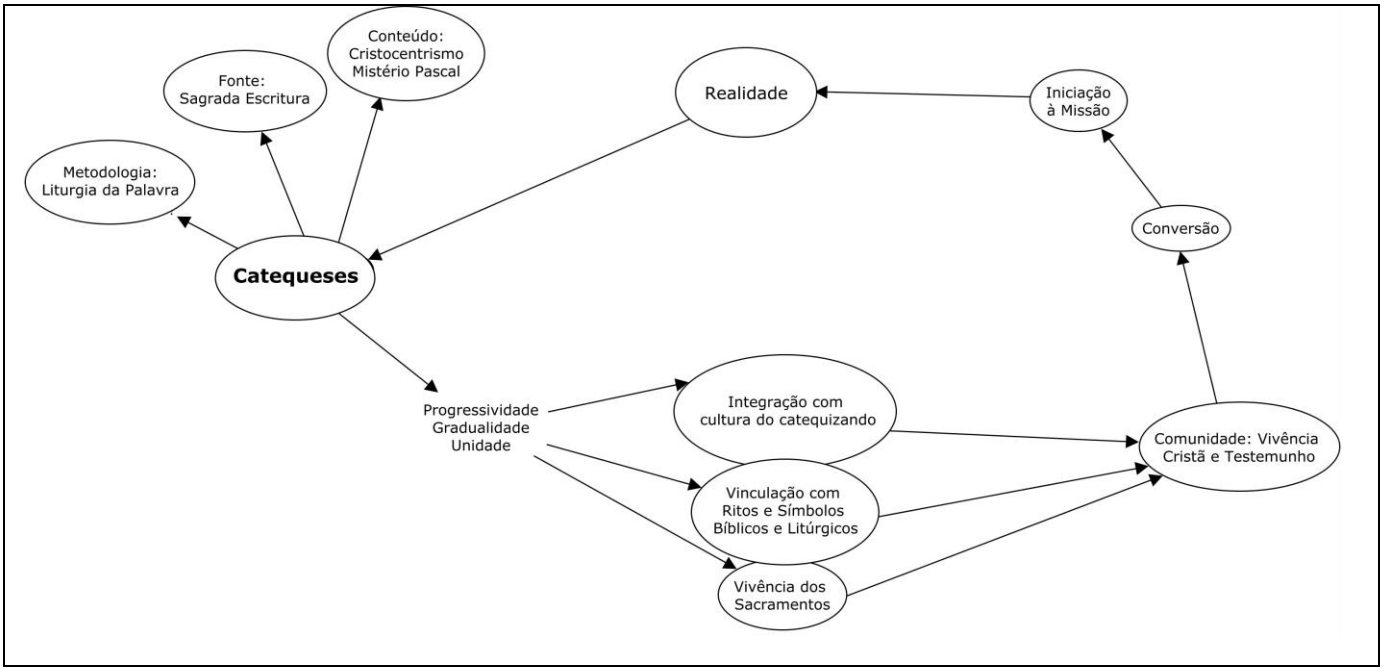
É possível perceber que os objetivos do Plano de Pastoral se entrelaçam com os apontados anteriormente sobre a catequese no DGC. O Plano de Pastoral coloca-se como um auxiliar no processo de evangelização que ocorre na diocese. Sendo a catequese uma das pastorais que atua para este fim, o Plano de Pastoral também é pensado em função dela e, por isso, considerado para a elaboração de coleções para a catequese, como é o caso das formuladas na Diocese de Caxias do Sul que serão abordadas no capítulo a seguir.

Por fim, os documentos expostos neste capítulo foram apresentados no sentido de que eles organizam, fundamentam e direcionam a catequese. Eles não buscam moldá-la de forma inflexível, mas, pelo contrário, buscam apresentar os aspectos fundamentais para seu andamento e alcance de objetivos. Pude perceber que os documentos se complementam, pois seguem uma linha temporal (do antigo ao atual) e geográfica (do amplo ao específico) que toma em consideração o pensamento anterior já existente, mas buscando olhar também para as especificidades de cada localidade onde o documento é construído.

A relação entre catequese e educação fica evidente nos documentos. O fato de a Igreja entender a catequese como educação para a fé indicaria este caminho por si só. Mas as características e a organização da catequese orientadas pelos documentos da Igreja Católica são subsídios que permitem entender a catequese como uma prática educacional. A relação das características apresentadas neste capítulo 2 com a prática educacional são o tema do capítulo 4, mas desde já é importante explicitar a ideia a ser desenvolvida. A catequese, entendida como processo de inserção dos sujeitos na prática da comunidade católica, por meio do entendimento do que é ser cristão, está relacionada à educação no sentido que esta é o caminho para inserir sujeitos para a prática na sociedade, sendo também conscientização dos educandos para esta atuação.

A catequese é formação humana que busca a ação para a transformação da sociedade existente em uma sociedade onde haja mais igualdade, solidariedade, amor ao próximo, etc. Isto só é possível se o momento da catequese for mediado de forma a possibilitar que os catequizandos encontrem sua fé, entendam os valores cristãos e, a partir destes, construam uma (com)vivência diferenciada e uma sociedade mais humanizada. Constituindo-se cristão, cada catequizando se constitui enquanto ser humano, por isso a Iniciação Cristã merece ser olhada com atenção e conscientização de seu sentido para a sociedade, não somente para a comunidade católica. Abaixo apresento um mapa conceitual sobre os principais conceitos da Iniciação Cristã, tendo o Catecumenato como base.

Figura 1 – Mapa Conceitual Características da Iniciação Cristã.



Fonte: Organização da autora.

Em resumo, neste capítulo foram expostos os principais conceitos que envolvem a catequese e o estilo Catecumenal, juntamente com os principais documentos que a orientam. O objetivo aqui foi dar a conhecer o tema da dissertação, a inspiração a ser utilizada no planejamento da catequese (catecumenato) e as orientações que explicam esta inspiração, as quais são dadas por sua instituição promotora, isto é, a Igreja Católica. No que se segue busco apresentar como as orientações dos documentos da Igreja Católica foram observadas na Diocese de Caxias do Sul por meio da apresentação das duas coleções formuladas nesta diocese para a pastoral catequética.

3 A CATEQUESE NA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL

Neste capítulo pretendo analisar as duas coleções que são utilizadas na prática catequética na Diocese de Caxias do Sul a partir do ano de 2010 até o presente ano, 2016, buscando entendê-las como orientação para esta. Busco agora observar como se dá o processo de educação na fé e, posteriormente, pensar em como as teorias educacionais podem auxiliar para que a Iniciação Cristã possa atingir seus objetivos.

Como o Diretório Geral para a Catequese orienta, devem ser elaborados os catecismos locais[28] para a catequese de acordo com a realidade apresentada em cada diocese. Neste sentido, "a organização da pastoral catequética tem como ponto de referência o Bispo e a diocese" (DGC, n. 265). Nesse aspecto, é papel do Bispo organizar a pastoral de maneira que atenda as necessidades encontradas na diocese, preocupando-se com a formação de catequistas para este trabalho e com a preparação de instrumentos necessários para sua prática. O DGC também busca guiar o projeto diocesano de catequese que deve ofertar a catequese como "um processo de Iniciação Cristã unitário para crianças, adolescentes e jovens, em íntima conexão com os sacramentos da iniciação" (DGC, n. 274).

É importante salientar que o DGC também retoma a necessidade de uma análise da realidade de cada diocese para posterior elaboração de instrumentos e textos didáticos que serão utilizados pelos catequizandos na catequese. Assim, a orientação para elaboração de catecismos locais (nacionais, regionais ou diocesanos) é, novamente, que estes tomem em consideração o Catecismo da Igreja Católica (quanto ao conteúdo) e o próprio DGC (quanto às formas de apresentação e metodologia utilizadas). Em sua conclusão, o DGC indica-se como um instrumento imprescindível para os pastores da Igreja, para os catequistas e todos os que estão ligados à pastoral catequética sendo um instrumento de auxílio para "favorecer o crescimento da fé" (DGC, n. 287).

Tomando como base o DGC, este capítulo apresentará os catecismos locais da Diocese de Caxias do Sul. Para isso, além da descrição e análise dos livros que são utilizados, realizei entrevistas com pessoas que estiveram inseridas no processo de sua elaboração para saber o que foi observado neste momento. Buscarei situá-lo conhecendo como foi pensado por alguns de seus autores, sem esquecer que estes processos envolveram vários tempos, espaços, sujeitos e contextos e que, sendo assim, conhecerei somente uma parcela do processo.

[28] Entenda-se por Catecismo Local as coleções ou materiais formulados por cada Bispo em sua diocese, para a utilização na catequese. Não deixando de lado o Catecismo da Igreja Católica (CIC), que deve ser tomado como base para toda a iniciação cristã, em todas as dioceses.

Neste momento faz-se válido retomar alguns aspectos teóricos da entrevista narrativa, pensada como história oral, para ainda esclarecer o porquê de seu uso, bem como as orientações que segui para realizar as entrevistas. Estas são utilizadas tendo como motivo ser uma forma de produção histórica possível para a pesquisa sobre os livros utilizados para a catequese na Diocese de Caxias do Sul, pois a história oral pode ser considerada

> como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos. (LOZANO, 2005, p. 17).

Busquei através das entrevistas esta produção de conhecimento para que fosse possível perceber os elementos que foram observados para a escrita das coleções. A fala de um dos entrevistados pode ser apresentada como complemento de minha intenção neste capítulo ao dizer que "talvez quando tomamos nas mãos o material já pronto não consigamos imaginar o processo que o antecedeu" (Entrevistado 1, 2016)[29].

Sabendo que a entrevista narrativa provocou uma revisitação às memórias dos entrevistados, fazendo com que as lembranças fossem transformadas em narrativas através da oralidade, é necessário saber que

> aquele que lembra não é mais aquele que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do que foi rememorado [...] a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer. (PESAVENTO, 2008b, p. 95).

O uso da história oral, considerando as entrevistas como fonte, teve como base as vivências individuais dos entrevistados, sendo necessário pensar que cada um falou a partir de sua subjetividade, das emoções e fatos que vivenciou no contexto em que se encontrava na época da organização das coleções, fazendo com que sua fala fosse única e exclusiva.

Além de saber que as entrevistas irão refletir o que foi percebido e sentido naquela época, é importante pensar que os entrevistados já vivenciaram outros caminhos desde lá e que estes caminhos também são fatores que moldam a sua fala atual. A história contada através das entrevistas não é uma história completa, acabada, mas sim, a busca de uma verdade aproximada, pois outros entrevistados, perguntas e interpretações poderiam mudar os rumos da escrita que aqui se segue.

[29] Optei por não identificar os entrevistados neste momento para resguardar sigilo de suas participações.

Ao relatar que fiz duas entrevistas com participantes do processo de escrita dos livros da Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*[30] e outras duas entrevistas com participantes da Coleção *Catequese com Leitura Orante*, tenho a ciência de que mesmo que cada par tenha participado dos mesmos momentos na história da elaboração dos livros, as memórias são individuais e cada pessoa terá relatos diferentes e únicos.

Foram realizadas entrevistas temáticas porque buscava-se conhecer sobre um tema, um momento que perpassou o caminho dos entrevistados (escolhidos por seu envolvimento). Conforme Alberti (2005, p. 175)

> em geral a escolha de entrevistas temáticas é adequada para o caso de temas que têm estatuto relativamente definido na trajetória de vida dos depoentes como um período determinado cronologicamente uma função desempenhada ou o envolvimento e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas. Nesses casos o tema pode ser de alguma forma "extraído" da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas. Escolhem-se pessoas que dele participaram ou que dele tiveram conhecimento para entrevistá-las a respeito.

As entrevistas acompanham o objetivo de entender o que foi pensado para a elaboração das coleções e como se deu o processo. Para complementar a análise e pensando ser importante entender o que ocorre durante a prática catequética e como as coleções orientam e auxiliam neste momento, realizei também dois grupos focais, cada um com catequistas que utilizam uma das coleções para nortear seus encontros de catequese. A intenção de realizar os grupos focais foi também de encontrar alguns dos limites e potencialidades das coleções utilizadas na prática catequética no sentido de que são os catequistas que mediam os encontros. A partir da transcrição dos grupos focais foi realizada a análise dos dados obtidos e foi possível perceber características marcantes com relação à prática catequética.

Feita uma breve apresentação do que será abordado neste capítulo, inicio agora a apresentação de algumas características gerais dos livros para posteriormente inserir a análise e as relações que podem ser realizadas com as entrevistas e grupos focais. Penso que além de descrever suas características, é importante mostrar a apresentação gráfica dos livros de cada coleção. Por isso, elas são apresentadas junto à descrição dos mesmos.

Penso ainda ser importante ressaltar desde o início do capítulo que as propostas de prática das duas coleções aqui descritas são muito semelhantes, apesar de apresentarem

[30] Nos livros construídos pela equipe diocesana, não há menção a uma coleção, porém, sendo este o título dos quatro livros apresentados por esta equipe e por estes serem entendidos como um caminho contínuo, nomeei assim a coleção, para poder falar sobre os quatro livros entendendo-os como um todo, um caminho progressivo e contínuo.

características diferentes. Será possível perceber, ao longo do capítulo, quais são essas diferenças, mas as semelhanças podem ser constatadas ao observar que os grupos formados para a produção das coleções tomaram como base as orientações da Igreja Católica para fundamentá-la.

A principal orientação seguida, apresentada no DGC, DNC, CR, entre outros, é a produção de materiais para a catequese que se aproximem da vida em comunidade. Estes devem apresentar como principais temas a serem abordados (i) a vida de Jesus, (ii) o compromisso cristão, (iii) a convivência em comunidade e alguns outros mais, os quais podem ser observados através da análise das temáticas abordadas nos livros.

Reitero que a mobilização para a elaboração de duas coleções para a catequese na mesma diocese possibilitou observar que a Iniciação Cristã, realizada por meio da catequese, é entendida como elemento importante por toda a Diocese de Caxias do Sul. Por isso, analiso como as duas coleções foram pensadas e construídas, além de brevemente explicitar o que os catequistas pensam a respeito das mesmas, para poder, posteriormente, discutir algumas contribuições que a educação pode trazer a ambas.

3.1 Inspiração para a prática na diocese: as duas coleções

Nesta seção exponho as características de cada coleção com a intenção de apresentá-las de forma geral. Na seção 3.2 apresento uma reflexão mais aprofundada de cada um dos aspectos aqui apontados.

Uma das fontes de inspiração para a catequese na Diocese de Caxias do Sul, a Coleção *Catequese com Leitura Orante*, foi pensada para acontecer de acordo com o calendário do ano civil e aborda em seus encontros textos bíblicos tanto do Novo Testamento quanto do Antigo. Sua publicação foi realizada desde o início de seu uso, a partir de 2009, pela editora Paulinas[31].

Os livros para a catequese trazem uma parte inicial que é basicamente a mesma para os livros das 4 etapas de catequese, composta de: a) indicação os documentos utilizados como fonte para a escrita do livro, sendo eles: "o Catecismo da Igreja Católica, o Diretório Geral e Nacional da catequese, a V conferência de Aparecida, as Diretrizes Gerais da CNBB, entre outros" (FLACH, 2009, p. 5); e b) Introdução: apresenta a catequese metodologicamente orientada pelo modelo da Leitura Orante, os livros da coleção como colaboradores para o

[31] Imagens das capas dos livros de cada etapa se encontram no Anexo A.

encontro com Deus e a equipe de redatores e colaboradores para a escrita do material.

Após esta apresentação da coleção e do método, o livro se divide em Parte I – Orientações Gerais e Parte II – Encontros de catequese. A Parte I, também igual nos livros das 4 etapas desta inspiração, contempla orientações sobre: como usar a coleção (pensando na realidade das comunidades), como usar os livros de cada etapa (o que pretende cada um deles), o espaço da catequese (mesa que reúne os catequizandos em círculo, mesa da palavra, vela, Bíblia), a Leitura Orante (seus passos), como fazer o encontro (acolhida, leitura), o planejamento que deve ser realizado no início do ano (inscrições, ritos, celebrações), texto para a formação dos catequistas (sobre a oração, a Bíblia, entre outros) e, por fim, as metas da catequese (iniciação, inserção na Igreja, comprometer as ações, entre outros).

Ainda, nos livros da terceira e quarta etapas, acrescenta-se um item intitulado *o estilo catecumenal*, o qual discorre de forma breve sobre três de seus principais elementos, a saber, (i) a escuta da Palavra, (ii) os ritos e celebrações e (iii) a prática da vida cristã. A parte II é específica para cada etapa, mas a forma de apresentação dos conteúdos é a mesma, isto é, Leitura Orante.

Após orientações para os encontros há ainda a Parte III: Encontros com as famílias (seguindo o mesmo modelo que os encontros dos catequizandos); Parte IV: Celebrações na comunidade (orientações para as celebrações: participação na Igreja e convite para participar de outras celebrações que a comunidade vivencia na Igreja durante o ano); Parte V: Anexos (os tempos litúrgicos; Orações da Missa; Orações e Fórmulas da fé - mandamentos, virtudes, dons e frutos do Espírito Santo, pecados capitais, obras de Misericórdia, oração do catequista); Bibliografia; Plano geral da coleção[32]; e Sumário.

Segundo os entrevistados 2 e 3 que participaram do processo de escrita desta coleção, a proposta foi construída a partir das vivências que ocorriam na paróquia onde estavam situados após diferentes tentativas para mudar a prática dos encontros. Os encontros eram pensados a partir dos textos bíblicos com uma cronologia, "integrando as celebrações inspiradas no RICA" (Entrevistado 2, 2016). Segundo o Entrevistado 3(2016), a partir da Leitura Orante, era pensando uma motivação e oração inicial, a leitura e reflexão sobre o texto, dinâmicas e um compromisso para os encontros. Pelo fato deste material ter sido utilizado inicialmente na paróquia mesmo antes de sua publicação, havia uma conversa contínua com os catequistas para ter um retorno e readequar o que fosse necessário, ainda segundo o mesmo entrevistado.

Outro comentário feito pelo Entrevistado 3 (2016) foi a questão de que a Igreja, com a

[32] Imagem do Plano Geral da Coleção se encontra Anexo B.

virada do segundo milênio, fez uma "preparação para se trabalhar a questão das origens, como viveram os primeiros cristãos" e isto refletiu na catequese. Tomando o mesmo sentido, o Entrevistado 4 (2016) disse que no ano 2000 houve a retomada do pensamento sobre a catequese e sua metodologia em reuniões da coordenação pastoral, para um "aprofundamento sobre a pessoa de Jesus Cristo".

A outra fonte de inspiração para a catequese na diocese, Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*, tem a configuração de seus encontros baseada no calendário do ano litúrgico. Este material também tem como fundamento alguns documentos da Igreja Católica, tais como o Diretório Geral para Catequese, o Diretório Nacional de Catequese, a Conferência de Aparecida, o Novo Ritual de Iniciação Cristã e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora. Para a elaboração deste material foi feito também um diagnóstico na diocese para buscar as inquietações existentes referentes à catequese e pensar em um subsídio que oferecesse um novo caminho para ela.

Esta segunda inspiração dos encontros de catequese, utilizada desde 2010[33] pela diocese, foi publicada no ano de 2015 pela Editora Vozes e pensada pela Coordenação Diocesana de Pastoral e pela Equipe Diocesana de Catequese de Caxias (constituída por padres, irmãs religiosas e leigos) que, como dito anteriormente, partiram das experiências vivenciadas na catequese, observando as orientações dos documentos da CNBB e da *Santa Sé* (representada pelo Vaticano) e tendo como fonte inspiradora a Bíblia, em especial o Novo Testamento.

Sobre a publicação deste material, por meio das entrevistas foi possível saber que uma editora de circulação nacional procurou a coordenação Diocesana de Catequese com o intuito de propor a publicação do material em virtude da alta procura pelo uso do material em outras dioceses que não somente a de Caxias do Sul. A coordenação, por sua vez, consultou a equipe de animação Bíblico-catequética da diocese para que junto à editora trabalhasse a revisão e edição do material.

Sobre este momento, o Entrevistado 1 (2016) ainda comenta que houve alguns acordos, tais como

> que o valor da comercialização não fosse muito alto, mantendo o propósito original de ser um material acessível; que se mantivesse toda a estrutura dos encontros, conforme o projeto original. O projeto gráfico, sim, ficaria por conta da editora. Os direitos autorais da Diocese reverteriam para o próprio projeto de catequese da Diocese.

[33] As imagens das capas dos livros de cada etapa após a publicação pela Editora Vozes se encontram no Anexo C. As imagens das capas dos livros de cada etapa anteriores à publicação se encontram no Anexo D.

Algo que apareceu com muita força na fala dos entrevistados foi de que a coleção foi fruto do trabalho de uma equipe. Esta equipe buscou atender as observações apontadas nos documentos-base para a catequese, observando o contexto da diocese envolvida e valendo-se também das diferentes ideias que as várias experiências de vida das pessoas envolvidas neste processo lhe possibilitaram acrescentar para complementar este material.

Os livros desta coleção, por sua vez, apresentam a seguinte estrutura: Apresentação (primeiro e segundo igual; terceiro e quarto diferentes entre sí e dos primeiros dois); Meta a Ser Alcançada em cada Etapa; Passos do Caminho (igual nos 4 livros: explicação sobre as inscrições, sobre acompanhar o ano litúrgico, sobre tempos de início, férias e reinício); Orientações Práticas (igual nos 4 livros: orientações para os catequistas no que se refere a organização prática dos encontros, sua preparação, os símbolos e celebrações); e Leitura Orante da Palavra (igual nos 4 livros: breve explicação sobre leitura da Bíblia, seus passos que guiam os encontros).

Após estas orientações iniciais, aparecem os encontros de cada etapa, os quais serão debatidos logo adiante. Após os encontros há também os anexos (mais encontros a serem celebrados do longo do ano), a Orações do Cristão, os Mandamentos, os Pecados Capitais, os Sacramentos e as Referências. Nesta coleção não há um "Plano Geral" como na apresentada anteriormente, mas decidi fazê-lo, visto que este último apresenta algumas características que, lendo os itens descritos acima, é possível entender. Este se encontra no Apêndice A.

Segundo os entrevistados que participaram da escrita deste material, foram realizadas diversas reuniões nas quais, identificando a necessidade de uma mudança na metodologia, motivou-se a produção de um novo material. Havia reuniões "para definir as linhas mestras, os pressupostos, os objetivos de cada etapa, a metodologia dos encontros e a temática" (Entrevistado 1, 2016). "O ano litúrgico, a Leitura Orante da Palavra, os documentos da Igreja, a participação na vida celebrativa da comunidade foram diretrizes" (Entrevistado 4, 2016). Havia, segundo o Entrevistado 4 (2016), uma primeira produção dos encontros e depois um retorno com os catequistas que estavam trabalhando com a coleção para avaliação dos mesmos.

Em resumo, nesta seção expus as características gerais de cada coleção, apresentando um primeiro olhar sobre elas no sentido de compreender como foram pensadas inicialmente. Na próxima seção avaliarei as características de cada uma das coleções, já as colocando-as "lado a lado" e buscando perceber quais são as diferenças e semelhanças que ambas as coleções possuem.

3.2 As coleções como itinerário de formação: uma análise em perspectiva

A Igreja Católica orienta que os temas debatidos nos subsídios formulados para a catequese devem estar em torno do compromisso cristão, do Cristocentrismo (conhecer as ações e ideias de Jesus Cristo) e da convivência na comunidade, em especial. Neste sentido, foi possível perceber que ambas as coleções se colocam frente a estas orientações, dando ênfase à vida de Jesus Cristo na medida em que apresentam Sua vida como sendo ideais do cristão.

Seguindo estas orientações, foi perceptível na análise das coleções que todos os encontros eram fundamentados em textos bíblicos, sendo utilizados outros textos (como os documentos da Igreja Católica) apenas como complementação da temática a ser abordada. Os principais textos bíblicos utilizados para as temáticas dos encontros foram os Evangelhos. Os textos de Mateus, Marcos, Lucas e João foram o norte para os encontros. Outros textos da Bíblia foram utilizados para fundamentar outras temáticas, mas não houve, em nenhuma das coleções, outros textos tão utilizados quanto os Evangelhos.

Para observar quais foram os principais temas abordados pelas coleções, busquei olhar para cada encontro percebendo quais eram as temáticas abordadas. Pude perceber que dois grandes blocos temáticos surgiram em meio aos encontros de ambas as coleções, a saber: a Páscoa (Quaresma – preparação para a Semana Santa – Santa Ceia, Sofrimento, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo) e a Vida em Comunidade (compromisso cristão: anunciar Jesus e dar testemunho Dele). O bloco temático mais abordado, subsequentemente a estes supracitados, é o Natal (tempo do Advento, Anúncio e Nascimento de Jesus) e, em seguida, o Batismo de Jesus. Outras temáticas como o Espírito Santo, os mandamentos, os sacramentos, a criação, a Campanha da Fraternidade também são abordados.

Os catequistas do Grupo Focal B (2016) confirmam esse pensamento quando comentam que é interessante poder fazer sempre a relação com a vida de Jesus, com suas atitudes e com o que Ele buscou ensinar em cada encontro, conversa ou parábola, já que o maior educador foi Ele. Complementam ainda que os catequistas buscam ensinar a partir Dele, pensando o que pode ser realizado no dia-a-dia. No Grupo Focal A (2016), os catequistas também comentaram que os conteúdos são apresentados na forma das vivências de Jesus e depois relacionados com as vivências dos catequizandos. A catequese, segundo este grupo, é o encontro com Jesus e, exatamente por isso, a coleção reforça Sua história e vincula-a com a missa, com o cotidiano dos catequizandos e com a vivência na comunidade.

É importante reconhecer que a Bíblia tem centralidade em todo este processo. Como comentou o Grupo Focal A (2016), as características principais que a coleção trouxe foram o método da Leitura Orante e o uso da Bíblia, o que permitiu que os catequizandos se familiarizem com Ela, sabendo encontrar as passagens necessárias e conhecendo a localização de seus Livros.

Creio ser interessante observar os títulos dados às coleções. Dada a sequência de livros para as quatro etapas da catequese, uma das coleções apresenta como título de seus livros *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*, seguido da especificação de cada etapa (primeira, segunda, terceira e quarta). O título indica que a catequese não é um momento, ou um ato isolado, é uma construção, é um caminho a ser percorrido pelos cristãos. É considerado um processo de educação da fé no qual o principal é oportunizar que os catequizandos tracem um percurso de aprendizagem do ser cristão. Tendo já ocorrido o contato inicial com a fé (mediado nas famílias), a catequese é o processo que auxiliará a desenvolvê-la, buscando seu crescimento e amadurecimento.

Já a Coleção *Catequese com Leitura Orante* apresenta títulos diferentes entre seus livros, sendo o mesmo somente para a primeira e segunda etapas "A mesa do Pão" (com as especificações: Iniciação à Eucaristia 1 e 2). Este título vêm ao encontro do sacramento o qual os catequizandos irão participar a partir destas duas primeiras etapas, a saber: a Eucaristia. Na terceira etapa o título é "Perseverar na fé" (com a especificação: pré-crisma) e este título remete à continuação da Iniciação Cristã após a participação na eucaristia e a perseverança dos catequizandos em continuar na comunidade de fé. Na quarta etapa o título do livro é "Confirmados na fé" (com a especificação: crisma) fazendo referência ao sacramento da Crisma, o qual é o momento em que os cristãos confirmam sua adesão de fé à cultura cristã.

Um aspecto semelhante entre as coleções é a duração do período da Iniciação Cristã, que em ambas é de 4 anos (divididos em 4 etapas de um ano cada uma). Sobre este aspecto, em um dos grupos focais, foi comentado que, certa vez, entre os pais surgiu o questionamento do por quê de quatro anos de catequese. Segundo os entrevistados, os catequistas responderam a questão dizendo que a catequese não é somente este tempo, mas sim uma vivência que ocorre além dos encontros da catequese e que, neste sentido, os quatro anos seriam pouco. Em consonância com esta questão, o Entrevistado 2 (2016) comentou que as pessoas que solicitam a redução do tempo de catequese "não conhecem o método catecumenal e foram catequizados provavelmente numa visão bem reduzida do processo de fé". O mesmo entrevistado ainda comentou que os quatro anos são o mínimo indispensável para a formação

cristã e que algumas “dioceses chegam a ter seis anos no processo. Outras oito. Escolhemos quatro, o mínimo, porque a nossa cultura gaúcha não acolheria muito bem aumentar esse tempo" (Entrevistado 2, 2016).

O Entrevistado 3 (2016) comentou que este período não seria pouco ou muito porque isto depende da vivência que é feita junto à catequese por parte dos catequizandos. O Entrevistado 4 (2016) afirmou ainda que

> a ideia é de uma formação permanente. Mas um tempo mais intenso para estabelecermos as bases dentro de uma faixa etária se faz necessário. É positivo quatro anos fazendo a distinção em cada ano com a metodologia própria e grau de aprofundamento. Precisamos de um tempo pedagógico para nos aproximar do mistério.

Outro entrevistado também aborda a questão da continuidade, afirmando que a catequese realizada em quatro anos é suficiente, em termos de iniciar o processo. "O problema é quando, após estes quatro anos, a pessoa não busca mais nenhuma formação e abandona o caminho iniciado" (Entrevistado 1, 2016). Nesse caso, uma possível solução pareceria ser oferecer possibilidades de permanência no caminho da fé para que os jovens e adultos continuem o caminho iniciado na catequese.

Nos grupos focais também apareceu a preocupação com o “depois”, isto é, com aquilo que acontece com o período pós catequese. Em geral, os catequistas sentem uma alegria ao verem a continuação da participação dos catequizandos na comunidade, bem como sentem tristeza ao encontrá-los em “outros caminhos”, entendendo os ritos realizados durante o período da catequese como uma formatura que finaliza o contato com a Igreja.

Outra diferença referente ao tempo de catequese se dá ao perceber que a Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã* tem seu itinerário baseada no tempo litúrgico, isto é, iniciando a catequese com o tempo do Advento[34]. Segundo o Entrevistado 1 (2016) “os encontros e as temáticas acompanham o ciclo anual das celebrações litúrgicas”. Então, este modelo permite que as crianças vivenciem o ano litúrgico conjuntamente ao que estará sendo abordado na catequese.

Já Coleção *Catequese com Leitura Orante* acompanha o ano civil, iniciando em março e finalizando a etapa em dezembro. Este modelo permite que a catequese esteja acontecendo no mesmo período em que as crianças vão à escola, facilitando a organização das famílias para este momento no sentido que ela acompanha o que ocorre no cotidiano daquelas. Segundo o Entrevistado 2 (2016), manteve-se o calendário segundo o ano civil porque seria inviável

[34] Primeiro tempo do ano litúrgico. Quatro semanas antes do Natal, no qual há a preparação para ele.

mudar o calendário "por questões ligadas ao ano escolar, pois a vida útil do ano se resume de março a novembro, nesse contexto" (Entrevistado 2, 2016). Endossando este último, o Entrevistado 3 (2016) também comentou que a mudança do calendário seria complicada "porque, já toda a vida das famílias está organizada neste período como está, nós não podemos fazer coisas muito diferentes porque nós vamos ficar falando sozinhos".

Sobre esta questão, retomando as considerações do Grupo Focal A (2016), o qual atua fazendo uso do manual que segue o ano litúrgico, esta característica foi citada como algo importante e muito positivo no caminho de iniciação no sentido que é possível haver uma vinculação mais estrita entre a catequese e a missa. Os participantes do Grupo Focal em questão tomaram esta característica como sendo o diferencial desta coleção na medida em que os encontros acompanham a sequência do ano litúrgico vivenciado na Igreja Católica.

O Grupo Focal B (2016), o qual faz uso do manual que segue o calendário civil, teve opiniões diferentes a respeito desta temática. Afirmaram inicialmente que os livros falam primeiro sobre o nascimento de Jesus e dão continuidade apresentando a Sua vida como um todo. A partir deste comentário, de uma parte, alguns catequistas afirmaram que seria interessante abordar um assunto no momento em que ele está sendo vivenciado na Igreja, sendo forma de aproximação entre a catequese e a vivência litúrgica na comunidade, pois "se perde a oportunidade de viver e ensinar ao mesmo tempo", isto é, de fazer a relação entre a liturgia e aquilo que os catequizandos escutam na missa. De outra parte, outros catequistas afirmaram ser possível fazer a retomada, o resgate do assunto, e colocaram o itinerário de conteúdos (início com o nascimento) como ponto positivo mais importante do que acompanhar o ano litúrgico.

Ainda outra característica que difere nas coleções é a idade para o começo da catequese. Segundo o Entrevistado 3 (2016) nas paróquias que utilizam a Coleção *Catequese com Leitura Orante*, as crianças podem fazer a inscrição para a primeira etapa da catequese no ano em que completam 9 anos de idade. O mesmo entrevistado comentou que esta mudança foi importante, pois acredita que quanto mais jovens forem os catequizandos, mais eles terão interesse em participar efetivamente do caminho da Iniciação Cristã.

O Entrevistado 1 (2016), ao falar sobre a Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*, comenta que "os documentos da Igreja não são precisos quanto a isto, para deixar que seja adaptado às diferentes realidades. O Código de Direito Canônico fala da idade do uso da razão" e que, por isso, a catequese desta coleção é orientada a iniciar com crianças de 9 anos completos, pensando também no percurso da alfabetização das crianças.

No Grupo Focal B (2016) foi comentado que em alguns momentos os textos bíblicos são muito difíceis para as crianças entenderem, principalmente das primeiras etapas, muito embora eles digam também que o manual usado foi formulado tomando em consideração a "psicologia das idades". Os catequistas do Grupo Focal A (2016) comentaram que os catequizandos começam no ano em que completam 10 anos, em função da idade da alfabetização, mas dependendo da situação de cada catequizando o livro vai ser adequado ou não, pois alguns ainda têm dificuldade de ler, mesmo com mais idade. Da mesma forma, alguns são completamente independentes, ao passo que, outros precisam de um auxílio maior para entender e realizar as atividades. Foi apontada também a questão de que talvez se os catequizandos começarem maiores estes poderiam perder o interesse que possuem no início da catequese. Comentaram, ainda, que poderia haver uma pré-catequese para as crianças menores, mas, neste caso, entendem que seria necessária outra metodologia que abordasse a vida de Jesus de forma lúdica e que esta não dependesse da leitura.

Outro tópico analisado foi o de que há uma importante diferença referente à orientação para a duração de cada encontro. Mediante as entrevistas realizadas, pude perceber que a orientação da Coleção *Catequese com Leitura Orante* é de que o encontro tenha a duração de 1 hora e 30 minutos, considerado um tempo suficiente para fazer uma conversa inicial com os catequizandos e depois apresentar a temática do encontro. Já as orientações da Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã* é de que 1 hora de duração é um tempo suficiente para o encontro, não tornando-o, assim, muito extenso e cansativo.

No Grupo Focal A (2016) foi comentado que alguns catequistas já estendem esse tempo em alguns momentos, prolongando para 1h15 ou 1h30 de duração. Afirmam que isto também depende da realidade de cada turma. No entanto, em ambos grupos focais os catequistas concordaram que, dependendo da turma, eles precisam utilizar mais materiais tendo em vista completar o tempo estipulado, agregando ao encontro e chamando os catequizandos para a participação. Esta é uma variação que os catequistas que trabalham com as duas coleções percebem que precisam adaptar de acordo com a realidade que se deparam em cada turma.

Esta questão do uso de materiais diversificados e atividades que não estão nos livros foi comentada nos dois grupos focais realizados no sentido de acrescentar aspectos lúdicos aos encontros, tornando-os mais fáceis de serem entendidos e também mais prazerosos aos catequizandos. Estas ideias também surgiram acompanhadas do pensamento de que em ambas as coleções os livros são completos, mas caso o catequista queira complementar o encontro,

este se tornará ainda mais significativo, poderá ser mais relacionado com a vida dos catequizandos e facilitará o entendimento.

Neste sentido, os catequistas do Grupo Focal B (2016) comentaram que em alguns encontros não é necessário acrescentar subsídios, mas em outros é necessário trazer algo para "enriquecer o encontro". Além disso, comentaram que sentem falta da indicação nos materiais de utilizar "a parte tecnológica", uma vez que esta é de fácil acesso aos catequizandos. No Grupo Focal A (2016), por sua vez, os catequistas comentaram que utilizam jogos, filmes, músicas, desenho e pintura, bem como a utilização de slides para apresentar imagens e outros materiais para aperfeiçoar os encontros, mesmo que estes não estejam apresentados nos livros.

Nesta linha de pensamento, um ponto observado nas coleções foram as propostas de atividades e vivências nos encontros. Nos livros da Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã* haviam algumas atividades e dinâmicas mediadas pelos catequistas, bem como compromissos que os catequizandos deveriam fazer em casa. Como exemplos de atividades para serem realizadas nos encontros, o manual orienta para que seja feito uma busca por passagens bíblicas, a partilha de alimentos relembrando a última ceia, a construção de um barco com o nome das crianças escritos na lateral (quem vai na barca de Jesus?), a elaboração de orações pessoais, a encenação da passagem lida no encontro, a realização de preces, a confecção de cartazes e assim por diante.

Como exemplos de compromissos, nesta coleção os catequizandos devem, entre outras coisas, conversar, rezar, ler o Evangelho junto à família, buscar textos e imagens que remetam à temática do encontro, escrever cartas à família, fazer doação de objetos pessoais e alimentos, fazer uma visita a alguém que precisa de auxílio, participar das celebrações na comunidade, realizar algum tipo de jejum, fazer uma linha do tempo da caminhada de fé da família, entre outros.

A Coleção *Catequese com Leitura Orante* propõe atividades parecidas durante os encontros, a saber: a escrita de oração pessoal, o uso da Bíblia (procurar determinadas passagens), o desenho de peixes com o nome dos catequizandos inscritos na lateral do mesmo, a partilha de alimentos, a escrita do que podemos fazer para agradar Jesus, a junção de retalhos com o intuito de formar uma colcha, a resposta de perguntas sobre o encontro, a escrita de cartões para distribuir em celebrações, a realização de encenações, a confecção de cartaz com situações de cruz e de luz da vida humana em geral e da vida dos catequizandos e a construção de um memorial do tempo de catequese.

Já os compromissos propostos nesta coleção são: conversar e rezar com os pais, buscar imagens acerca da temática do encontro, aprender orações específicas, fazer doações e gestos de caridade, visitar a igreja, evitar algo que goste de fazer (jejum), fazer entrevistas, participar das celebrações, criar uma história em quadrinhos, observar as notícias boas e ruins sobre o cotidiano, fazer uma ação que deixe alguém feliz, falar de Deus para alguém e assim por diante.

Tendo em vista esta análise, é possível dizer que as atividades e compromissos das duas coleções tornam-se parecidas e em muitos momentos são as mesmas[35] por terem o mesmo propósito, isto é, auxiliar na interpretação do texto bíblico, promover o auxílio ao próximo, a oração e a participação na comunidade. Neste aspecto, foi possível perceber que os livros da Coleção *Catequese com Leitura Orante* trazem mais atividades para serem realizadas durante os encontros. Mesmo assim, os catequistas que o utilizam apontaram a necessidade de mais dinâmicas para os encontros. Esta interpretação também foi possível a partir do Grupo Focal A (2016) realizado com catequistas que tem experiência e prática com a Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*, no qual algumas delas, tendo lido o material da outra coleção, apontaram-no como tendo mais dinâmicas. Este último grupo inclusive sugeriu a ideia de que, se ambos fossem unidos, a catequese poderia ter mais subsídios e, quem sabe, ser mais produtiva. Em alguma medida isto está de acordo com a fala do Entrevistado 2 (2016) quando este disse ter conhecimento de paróquias que fazem o uso das duas coleções de forma a complementar a formação de catequistas.

No Grupo Focal B (2016), o qual trabalha com a Coleção *Catequese com Leitura Orante*, este método foi considerando como auxílio para a aproximação da leitura com a vida dos catequizandos e que a utilização deste método facilitou muito a compreensão destes, mas que junto a ele ainda poderiam ser acrescidas algumas dinâmicas para trabalhar com as crianças. No Grupo Focal A (2016), a respeito de sua respectiva coleção, foi colocado que é necessário acrescentar atividades e dinâmicas para além da (re)leitura e das perguntas que os próprios livros trazem, pois somente a leitura do texto bíblico não é suficiente e as crianças compreendem melhor quando são inseridos mais subsídios. Observam também que, principalmente com as primeiras etapas, é necessário apresentar outros elementos para auxiliar na compreensão das temáticas abordadas e, nas últimas etapas, outros recursos são apresentados para dar mais dinâmica aos encontros. De qualquer modo, em ambos os grupos

[35] Exemplos de atividade e compromisso que ambas as coleções utilizam é, no encontro que falam sobre a criação, o trabalho com argila, para moldar pessoas ou outra criação Divina, e no tempo do Advento, trazer objetos para montar um enxoval para uma mulher grávida. Ainda, em ambas as coleções aparece a solicitação da vivência de oração em casa.

focais os catequistas disseram que promovem outras atividades, também de comprometimento, para além daquelas que aparecem nos livros, complementado, assim, a formação.

Ao serem questionados sobre esta temática, os entrevistados tiveram diferentes opiniões. Sobre a Coleção *Catequese com Leitura Orante*, os entrevistados afirmaram que "vivemos numa época de profundas e rápidas mudanças nessa era digital e o livro ainda funciona, mas como uma ferramenta, jamais como principal recurso. Sem interatividade não se comunica nada às gerações de hoje" (Entrevistado 2, 2016). Tendo participado do processo de construção da coleção e sendo catequista também, o Entrevistado 3 (2016) diz que não percebe a necessidade de buscar mais subsídios para o encontro. Porém, esta opinião não é unanimidade, como é possível perceber através da análise dos grupos focais comentada nos parágrafos anteriores.

Os entrevistados que fazem uso da Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã* afirmaram também ser importante seguir a estrutura do encontro, pois "no centro deve estar a Palavra, sempre. Depois é possível a criatividade do catequista com alguma dinâmica, tarefa, trabalhos" (Entrevistado 1, 2016), tendo sempre o cuidado de que tudo se encaixe no caminho a ser percorrido e segundo o objetivo do encontro. É importante relembrar que o DGC orienta para que seja utilizada como metodologia a Pedagogia da fé, baseada no exemplo de Jesus Cristo. Informando que não há método único retomo que para o DGC (n. 148), é necessário pensar qual o método mais adequado de acordo com a realidade de cada diocese.

A Leitura Orante da Palavra é o método pelo qual cada encontro de catequese é baseado. Segundo o Entrevistado 1 (2016), "o estilo catecumenal de catequese inclui a dimensão litúrgica". Esta metodologia aparece adaptada para a catequese nas duas coleções, mas tem alguns aspectos como base[36]: oração inicial para colocar-se à luz do Espírito Santo, seguida dos passos: (1) leitura atenta do texto (realizada mais de uma vez, tentando entender o que o texto diz), (2) meditação (pensar o que Deus quer dizer através do texto – ligar texto com a vida, pensando o que o texto diz a cada um), (3) oração (fazer uma oração baseada na leitura – o que o texto bíblico motiva a dizer a Deus) e (4) contemplação (olhar a vida a partir do texto e fazer um "compromisso", algo concreto para colocar em prática aquilo que foi entendido com a leitura).

Como apresentado anteriormente, em ambas as coleções há orientações sobre a Leitura

[36] A Leitura Orante já foi abordada nos capítulos anteriores, sendo uma orientação da Igreja Católica para a metodologia dos encontros de catequese. A explicação aqui apresentada foi retirada da parte inicial das duas coleções trabalhadas nesta dissertação.

Orante e os passos que devem ser seguidos. Na Coleção *Catequese com Leitura Orante* há inicialmente uma citação da Pontifícia Comissão Bíblica a respeito da catequese com o intuito de introduzir a compreensão da leitura bíblica e retomar os passos da *lectio divina*. Já a Coleção Caminho de Iniciação à Vida Cristã antes dos passos apresenta um parágrafo explicando que com o passado dos cristãos "aprendemos um jeito novo de nos aproximarmos da Bíblia" (2015, p. 12) que é a Leitura Orante.

Cada livro aborda estes aspectos como centrais em seus encontros e os utilizam na mesma ordem. Porém, em cada coleção o encontro é dividido de forma diferente e em cada parte há aspectos diferentes abordados pelo livro, tanto no que diz respeito à leitura e ao entendimento da temática do encontro quanto ao que se refere às atividades que cada um propõe. Nesse viés apresento, a seguir, alguns aspectos gerais dos encontros das duas coleções, com os títulos de cada momento e cada elemento que os compõem. Junto à breve explicação, seguirá uma imagem do capítulo inicial, dos livros da primeira etapa de cada coleção para que se possa perceber visualmente como cada coleção modela a Leitura Orante em seus encontros.

A Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã* apresenta os seguintes itens em seus encontros:

a) Título do encontro;

b) Preparando o encontro: breve texto sobre o encontro, objetivo do encontro, preparação do ambiente (objetos que devem estar colocados na sala de catequese como material do encontro).

c) Os 7 passos do encontro:

1. Momento de Acolhida e Oração: Sinal da Cruz, oração ou canto, retomada do encontro anterior e conversa inicial.

2. Jesus verdade! Ajuda-me a conhecer a Tua Palavra: a) indicação do texto bíblico para leitura. b) variáveis: a escolha de mais de uma pessoa para ler o texto de acordo com o número de personagens que aparece, recontar o texto, beijar a Palavra de Deus, reler cada um em sua Bíblia, cada um ler um versículo ou uma parte do texto, o catequista ler, destacar gestos ou personagens da passagem, destacar e escrever a parte que mais gostou c) perguntas sobre o texto (recontando a história).

3. Jesus caminho! Abre meu coração para acolher a tua vontade: atualizar a Palavra, questionar o que ela faz pensar (relacionar com a vida). Espaço onde há o texto “Para a reflexão do catequista” que explica a leitura bíblica e como ela pode ser relacionada com a

realidade dos catequizandos – subsídio para a mediação do catequista. Variáveis no final desta parte: canto, dinâmica, atividades.

4. Jesus Vida! Fortalece minha vontade para viver a Tua Palavra: silêncio, oração pessoal (motivada pelo encontro), canto.

5. Compromisso: algo que os catequizandos tenham que fazer em casa com suas respectivas famílias, ou trazer para o próximo encontro (em alguns encontros já está especificado no livro o que o catequizando deve fazer, em outros ele motiva que os catequizandos criem um compromisso juntos a partir do encontro)

6. Compreendendo a missa: parágrafo que explica algum momento da missa (somente nos livros da terceira e quarta etapas).

7. Avaliação do catequista: ao longo da semana apontar pontos fortes, as dificuldades de cada encontro.

No Anexo E é possível visualizar um exemplo de encontro da catequese da Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*. O encontro escolhido para ser apresentado aqui é o primeiro encontro da primeira etapa.

A Coleção *Catequese com Leitura Orante*, por sua vez, apresenta seus encontros a partir dos seguintes tópicos:

a) Título do encontro: tema; preparar os objetos para levar ao encontro; texto bíblico (somente indicação).

b) Os 4 passos do encontro:

1. Boas vindas: acolhida, oração inicial, motivação (conversa que já introduz ao tema do encontro).

2. Mesa da Palavra: Começa com a aclamação à Palavra de Deus e acendimento da vela (música); Na Bíblia (texto bíblico – citação do texto no livro); Reconstrução do texto (perguntas no livro); Destacar frases importantes (motivar isso no encontro).

3. Ao redor da mesa: Para entender melhor (texto que explica sobre a temática do encontro); Para o catequista (outro texto que explica sobre a temática do encontro, direcionado aos catequistas); Na fé da Igreja (relaciona a temática do encontro a aspectos que compõem a Igreja, como a liturgia, as datas importantes, as imagens, as vocações, etc); Símbolo e atividade (momento em que se utilizam os objetos indicados no início do encontro para uma atividade); Compromisso (atividade/ ação que os catequizandos devem realizar durante a semana ou trazer no próximo encontro – também já definido).

4. Oração final (oração já colocada no livro).

No Anexo F encontra-se também a imagem do primeiro encontro da primeira etapa de catequese da Coleção *Catequese com Leitura Orante*.

Retomo que os aspectos da Leitura Orante da Palavra são tomados como base para a mediação dos encontros, porém estes são organizados de formas diferentes em cada uma das coleções. Os entrevistados falaram que esta metodologia que é utilizada visa retomar o que se vivenciava nas comunidades cristãs dos primeiros séculos através do caráter *mistagógico* que "garantia o contato com a Palavra de Deus" (Entrevistado 2, 2016) e também pelas orientações da CNBB, no DNC e no Documento de Aparecida. Além disso, o Entrevistado 1 (2016) também comentou que "o núcleo central do encontro é a acolhida da Palavra através da Leitura Orante". O Entrevistado 3 (2016) ainda comentou que a Leitura Orante "é o grande diferencial porque ele faz com que nós reflitamos a respeito daquilo que foi dito nas primeiras comunidades".

Sobre a Leitura Orante, analisando as coleções e as falas dos catequistas que as utilizam nos encontros de catequese, penso que ela poderia sim ser um método que possibilite o entendimento do que está na Bíblia, pois solicita uma leitura atenta, que é o que acredito ser o passo inicial para que os catequizandos comecem a entender sobre o que estão aprendendo. Porém, ela sozinha não é suficiente. É necessário que, após a leitura atenta, seja possível uma conversa para que os catequizandos debatam e construam em conjunto o entendimento sobre o que leram. E, mais ainda, são necessários outros subsídios que devem ser apresentados pelos catequistas, ou mesmo pelas coleções, sobre as temáticas abordadas em cada encontro, para que este debate tenha mais ferramentas para sua construção, possibilitando sua significação.

A Leitura Orante deve ser acompanhada de uma relação dialética durante os encontros para que os catequizandos possam questionar suas dúvidas e conversar sobre os textos, buscando entende-los. A partir deste entendimento dos textos lidos e de sua significação, os catequizandos poderão construir o pensamento do que se pode fazer a partir deles, em seu cotidiano. Assim se dá a relação que possibilitará também a transformação das ações dos catequizandos.

Ainda outro aspecto abordado nos livros e que segue a orientação dos documentos da Igreja Católica é a "mensagem centrada na pessoa de Jesus Cristo (*cristocentrismo*)" (DGC, n. 97). Em ambas as coleções a vida de Jesus Cristo é apresentada e tomada como norte para mostrar quem é o cristão, para que se possa seguir os ensinamentos que Ele dava através de suas ações (exemplo). "Buscamos nos afeiçoar a Jesus Cristo dentro do método Jesus:

caminho, verdade e vida", diz o Entrevistado 4 (2016), buscando, assim, a integração entre a catequese e a liturgia. O mesmo também comentou que a catequese busca "fazer acontecer uma experiência de vida comunitária em torno da pessoa de Jesus Cristo" (Entrevistado 4, 2016). Aqui pode se fazer a retomada de alguns dos documentos mostrados no capítulo 2, como, por exemplo, o documento Catequese Renovada (1983), o qual coloca como um dos princípios para a renovação da catequese a importância da comunicação da vida de Jesus Cristo.

Nos livros da Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*, os textos indicados para os encontros são retirados do Novo Testamento, em sua maioria. Aparecem, porém, em alguns momentos textos do Antigo Testamento dispersos entre as etapas. Eles referem-se a temas como o da criação, o dos profetas (Moisés, é um dos lembrados), o dos 10 mandamentos e o da explicação da quaresma e da vigília Pascal. Já na Coleção *Catequese com Leitura Orante*, os textos bíblicos do Antigo Testamento concentram-se mais na primeira etapa, ainda que apareçam também em menor escala nas demais etapas. O Entrevistado 3 (2016) comentou que o percurso que a Coleção *Catequese como Leitura Orante* faz em relação ao Antigo e Novo Testamento "vai contar que Jesus veio ao mundo e através Dele é contada a história do Antigo Testamento. Depois, no final, Ele entra em cena de novo, já concluindo o ano".

Observando os textos bíblicos utilizados nos livros desta última coleção, também foi possível notar algumas particularidades desse percurso acima referido. Na primeira etapa aparece uma quantidade maior de textos do Antigo Testamento que falam da criação, das tribos de Israel, da escravidão no Egito, de Moisés e sua relação com a Páscoa, dos 10 mandamentos e dos profetas. É possível perceber que as temáticas se aproximam das comentadas na Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã* com a diferença de que estas temáticas foram abordadas em mais encontros, fazendo com que o Antigo Testamento aparecesse mais nesta coleção. Este é indicado também nas demais etapas com relação às temáticas da origem do mal, do cuidado com o jardim de Deus, da escolha pela vida e do Batismo. Pelas falas dos catequistas do Grupo Focal B (2016) e também observando as leituras bíblicas sugeridas nas outras 3 etapas desta coleção, percebo que nestas há ênfase ao Novo Testamento. Este apresenta a vida de Jesus Cristo e a formação das comunidades segundo suas experiências e vivências.

A questão do espaço físico é mencionada em ambas as coleções, ainda que com ênfases diferentes. A Coleção *Catequese como Leitura Orante* aponta nos livros um tópico com orientações. Nos livros da primeira e da segunda etapas há também imagens para

exemplificar as orientações. As orientações para o espaço se seguem da seguinte forma: “A Coleção Catequese com Leitura Orante tem seu diferencial na utilização da mesa da Palavra e uma mesa maior que reúne ao seu redor os catequizandos para refletir a mensagem cristã” (2009, p. 14). Há uma explicação do objetivo da Mesa da Palavra (leitura solene da mensagem de Deus) e da mesa da catequese colocando-a como símbolo de reunião e de diferenciação do vivenciado na escola. Assim, formou-se "um ambiente só para partilha e outro só da Palavra" (Entrevistado 3, 2016).

Ainda no mesmo capítulo, a coleção coloca outros dois itens, um deles intitulado *A mesa como símbolo*. Este comenta sobre a importância da reunião dos catequizandos junto à mesa, considerando-a local de local de partilha e de união para estreitar as relações “num mundo acelerado e de relações complexas como o nosso, muitas vezes as pessoas não têm mais tempo de sentar à mesa e fazer uma refeição juntas diariamente” (BRUSTOLIN, 2009, p.15). Dando continuidade ao capítulo, o item *A mesa revela quem somos* relembra os momentos em que Jesus se reuniu à mesa com os discípulos na ceia da páscoa e quando Ele bate à porta e coloca-se à mesa de quem abre. Nesse sentido, a catequese possui a potencialidade de mostrar aos catequizandos que é ao redor da mesa que podemos entrar em comunhão com Jesus.

No item seguinte há a foto da sugestão de uma possível organização de sala para a catequese, a saber: uma única mesa com cadeiras; sem um quadro; a Bíblia em destaque; mesa da palavra e toalha de acordo com a cor do tempo litúrgico; vela, flores e água benta (recordação do batismo); ambiente alegre, mas sem muitos cartazes (o que é mais típico do ambiente escolar); a não existência de elementos que possam dispersar os catequizandos; uma imagem de Jesus crucificado ou ressuscitado.

A orientação para organização do espaço, contida nos livros da Coleção *Catequese com Leitura Orante*, remete ao que também foi dito nas entrevistas. O Entrevistado 2 (2016) comentou que, ao participar de uma conferência no Estado do Espírito Santo, conheceu “a experiência de colocar uma mesa da Palavra (ambão) em cada sala de catequese”, dando, assim, maior importância ao aspecto litúrgico. Ao retornar do evento, este sugeriu em sua paróquia a colocação de uma mesa grande que permitisse que todos ficassem juntos e em círculo, aproximando os catequizandos. Propôs também que fossem tirados os quadros e cartazes da parede e que as mesas e cadeiras foram pintadas. Assim, conforme o Entrevistado 2 (2016), o ambiente se tornava “arejado, colorido, atraente para crianças e jovens”.

Já na Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*, a questão é abordada brevemente no item Orientações Práticas, a qual se encontra no início do livro. Neste item se lê que é necessário "organizar o espaço do encontro, juntamente com o grupo, com bom gosto e, sempre que possível, de forma circular. Colocar sempre em destaque a Bíblia, vela e a simbologia proposta para cada encontro" (2015, p. 10). Esta coleção dá algumas orientações, mas não exemplos de como podem ser atendidas. Mesmo que estas orientações sejam breves, pode-se perceber que estas se assemelham com o que foi apresentado anteriormente com respeito à outra coleção.

Ainda sobre o espaço físico, o Entrevistado 1 (2016) comenta que o ambiente deve estar disposto de forma a fazer uso de "símbolos cristãos: o ambão com a Palavra, a ausência do quadro negro, poucos papeis e a bíblia na mão de cada catequizando". Nesse sentido, a orientação do espaço e ao tomar a Leitura Orante como metodologia principal, é possível perceber que em ambas as coleções ocorre a busca por vincular a catequese aos ritos e símbolos bíblicos e litúrgicos, como também aparece nas orientações da Igreja Católica apresentadas no capítulo anterior.

Sobre os Ritos e a entrega de Símbolos ou Sinais que permeiam o tempo de catequese, na Coleção Catequese com Leitura Orante, estes aparecem da seguinte forma:

(i) Primeira etapa: Ritos de Entrega da Bíblia, Entrega do Pai-Nosso e Entrega do Terço da Virgem Maria.

(ii) Segunda etapa: acontece a Celebração da Primeira Eucaristia[37] (não há orientações para quando deve ser realizada, mas após o 26º encontro há uma divisão: encontros após a Iniciação Eucarística). Há também a Entrega do Creio, o Sacramento da Penitência e a Renovação das Promessas do Batismo.

(iii) Terceira etapa: Há os ritos da Imposição do Escapulário, a Celebração Penitencial e a Celebração de Entrega da Cruz.

(iv) Quarta etapa: Há os ritos de Apresentação na Comunidade; de Celebração do Sinal da Luz, do Sacramento da Reconciliação e da Crisma[38].

[37] Constitui, junto com o Batismo e a Crisma o conjunto dos sacramentos da Iniciação Cristã. A Primeira Eucaristia é um momento no qual os catequizandos passam a participar da memória "da Ceia que Senhor fez com Seus discípulos na véspera de Sua Paixão" (CIC, n. 1329). Ela é "ao mesmo tempo e inseparavelmente um memorial sacrifical no qual se perpetua o sacrifício da cruz, e o banquete sagrado da comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor" (CIC, n. 1382).

[38] Crisma, segundo o CIC é o sacramento da confirmação. Os fiéis, por meio deste sacramento, "são mais perfeitamente vinculados à Igreja, enriquecidos com uma força especial do Espírito Santo e deste modo ficam obrigados a difundir e defender a fé por palavras e obras como verdadeiras testemunhas de Cristo". (LG, n.11).

Alguns ritos têm orientação do tempo que devem ser realizados (após *x* encontros, por exemplo), mas há um espaço que permite que cada paróquia organize-se da melhor forma, de acordo com o seu calendário, o calendário proposto na coleção e o calendário do Bispo (no caso da Crisma, este é o responsável pela celebração ou alguém a quem ele designe).

Já na Coleção *Caminho de Iniciação à Vida Cristã*, os ritos e entregas se organizam da seguinte forma:

(i) Primeira etapa: o Rito de Entrega da Bíblia e do Sinal da Cruz e o Rito da Entrega do Pai-Nosso.

(ii) Segunda etapa: o Rito da Entrega da Cruz (crucifixo), a Celebração da Renovação da Fé, a Celebração do Sacramento da Reconciliação (deve acontecer antes da Primeira eucaristia e está localizado após 19º encontro no livro), a Celebração da Entrega da Lembrança da Primeira Eucaristia, a Entrega do Escapulário e do Terço (após último encontro). Apesar de não aparecer no livro, nesta etapa há também a celebração da Primeira Eucaristia. As comunidades recebem a orientação de que esta seja realizada no tempo pascal.

(iii) Terceira etapa: o Rito da Unção com Óleo.

(iv) Quarta etapa: a Celebração da Reconciliação (Confissão – realizada durante a quaresma), a Celebração da Luz e dos Dons do Espírito Santo (preparação para receber a crisma) e a Celebração Festiva de Envio (Entrega das Bem-Aventuranças). Nesta etapa, apesar de não aparecer no livro, há também a realização da Crisma, a qual é agendada conforme a organização da paróquia e do Bispo. Há uma indicação de que a Crisma deve ser realizada antes do 19º encontro, em virtude de que, a partir desta, os encontros passam a ter como título "Confirmados" na fé, no espírito.

Em síntese, em minha análise percebi que as orientações para os ritos não são específicas em nenhuma das coleções. Isto pode ser observado como abertura para as comunidades organizarem os ritos de forma condizente à realidade em que cada qual se apresenta e no tempo que lhes for melhor diante das vivências que nelas existem.

Conforme fala do Grupo Focal A (2016) "os ritos e a missa são formas de educar os catequizandos na fé, por meio das leituras, cantos e participação deles nas diversas atividades que a gente tem durante uma missa". Há, então, a aprendizagem da cultura cristã que se transcreve durante as missas e celebrações dos ritos no sentido de aprender o que é realizado nestes momentos (perdão, leituras bíblicas, orações, preparação das oferendas, Comunhão Eucarística, etc.). Assim, além da aprendizagem dos momentos que ocorrem na missa ou em cada rito proposto, ocorre uma aproximação entre os catequizandos e a comunidade, tornando

mais evidente a aprendizagem realizada por meio da convivência nela. A comunidade demonstra aos catequizandos a importância destes momentos através de sua participação nas atividades e de seu testemunho.

Há também a entrega dos sinais que, nas coleções, ocorrem em missas junto às comunidades. Um exemplo é a entrega da Bíblia na primeira etapa feita pelos pais durante a Celebração Eucarística. Este e outros símbolos entregues (escapulário e terço, por exemplo) são objetos visíveis que remetem a um significado que vai além dele e tem o objetivo de aproximar os catequizandos da comunidade e da oração (portanto, de Deus). São momentos e objetos que podem sensibilizar os catequizandos para a aproximação com Deus.

Os ritos, os quais são organizados progressivamente de acordo com os documentos da Igreja Católica, marcam momentos da caminhada dos catequizandos e a confirmação desta. Através dos ritos os catequizandos dão novo significado à participação na missa e na comunidade, pois a partir deles os catequizandos não somente se fazem presentes, mas vivenciam os sacramentos e a comunhão da fé. Além disso, eles marcam a chegada à comunidade com uma formação mais profunda e madura.

São momentos como estes que auxiliam na contextualização e significação da fé. A família e demais pessoas próximas dos catequizandos também são formadores, são testemunhas do espírito cristão (GS, n. 43) e podem reforçar a concepção de ser cristão, de comunidade e de fé. O Entrevistado 1 (2016) comentou que "é a comunidade o lugar de se formar na vida cristã. Por isso, os catequizandos são incentivados a participarem das celebrações, juntamente com os pais". O Entrevistado 4 (2016) complementa este pensamento ao dizer que "uma comunidade integrada e participativa evangeliza. Por isso a proposta tem momentos celebrativos que busca integrar a todos".

Neste sentido, foi possível observar também que em ambas as coleções aparece a preocupação com o envolvimento da família por meio da apresentação de propostas de encontros realizados com os pais na catequese, em casa e na Igreja. Sobre estes, os catequistas do Grupo Focal B (2016) comentam que são tentativas para atingir também os pais, que muitas vezes ficam distantes da Iniciação Cristã de seus filhos. São encontros que deixam o contato entre catequistas e pais mais próximo, pois seguem a metodologia de um encontro de catequese, fazendo o convite para que participem e entendam alguma temática junto dos filhos. Isto permite que o contato não aconteça somente por meio de reuniões para avisos gerais, ou conversas sobre o comportamento dos filhos.

Mesmo assim, os catequistas do Grupo Focal B (2016) comentaram que uma falta em comum de todas as etapas é justamente o da participação da família. O comprometimento desta influencia na participação da criança no sentido que esta dará para a catequese. Os catequistas que participaram deste grupo comentam ainda que a comunhão entre o que os catequizandos aprendem na catequese, bem como na família e na escola formam um tripé que sustenta esta formação. No Grupo Focal A (2016), também comentaram que a educação escolar e a catequese, apesar de serem distintas, elas se complementam e que a vivência da fé em família é percebida pela participação dos catequizandos na catequese. Um exemplo disto é a aprendizagem das orações, o que muitas vezes acontece antes mesmo das crianças ingressarem na catequese.

Um aspecto comentado nos dois grupos focais realizados foi de que os filhos catequizam os pais através de suas vivências na catequese. Em ambos os grupos realizados, os catequistas afirmaram que é interessante o retorno que recebem dos próprios catequizandos a respeito de algumas conversas que eles têm com os pais, nas quais eles explicam o que aprenderam na catequese, trocam ideias e informações com os pais e a partir delas constroem novos conhecimentos. Neste sentido, penso que os encontros promovidos pela catequese com a participação dos pais são um auxílio para que estes momentos possam ser realizados com mais frequência ou tenham mais importância na vida dos catequizandos.

Os entrevistados também comentaram sobre a participação da comunidade, em especial sobre a necessidade e a diferença que o acompanhamento dos pais aos catequizandos pode fazer na sua formação cristã, visto que os catequizandos iniciam com as experiências já vividas em família e a continuidade no caminho acontece também através dela. O Entrevistado 3 (2016) comentou ainda que os encontros em que os pais participam são muito importantes, pois neles os pais podem ver a “interação dos próprios filhos na conversa”.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, escrita pelo Papa Francisco neste ano de 2016, sobre o amor na família, esta é convidada a partilhar a oração diária, a leitura da Palavra e a comunhão eucarística para tornar-se templo do Espírito Santo (AL, n. 29). Ainda, nelas deve "ressoar" o primeiro anúncio, ocupando "o centro da atividade evangelizadora" (AL, n. 58). Desta forma, além da importância da participação nos momentos marcantes nos quais ocorrem os ritos e as entregas dos símbolos, a família é quem faz o primeiro anúncio sobre Jesus e dá continuidade a ele com ações cotidianas (testemunho) que também comunicam o Evangelho.

Nesse aspecto, foi possível perceber que os entrevistados entendem que para que o

método seja aplicado, é necessário também o esforço por parte de todos, isto é, "catequistas, presbíteros e igualmente a comunidade paroquial" (Entrevistado 2, 2016), para que, entendendo o processo de iniciação, apoiem e auxiliem nas iniciativas da catequese.

Um aspecto importante que os entrevistados concordam é de que "é preciso estar continuamente aberto para avaliar, rever e atualizar" (Entrevistado 1, 2016) a prática catequética e que "estamos ainda na base do ensaio 'acerto e erro' para delinear o caminho mais seguro" (Entrevistado 2, 2016). O Entrevistado 4 (2016) comenta que "a realidade, os desafios, a formação, tudo faz exigir um novo material" para apoiar e complementar a evangelização. Os entrevistados entendem que o mundo está em constante transformação e que a catequese também precisa estar, visto que os sujeitos catequistas e catequizandos não são os mesmos. Ainda que o objetivo da catequese não tenha mudado, as formas de mediação para alcançá-lo precisam ser atualizadas.

Seguindo este raciocínio, o Entrevistado 3 (2016) comentou que percebe já existir a exigência de modificações em alguns elementos da catequese. Sendo este também catequista, ele percebe-se sempre desafiado ao entrar em uma nova turma de catequese

> porque é tudo novo: as situações, as crianças, as exigências do momento são diferentes então, temos sempre que estar nos atualizando, não só aos conhecimentos relacionados à teologia, à Igreja, mas também do mundo, por que tem a interação entre a fé e a vida.

Em consonância com isto, afirma o Entrevistado 2 (2016), o Papa Francisco expôs que há "uma exigência da conversão pastoral: novo olhar sobre as práticas formativas" complementando esta concepção e já indicando que novos caminhos precisam ser trilhados.

Tendo em mente tudo o que foi exposto até aqui neste capítulo, pude perceber que as coleções seguem orientações da Igreja Católica no que se refere à Iniciação Cristã, visto que em ambas percebeu-se a condução da catequese através da Bíblia, que os encontros são realizados pelo método de Leitura Orante e que a Centralidade do Mistério Pascal e a vida de Jesus Cristo são temas centrais na catequese. Além da Liturgia da Palavra estar presente nos encontros da catequese, observou-se também o incentivo à participação nas celebrações litúrgicas, permeadas também pelos ritos da Iniciação Cristã. Nesta participação nas celebrações e na realização dos ritos também está presente o contato com a comunidade, além dos momentos de troca de experiências e vivências na própria catequese.

Apesar de algumas diferenças visíveis nas duas coleções que trabalham com a catequese na Diocese de Caxias do Sul, é importante lembrar que ambas foram construídas com o mesmo propósito de auxiliar na iniciação de novos cristãos nesta diocese. Ambas as coleções

buscam ser instrumentos para a formação cristã, a qual ocorre especialmente por meio da catequese. Conforme o Entrevistado 2 (2016) "é preciso dizer que as duas coleções seguem o mesmo método: Iniciação Cristã. Ambos são centrados na Bíblia, com acento na Liturgia, na mudança de vida e na participação na comunidade como condição da catequese". Seguindo este pensamento, no Grupo Focal A (2016) um dos catequistas comentou que o mais importante para a catequese está presente nas duas coleções: a Bíblia e a Leitura Orante.

Mesmo apontando a necessidade de acrescentar alguns subsídios mais interativos para conseguir certo entendimento por parte dos catequizandos, os catequistas, em ambos os grupos focais, disseram que os livros são bons subsídios e são fáceis de serem entendidos se for feita uma leitura atenta das orientações contidas nele e no texto bíblico. Eles comentam da necessidade e da busca por sua melhoria com o pensamento de que a comunidade já não é mais a mesma de quando foram construídos, sem esquecer de mencionar que as coleções já são um ótimo avanço perante as formas com as quais davam catequese anteriormente[39].

No Grupo Focal B (2016) também um catequista comenta sobre a questão de haver orientações para que a continuidade do livro não seja modificada e para que ele seja utilizado integralmente, sem alterações em seu itinerário. No mesmo grupo, outro catequista disse que há controvérsias para esta orientação, mas esta não se alongou a respeito do tema.

Enquanto pedagoga sei que não é possível e nem necessário manter-se exatamente (e somente) no itinerário proposto pelo livro, uma vez que o planejamento é uma construção a ser feita a partir do realizado em cada encontro. Algum assunto poderá ser debatido em menos tempo, ao passo que outros poderão precisar de maior atenção para que os catequizandos entendam, alterando o proposto no livro. Enquanto catequista também sei que em alguns momentos pode ser que o itinerário proposto nos livros não seja completamente compatível com o calendário da paróquia ou mesmo com o calendário do ano civil (mesmo para a coleção que percorre o ano litúrgico, visto que esta deverá adaptar-se em períodos de férias e feriados, por exemplo).

Assim, mesmo que as coleções apresentem uma base para a catequese, é preciso entender que o principal é construir um pensamento do que é ser cristão. A catequese não deve esquecer os elementos que a Igreja orienta como principais para ela, porém não deve

[39] Vários catequistas que participaram dos grupos focais começaram sua atuação já utilizando as duas coleções apresentadas, mas haviam também catequistas que já davam catequese em anos anteriores à utilização delas. Estes comentam que foi um enorme avanço a utilização das coleções por que assim é possível que a Diocese siga um mesmo itinerário, um mesmo caminho para a iniciação, não ficando somente à cargo de cada paróquia ou catequista (mesmo que existam duas coleções). Comentam ainda que facilitou a prática, pois os livros apresentam este caminho a ser seguido.

deter-se somente em tarefas a serem cumpridas, esquecendo-se da vivência e da significação desta formação. O pensamento do mundo como algo em constante transformação faz com que os catequistas sintam a necessidade de fazer uso de outros subsídios e práticas que auxiliam no aperfeiçoamento da prática catequética, ainda que estes digam que as coleções atuais já propõem um diálogo com os catequizandos.

Esta formação cristã pode ser observada como momento de formação da identidade dos catequizandos, dando sentido de pertencimento a um grupo (comunidade católica). A catequese pode ser entendia como uma prática formativa que busca auxiliar na construção de um modo de ser diferenciado, levando a práticas de vida de acordo com o exemplo do ideal que se tem em Jesus Cristo. A catequese contribui para a constituição dos seres humanos que professam a fé nela apresentada.

Dando suporte a este pensamento, o próprio DGC considera a catequese

> uma ação evangelizadora basilar de toda Igreja particular. Por meio dela, a Diocese oferece, a todos os seus membros e a todos aqueles que se aproximam com intenção de entregar-se a Jesus Cristo, um processo formativo que permita conhecer, celebrar, viver e anunciar o Evangelho nos limites do próprio horizonte cultural (DGC, n. 218).

O documento reforça esta ideia ao colocar a "concepção do Catecumenato batismal, como processo formativo e verdadeira escola de fé" (DGC, n. 91). Assim, entende-se a catequese como formação humana, enquanto ação para a transformação de sujeitos, que são inacabados, mas que são sujeitos passíveis de aprendizagem e com esta podem se reconstruir e aperfeiçoar. A catequese promove o ensinamento cristão e media a construção destas aprendizagens na medida em que ela transforma o ser humano (catequizando) que muda sua ação na sociedade, na comunidade. O foco da formação que a catequese promove é a ação dos catequizandos, de acordo com os valores cristãos, em todos os momentos de sua vida.

Sobre as coleções apresentadas, através da análise feita nos livros que as compõem, da conversa com os catequistas que trabalham com cada uma delas, bem como das entrevistas que permitiram entender como foram pensadas, concluo que as coleções necessitam: (i) atender as novas demandas que a mudança temporal de alguns anos já solicita; (ii) apresentar mais subsídios teóricos e metodológicos para os catequistas mediarem esta prática; e (iii) exemplificar mais aspectos lúdicos que possibilitem a significação dos textos pelos catequizandos. Os catequistas, por si só, devem realizar o exercício da busca por conhecimentos, atividades e outros subsídios que auxiliem sua prática, como será discutido no capítulo 4. Porém, as coleções podem explicitar mais alguns subsídios, bem como incentivar e

auxiliar também na busca por conhecimentos pedagógicos por parte dos catequistas. Acredito que mais atenção a estes aspectos é o que permitirá que a catequese seja significativa e produtiva para alcançar seus objetivos.

A questão da ligação com o ano litúrgico deve ser levada em conta. Este parece-me ser um aspecto que possibilita que a catequese seja relacionada com aquilo que os catequizandos estarão vivenciando na comunidade. Este elemento também promove a interação com a comunidade e a observação de seu testemunho, bem como a vinculação com os ritos litúrgicos que acontecem nela.

Além disso, foi possível perceber que o cristocentrismo, expresso em ambas as coleções, e também nas orientações dos documentos, é a melhor forma de apresentar as características do cristianismo, pois mostra Jesus como um modelo possível de ser seguido. Neste sentido, a Bíblia deve ser utilizada nos encontros, pois Ela permite o entendimento a partir da fonte dos conteúdos abordados, dando possibilidade para que os catequizandos interpretem-Na segundo suas próprias construções.

Por fim, conforme orienta o DGC, a catequese deve valer-se das ciências pedagógicas e educacionais para que possa ser realizada de maneira a atingir seus objetivos. Este pensamento apresentado no DGC, bem como o pensamento educacional, principalmente o freireano, serão abordados no próximo capítulo. Focando na concepção de *formação* do principal autor a ser mobilizado no próximo capítulo, tomarei este conceito como algo que acontece constantemente na vida do ser humano: *Formação humana* no sentido de constituição do ser que está em constante desenvolvimento e construção. É um processo realizado através da cultura e das relações interpessoais, a qual possibilita um aprendizado que, para além de questões escolares, constrói o modo de ser das pessoas.

4 A PRÁTICA CATEQUÉTICA COMO UMA PRÁTICA EDUCACIONAL

Este capítulo tem como objetivo pensar a catequese como uma prática educacional. Procuro inspiração para apresentar estudos iniciais sobre esta relação no documento Catequese Tridentina (1979, n. 58), o qual afirma que "tanto a ciência da educação como a arte de ensinar estão a ser objeto de contínuas investigações para conseguir delas melhor adaptação ou maior eficácia". Sigo, então, com a apresentação de uma análise que entrecruza documentos, *corpus* empírico (coleções de livros utilizadas na Diocese de Caxias do Sul, entrevistas e grupos focais) e o aporte do pensamento freireano. Para provocar essa reflexão, posso mencionar o que foi falado no Grupo Focal A (2016), em que se reconheceu que

> as teorias educacionais vem ao encontro de nossas necessidades e nos auxiliam a apresentar de maneira prática nosso conteúdo cristão aos catequizandos. A experiência que a gente busca que nossos catequizandos façam ao encontro de Jesus é o momento da assimilação do conhecimento, quando o catequizando experimenta, ele constrói um caminho mais breve para o entendimento da nossa doutrina.

Neste sentido, este capítulo tem a intenção de relacionar a educação e a catequese para fomentar a reflexão sobre quanto esta última pode mesmo fazer sentido na vida das pessoas e como os catequistas podem mediar os encontros da catequese no intuito de fazê-la ter sentido na vida dos catequizandos. Esta mobilização deve ser feita no sentido de provocar o desejo e capacidade de aprendizagem destes para a Iniciação Cristã.

A catequese é uma prática de educação não-escolar que pode servir-se do pensamento pedagógico para atingir seus objetivos. Exatamente por isso entendo a catequese como processo de adesão à proposta de Jesus Cristo, tendo o propósito de inserir os sujeitos na dinâmica da comunidade católica, da mesma forma que a educação é caminho para inserção na sociedade, como já explicitado anteriormente. Assim, pensar a catequese à luz de reflexões em conjunto com a educação pode subsidiar a prática daquela, enriquecendo-a. O uso deste aporte teórico é importante "para que a socialização de saberes e práticas culturais implique um contexto de maior participação e conscientização social" (SEVERO, 2015, p. 574). O aporte teórico apresentado tem a intenção de auxiliar no entendimento da catequese como um ato educacional, bem como apresentar subsídios que possam alimentar a reflexão dos catequistas, tornando-a uma prática com marca de sentido para os catequizandos.

É necessário, num primeiro momento, retomar aspectos que permitam entender a catequese como um processo educacional realizado pela Igreja Católica para, a partir disto, buscar novas práticas. Mobilizar conhecimentos teórico-educacionais pode ser importante

para que a catequese atinja seus objetivos formativos, fundamentando, desse modo, a Iniciação à Vida Cristã. Segundo Grupo Focal A (2016),

> a educação engloba o processo de ensinar e aprender para, como a gente diz, ser alguém na vida, a catequese para nós catequistas é considerada um dos serviços mais importantes da Igreja tendo como centro Jesus Cristo, que ordenou aos apóstolos fazer discípulos de todas as nações. A catequese tem como objetivo formar pessoas de bem para o mundo e mostrar através dos ensinamentos e exemplos os valores morais. Acredito que, por isso, a educação e a catequese estão entrelaçados.

Seguindo este pensamento e buscando os principais tópicos a serem abordados, dividi este capítulo em 3 seções. Na primeira seção (4.1) penso o processo educativo como formação humana e a catequese como um processo de formação, considerando-a, assim, como um processo educacional. Na segunda seção (4.2) dialogo com a teoria de Paulo Freire, buscando apresentar alguns conceitos mobilizados pelo educador e pensando-os no domínio da catequese. Por fim, na terceira seção (4.3) comento sobre o papel da comunidade, sobretudo dos catequistas neste processo educacional e formativo. Estes são considerados importantes agentes formadores do Caminho de Iniciação Cristã, sendo necessário dar atenção aos seus próprios processos de formação para realizar esta função.

Seguindo o pensamento já comentado anteriormente, é necessário retomar que outro olhar, outro momento histórico ou outro pesquisador poderiam ter dado caminhos diferentes para esta dissertação. Muitos outros aspectos poderiam ser desenvolvidos e diferentes tópicos poderiam ser abordados dentre aqueles que emergiram a partir de minha análise. De qualquer modo, ainda que de forma parcial e tendo em vista a necessidade de aprofundar alguns deles, optei por discutir aqueles que se seguem.

4.1 Catecumenato como um processo educacional

Com o passar dos anos, a sociedade, as culturas e as práticas sociais se modificam e com elas todos os conceitos que envolvem as relações sociais. Isso não poderia ser diferente com relação ao conceito de educação. Libâneo (2004) aponta que ocorreu um alargamento deste conceito a partir de mudanças da sociedade, as quais diversificaram as relações e, com elas, as atividades educativas. Assim, é possível perceber que ocorrem "ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados em instituições não-escolares" (LIBÂNEO, 2004, p. 27).

Tomando este pensamento como pano de fundo, é possível retomar Freire (2005) quando este aponta a educação como sendo uma relação dialógica que acontece entre as pessoas, mediatizadas pelo mundo, no contexto em que elas se encontram. Considera também, conforme aponta Gadotti (2007a, p. 57), que "o conhecimento é uma construção social" produzido nestas relações dialógicas. De acordo com Freire (1980, p. 81), realizada de forma crítica, a educação "afirma que os homens são seres que se superam, que vão para frente e olham para o futuro". De igual modo, Romão (2008, p. 152) complementa que para Freire a educação "é, ainda, práxis[40], isto é, uma profunda interação necessária entre prática e teoria".

Gadotti (2007a, p. 42) afirma, ainda sob a ótica emancipatória da teoria de Paulo Freire, que "educar é sempre impregnar de sentido todos os atos da nossa vida cotidiana. É entender e transformar o mundo e a si mesmo. É compartilhar o mundo [no sentido de] compartilhar mais que conhecimentos, ideias, [mas] compartilhar o coração". Ao considerar este pensamento, o conceito de educação se coloca como sendo a ação de significar o mundo para poder atuar criticamente nele e, nesse sentido, faz com que o "lugar" da educação não seja limitado, mas sim um grande leque de possibilidades aberto em cada ação do dia-a-dia, nas interações com o mundo e com as pessoas. Ainda Gadotti (2007a, p. 82) afirma que "o 'espaço escolar' é mais amplo que a escola. Os novos espaços da formação (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, teatros, empresas, ONGs, espaço familiar, internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula". No mesmo sentido, Trilla (2008, p. 29) complementa que a "educação é um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente". Desta forma, a concepção de educação aqui apresentada, toma o sentido de formação humana, que visa a interação das pessoas para a significação e transformação da sociedade.

Podem existir, então, variadas formas de educação proporcionadas por diferentes instituições que integram a sociedade. Por intermédio dos pais, dos adultos, dos professores e de variados grupos sociais, a educação mobiliza a atividade consciente e produtiva, tornando possível a realização das "possibilidades naturais" do ser humano. Nesse sentido, a educação opera uma mediação entre a teoria e a prática, entre o sujeito e sua interação com o meio ambiente (LIBÂNEO, 2004).

Tendo estas ideias como pressuposto e pensando que a educação perpassa os interesses da sociedade – pois nela e a partir dela esta ocorre –, a educação é entendida como uma ação

[40] Para Paulo Freire o conceito de práxis "está intimamente ligado aos conceitos de dialogicidade, ação-reflexão, autonomia, educação libertadora, docência" (ROSSATO, 2008, p. 331). É a ação transformadora e consciente no mundo e, nesse caso, ele é a síntese entre teoria e ação.

que beneficia o desenvolvimento dos indivíduos. Luchese (2008, p. 2) complementa dando o mesmo sentido à educação ao abordar que, sendo o ser humano um ser social, é através das interações que a sua identidade é construída e suas possibilidades de atuação na sociedade são percebidas, pois "através das relações socioculturais, cada um vai configurando identidades, percebendo-se como sujeito do processo histórico, como cidadão de direitos e deveres". Nas relações em grupos, também acontecem processos formativos do ser humano e estes podem ser realizados em diferentes aspectos da vida.

Disso se segue, então, que a educação é concebida como o conjunto das ações, processos, influências e estruturas que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal no sentido de realizar nos sujeitos características de "ser humano" (LIBÂNEO, 2004, p. 30).

Neste viés, o objetivo fundamental da catequese se ajusta a este pensamento ao apresentar a cultura cristã aos catequizandos para que eles possam segui-la, não apenas na catequese, mas também na comunidade cristã e na sociedade como um todo. A intenção da catequese é que a formação para a fé e para a vida cristã nela abordadas possa contribuir com a formação humana, onde a dimensão da espiritualidade e da fé se transformem em posturas que sejam convergentes com a ética cristã. Sua primeira missão é apresentar Jesus Cristo aos catequizandos para que, conhecendo-O, eles possam seguir seus passos para engajar-se na comunidade. A catequese deve, então, se valer da educação com o intuito de ser repensada, buscando auxiliar que a religião tenha sentido na vida das pessoas e para que os ritos dos quais os catequizandos participam sejam entendidos e vivenciados conforme o seu significado. Enfim, para que a catequese não seja somente uma tarefa a ser cumprida, mas uma vivência a ser aprendida continuamente. Como foi comentado no Grupo Focal A (2016),

> na catequese nós só temos um foco diferente, o ensino da doutrina católica da fé e do mistério de Cristo, mas está totalmente ligada a educação. Desde o momento da elaboração do encontro com complementações ao livro, como vídeos, músicas, exercícios, brincadeiras que são em suma um método educativo para o alcance de nossos objetivos.

A catequese, sendo um processo formativo, relaciona-se com a educação não-formal, a qual tem uma intencionalidade explícita em cada ação promovida. E, segundo a própria fala dos catequistas, ela pode se valer da educação para melhorar sua prática e na preparação dos encontros através de reflexões, tais como aquelas que serão apresentadas na seção 4.2.

A educação é um processo que ocorre para além da escola, em diversificados momentos, lugares e ações, considerando as relações sociais e culturais, bem como o desenvolvimento pessoal. Segundo Romão (2008, p.150) para Freire existem "formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser" e, nesse caso, abre-se espaço para o ensino não-escolar, considerando a catequese como parte dele.

A definição de catequese, apresentada nos capítulos anteriores, permite relacioná-la com os processos educacionais na medida em que entendemos que a educação compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, sejam eles intencionais ou não, sistematizados ou não, institucionalizados ou não (LIBÂNEO, 2004). Sendo assim, a catequese é um momento educacional não-escolar, visto que a partir dela acontecem processos formativos através da convivência em comunidade, bem como através dos encontros mediados pelas coleções e assim, atribuídos de intenção, sistematização e institucionalização.

Segundo Severo (2015, p. 565) a modalidade não-escolar de educação é cada vez mais comum por que conta com processos institucionalizados por diferentes setores sociais. Ao caracterizar a educação não-escolar "como uma categoria temática que engloba práticas consideradas formativas situadas fora da escola", ele possibilita novamente pensar a catequese no âmbito da educação. Severo (2015, p. 563) ainda relaciona a educação não-escolar com o pensamento pedagógico e entende que este pode dar "um significado ampliado para a formação humana com base em processos de ensino e aprendizagem diversificados, complexos, dinâmicos e interconectados em espaços e tempos distintos da instituição escolar". Este processo não-escolar pode ser pensado como informal e não-formal. Os aspectos informais encontrados no Catecumenato são abordados na seção 4.3, onde o papel da comunidade será debatido. As características do Catecumenato apresentadas nos capítulos 2 e 3 são importantes para o processo de Iniciação Cristã, pois permitem perceber que a catequese, tendo objetivos definidos, segue um itinerário contendo as características tomadas como fundamentais para atingi-los. Com esta estruturação orientada pela Igreja Católica, a catequese pode ser entendida como um exemplo claro de educação não-formal.

Em termos gerais a estrutura da educação não-formal se parece com a da formal, "porém tem maior flexibilização nos tempos e espaços, bem como nas mediações proporcionadas pelos conteúdos de aprendizagem" (STECANELA, 2008, p. 5). Da mesma forma, Libâneo (2004, p. 31) toma a educação não-formal como sendo "realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e

estruturação". Ainda, Severo (2015) e Trilla (2008) reforçam a concepção de educação não-formal como atividade intencional, sistematizada e formalizada que se realiza fora do espaço escolar. Estando em contextos diversificados, a educação não-formal "lida com uma pluralidade de saberes e formas de conhecimento, o que abre possibilidades para que, em alguns casos específicos, os seus agentes não necessitem ser portadores de qualificações acadêmicas oficiais" (SEVERO, 2015, p. 570). Este aspecto, voltado para a catequese, refere-se aos catequistas, os quais conduzem os encontros sem necessariamente ter uma formação específica[41].

Como supracitado, a intencionalidade é uma característica da educação não-formal. Na ação catequética, ela se evidencia no aprendizado da vida cristã e na inserção do catequizando na comunidade católica. Stecanella (2008) retoma o mesmo pensamento de Libâneo (2004), o qual foi exposto anteriormente, ao explicar que a intencionalidade preestabelece-se através das especificidades de cada grupo de ensino e torna-se explícita nas ações decorrentes dela. A institucionalização comentada anteriormente, no caso da catequese, é realizada a partir da Igreja Católica no sentido de que esta é a promotora de sua prática.

A sistematização ocorre por meio das orientações da Igreja Católica dadas à catequese a partir do modelo catecumenal. A Igreja Católica apresenta o processo de Iniciação Cristã solicitando que seja realizado a partir de algumas características fundamentais (comentadas no capítulo 2), estabelecendo um itinerário a ser vivenciado pelos catequizandos e seguindo uma estrutura gradual e planejada em etapas. Assim, a centralidade dos conteúdos da catequese na vida de Jesus Cristo, o uso da Bíblia como principal instrumento de evangelização e a Leitura Orante como método, juntamente a outras características já mencionadas, nos permitem pensar a catequese como uma forma de educação estruturada, fundamentada e, portanto, sistematizada.

A catequese busca, através destas características, fazer crescer a identidade católica para que os catequizandos possam dialogar entre si, construindo esta identidade ao mesmo tempo em que convivem com os que não possuem a mesma identificação. Podemos relacionar a intenção da catequese também com os pilares da educação organizados pela Comissão Internacional de Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors, para a UNESCO. Os quatro pilares da educação, segundo a comissão são: (i) aprender a conhecer, (ii) aprender a fazer, (iii) aprender a viver juntos e (iv) aprender a ser. Estes, "ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento" (DELORS, 2006, p.

[41] Esta questão da formação dos catequistas será abordada novamente na seção 4.3

89) e, por isso, a educação deve manter sua organização em torno deles.

No documento da UNESCO acima referido, todos os pilares são interligados e se complementam em alguma medida. Se os vincularmos com a catequese, é possível pensar diversas relações. O *aprender a conhecer* (i) indica a abertura para o conhecimento e refere-se aos instrumentos necessários a todos para que possa ocorrer a aprendizagem. É o primeiro saber mencionado por ser fundamental para a posterior construção de todos os outros, uma vez que "aprender para conhecer supõe, antes tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento" (DELORS, 2006, p. 92). Neste sentido, o aprender a conhecer na catequese se constitui na medida em que os catequizandos entendem onde podem buscar os fundamentos do ser cristão, conhecendo a vida de Jesus Cristo, a Igreja Católica e a própria comunidade cristã por meio da catequese.

O *aprender a fazer* (ii) refere-se ao colocar em prática o que se aprendeu, relaciona-o com o saber profissional. Tomando um sentido de competências mais amplas do que um saber específico, ele refere-se a fazer parte da criação do futuro. Remete ainda à prática na comunidade católica no sentido de que o catequizando deveria agir de forma coerente com as aprendizagens da catequese.

O *aprender a viver junto*, ou *aprender a viver com os outros* (iii), como afirma o documento, traz esta aprendizagem como desafio para a educação. Este pilar trata sobre a tolerância com os outros e com grupos diferentes, apontando que a educação deve auxiliar as pessoas a perceberem o outro e a participarem em projetos comuns. Conhecer a si mesmo e ao outro, conhecendo "sua história, tradições e espiritualidade" (DELORS, 2006, p. 13) possibilita perceber as semelhanças e diferenças, bem como auxilia no trabalho com as características comuns. Este saber se faz por meio do diálogo que, ao mesmo tempo, necessita do olhar sob o mesmo ponto de vista daquele com o qual buscamos estabelecê-lo. Nos termos de Freire (2004), ao mantermos o discurso da classe dominante, por exemplo, não é possível compreendermos a classe do dominado.

O mesmo autor considera a tolerância como uma "virtude da convivência humana" (FREIRE, 2004, p. 24) necessária para aprender a viver com o outro, com o diferente, descobrindo-o como tão válido quanto cada um considera a si mesmo. Ao ser tolerante, não observo o outro como inferior e, além disso, reconheço que também aprendo com ele. Assim, "a tendência da gente ao rejeitar o diferente é a intolerância" (FREIRE, 2004, p. 62).

Especialmente este tipo de saber se relaciona com a proposta de tolerância da catequese na medida em que aponta que a educação deve "levar as pessoas a tomar consciência das

semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta" (DELORS, 2006, p. 97). Além disso, representa o respeito e fraternidade a todos ao conhecer outras pessoas. O aprender a viver junto remete-se também à vida em comunidade no sentido de retomar as aprendizagens que fazem com que os catequizandos possam se inserir nela e, ao mesmo tempo, às aprendizagens que se constroem a partir dela.

Por fim, o *aprender a ser* (iv) explica o papel do cidadão, com o qual a educação também deve se preocupar. Esta é a formação integral, a formação como cidadão, como ser do mundo. O aprender a ser constitui-se de todos os outros saberes e remete-se também ao entendimento do papel de cada um na sociedade como sujeitos atuantes, críticos e reflexivos. Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente pela educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida (DELORS, 2006).

Nesse sentido, o aprender a ser na catequese torna-se aprender a ser cristão. Ao tomar as características deste para si, o catequizando poderá agir conforme elas nas diversas situações de seu cotidiano, como já foi comentado. Entender o papel do cristão na comunidade e na sociedade como um todo é agir para a construção de um mundo mais humanizado, dialógico, tolerante e amoroso. Por isso, a aprendizagem do ser cristão, ou simplesmente, o aprender a ser, prepara os catequizandos e os cidadãos em geral para realizarem ações em suas vidas, reelaborando-as de forma crítica e reflexiva.

Este aprender a ser e a busca pelo *ser mais* também foram pensadas pelo Papa Francisco, especialmente na Carta Encíclica *Laudato Si*, ao falar sobre o cuidado da casa comum. O Papa escreve sobre a mudança necessária nas ações de cada ser humano para restaurar as condições do Planeta e se coloca confiante nesta mudança "[...] porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhes seja imposto" (LS, 205). Acrescenta ainda que somos capazes de olhar para nós mesmos, reconhecendo nossa insatisfação e dar início a novos caminhos "rumo à verdadeira liberdade" (LS, 205).

Assim, os homens são capazes de aprender e, portanto, de superarem-se, fazendo novas escolhas, aprendendo a ser e, nesse sentido, reconstruindo-se. Ainda é possível pensar no

aprender a ser como a busca pelo *ser mais*, pois o que está *sendo*[42] é algo inacabado, ainda não *é* (e nunca será em definitivo). Num constante movimento de reaprender, o ser humano busca a contínua reflexão através das relações entre a teoria que pesquisa e a prática que realiza. O próprio Papa Francisco argumenta nessa direção quando afirma que "não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza" (LS, n. 205), da mesma forma que há sempre um caminho de abertura ao conhecimento, ao *ser mais*.

Freire (2005, 2000b) aborda este *ser mais* como vocação ontológica do ser humano ao *devir*, isto é, a busca constante através da qual ele se empenha na transformação da sociedade. Esta busca pelo *ser mais* se dá na medida em que o ser humano reconhece a si próprio como um ser inacabado. A educação, realizada de forma libertadora, acompanha este objetivo na medida em que auxilia o educando a atingi-lo.

Apoiando-se nestes pilares, penso que a catequese tem um papel importante na sociedade, na busca da construção da paz, apresentada no documento da UNESCO. Os valores cristãos podem contribuir para a construção de outros valores e na formação de seres mais humanizados, que busquem o diálogo, o respeito, a tolerância, a escuta, o comprometimento, o olhar ao outro em cada ação do cotidiano. Mas para que isto se realize, é necessário que a comunidade participe ativamente da Iniciação Cristã e que os catequistas busquem formação para auxiliarem da melhor forma os catequizandos nesta construção de si mesmos. Além disso, as coleções e outros subsídios utilizados para mediar estes momentos devem levar em conta esta característica para utilizarem uma metodologia que incentive os catequizandos a buscar o *ser mais* humano *sendo mais* cristão durante o período de catequese e principalmente na construção do início de uma caminhada que eles farão ao longo da vida.

Entendo a catequese como uma forma de educação realizada por meio da organização da comunidade cristã, a qual segue as orientações da Igreja Católica e do movimento que ela se propôs a fazer para apresentar sua crença e forma de vida. Assim, a catequese pode se utilizar do pensamento educacional para sua reformulação e aperfeiçoamento. É preciso compreender que sua prática não deve ser meramente doutrinária, mas sim uma prática crítica e consciente na comunidade, como bem recordam as orientações dadas pela Igreja Católica.

Em primeiro lugar, a catequese deve estar voltada para a prática no sentido de que ser cristão, mais do que saber falar, implica em saber agir como tal. Segundo, ela exige uma prática crítica, pois o cristão deve ser crítico de si mesmo ao deparar-se com as mais diversas situações (como relembra Jesus em diversas passagens bíblicas em que chama a atenção de

[42] Freire (2004, p. 39) comenta: "eu acho que inclusive nenhum de nós é. Eu acho que nós *estamos sendo*, ou não *sendo* historicamente. Eu uso os verbos no gerúndio, para marcar a processualidade histórica".

seus seguidores para que olhem suas ações antes de julgarem as de outros). Terceiro, a catequese pressupõe uma prática consciente no intuito de que não se realize ações ou se tome decisões somente pensando em seguir um modelo prescricional, mas sim com o objetivo de se dar o verdadeiro significado aos momentos nos quais cada um participa e entendendo a importância destes atos para a humanização da sociedade e da comunidade católica, em especial.

Assim, como comentado também nos grupos focais, a vivência na família e na comunidade tem fundamental importância. A catequese deve mobilizar os catequizandos a pensarem como pode ser suas vidas a partir dos ensinamentos que nela são propostos e a partir daquele que eles tomam como sendo o ideal de cristão, isto é, Jesus Cristo. Desse modo, a Iniciação Cristã pretende indicar que todos possam agir do modo como Jesus Cristo agia, pensando nas pessoas mais necessitadas e, em particular, nos oprimidos. Ela pretende também indicar que olhemos para a igualdade dos direitos que todos temos por sermos humanos e na igualdade de deveres que temos uns com os outros.

Nessa medida, é possível perceber que a catequese é também pensada como educação para a fé e para a vivência da comunidade cristã, uma vez que ela é entendida pela Igreja Católica como processo de formação da base para a vida cristã. Por isso, ela deve acontecer como um ato pedagógico, buscando a conscientização dos catequizandos sobre o que é ser cristão afim de que estes sejam capazes de atuarem como tais.

Em síntese, nesta seção busquei apresentar o catecumenato como um processo educacional, tomando suas características apresentadas no capítulo 2 e relacionando-as com a temática da educação. Tomo a educação como um processo realizado de múltiplas formas no sentido de que ela pode ocorrer em diferentes lugares, tempos e espaços. Sendo assim, a catequese é um tipo de educação não-formal na medida em que promove a educação para a vida cristã a partir das características descritas no capítulo 2. No que se segue busco apresentar alguns conceitos educacionais a partir do pensamento freireano no intuito que estes promovam reflexões que contribuam para a catequese como um todo.

4.2 Pensamento freireano: Considerações possíveis para a catequese

Nesta seção pretendo debater alguns conceitos do pensamento freireano ao buscar possibilidades de refletir sobre a relação destes com a prática catequética. Retomo o conceito de educação utilizado neste trabalho, o qual já foi explicitado anteriormente, bem como a concepção de catequese como um momento educacional de formação humana e religiosa. É

importante chamar atenção para o fato de que o pensamento freireano será tomado como base em função de que o autor considera a educação como um processo de humanização, assim como considero a catequese. O pensamento de Paulo Freire sobre a educação relaciona-se com a catequese no sentido de que ambos buscam a transformação do mundo para que este se torne um lugar mediado por relações dialógicas, amorosas, tolerantes, igualitárias, etc. Ao pensar o conceito de educação mediado pelos conceitos de diálogo, de autonomia, de teoria e prática indicotomizáveis e de aprendizagem pela convivência e para a atuação na sociedade, Freire está também abrindo possibilidades para inspirar a catequese enquanto um tipo de prática formativa.

Nos termos de Severo (2015), vários fatores sociais, políticos e culturais contribuem para o desenvolvimento de práticas formativas que envolvem a educação não escolar na sociedade. Estes fatores (e suas mudanças) também exercem influências na formação cristã, fazendo com que a prática catequética necessite de transformações. O repensar da prática educativa e catequética é necessário em virtude de que os mesmos fatores também contribuem para a transformação destas práticas.

Seguindo este raciocínio, Sartori (2008, p.153) afirma que, de acordo com o pensamento de Freire, "o ato pedagógico, essencialmente um ato político, se desenvolve num momento histórico datado, situado, perpassado por interesses de classe, portanto não desconexos, desinteressados e neutros". Isto está vinculado a ideia de que a cada turma de catequese se fará uma nova prática, a cada observação da realidade das dioceses para a construção de novos subsídios para a catequese serão encontradas diferentes características e, desta forma, deverão ser buscadas práticas problematizadoras desta realidade afim de que se possa transformá-la.

Por isso, a reflexão contínua dos catequistas sobre esta prática, bem como a realização de estudos mais aprofundados são extremamente necessárias para que a catequese atinja seus objetivos, acompanhando as transformações de seus adeptos. A Igreja Católica também aborda em seus documentos a importância de (re)pensar a prática catequética ao orientar que a inspiração deste processo seja o Catecumenato, a metodologia da formação das primeiras comunidades cristãs. No contexto atual da globalização, volta-se ao modelo antigo, pois vários aspectos importantes para a Iniciação Cristã, como a participação na comunidade, a aproximação com o Evangelho, a Leitura Orante da Palavra, por exemplo, foram perdidos. Mas esta volta refere-se às características fundamentais da Iniciação e deixa espaço para uma atualização das práticas conforme a realidade encontrada na comunidade.

Este (re)pensar também ocorre pelo fato de que a Iniciação Cristã, a qual tinha os primeiros passos na própria família, não é mais vivenciada nela com a mesma ênfase, sendo necessário que se dê atenção ao processo formativo instituído pela Igreja, isto é, à catequese. Esta, entendida como iniciação cristã, se coloca junto aos interesses da Igreja Católica para a continuação da formação de sua comunidade.

Nesse aspecto, considero que a educação deve contribuir para o educando perceber a realidade, significá-la e, a partir dela, produzir uma prática crítica e consciente. A educação possibilitará isso na medida em que ela pode ser uma prática problematizadora e emancipatória que se realiza nas relações entre o homem e o mundo e se concretiza com a "construção da consciência" (SARTORI, 2008, p.153). A educação problematizadora se faz entre o sujeito e o mundo. Dito de outro modo, ela é "um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que e em que* se acham" (FREIRE, 2005, p. 82).

A humanização dos educadores e dos educandos é um pressuposto da prática problematizadora e esta prática realizada pela educação contribui para a construção de "um outro mundo possível", segundo Gadotti (2007b, p. 36). No mesmo sentido, é possível pensar a catequese como contribuinte para a construção deste outro mundo possível, visto que seu principal objetivo é a atuação dos catequizandos em seu cotidiano enquanto seres cristãos.

Acredito que este é um ponto importante que a catequese pode fazer emergir: a possibilidade da construção de um mundo onde seja mais presente a solidariedade, o amor ao próximo, o auxílio aos necessitados, o perdão aos que erram, etc. No entanto, isto só será possível na medida em que a catequese for uma prática que problematize seus conteúdos (retirados da bíblia), fazendo com que os catequizandos possam refletir e entender de forma significativa os valores cristãos, como eles podem ser adaptados na prática e o que isso modificaria na sociedade.

A partir das reflexões durante a catequese, os catequizandos poderão agir de forma mais humana se tomarem o pensamento cristão como base em suas vidas. O momento da catequese tem importância fundamental para a construção deste pensamento da mesma forma que a educação é o único meio de transformar o mundo, quando contribui para a construção da consciência crítica. Em *Educar para um Outro Mundo Possível*, Gadotti (2007b, p. 38) afirma que

> [o] mundo é uma construção histórica, humana. Como o mundo foi construído ele pode ser desconstruído e reconstruído. A esperança de mudança não está na autoregulação de nenhum espírito sobrenatural, mas na forma como os seres

> humanos constroem coletivamente o seu futuro, uma missão histórica da humanidade como um todo e não a missão de um sujeito ou de uma classe social.

Neste sentido, a catequese reconhecida como uma prática educativa pode ser pensada (e repensada) como uma possibilidade de reconstrução da sociedade, entendendo-a como comunidade fraterna na qual haveria a construção coletiva de um novo futuro. Esta construção tomaria em conta as ações de Jesus Cristo, o qual é para a catequese o mais alto modelo de ser humano. Por isso, buscando a conscientização dos catequizandos, a catequese seria um auxílio para que eles mesmos, criticamente, possam perceber a necessidade de construir este outro mundo, e que estes o façam por meio de suas ações diárias. A conscientização, em Freire, assume um sentido de comprometimento relacionado à práxis humana. Além da apreensão da realidade, deve haver uma busca constante por conhecê-la e refletir criticamente sobre ela. Como afirma Freitas (2008, p. 99) "é através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro de possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos".

Mas para ser de fato este auxílio, a catequese deve ser conduzida de forma libertadora. "O papel da educação libertadora é [...] cultivar a dialética ação-reflexão na busca da concretização histórica de um nível sempre mais elevado de humanização do mundo" (ZITKOSKI, 2008c, p. 216). De modo análogo, o papel da catequese libertadora é contribuir para a formação do ser cristão como um ser humanizado e que busque sempre mais proximidade com Jesus Cristo. A catequese pode contribuir para a sociedade na medida em que é entendida como humanização, sendo propagadora do amor ao próximo, da solidariedade, da fraternidade, etc. e entendendo o ser cristão como um modo de ser diferenciado, que contribua para um mundo humanizado, consciente, ético, justo, e mais belo para viver, mesmo vivenciando um tempo histórico no qual tudo é mais distante e individualista.

Gadotti (2007b, p. 59) comenta que "Paulo Freire nos fez sonhar porque falava a partir de um ponto de vista que é o ponto de vista do oprimido, do excluído, a partir do qual podemos pensar um novo paradigma humanitário, o sonho de um outro mundo possível, necessário e melhor". Nesse viés, Jesus é outro exemplo de pessoa que faz sonhar, pois juntou-se aos oprimidos, dando voz a eles, considerando-os irmãos e auxiliando-os em suas dificuldades e adversidades. Fez isso ao mesmo tempo em que não era simplesmente submisso às leis, mas buscava interpretá-las de forma correta, criticando os que as utilizavam somente em sua própria vantagem, refletindo também em favor dos mais necessitados.

Buscava, assim, que os opressores olhassem para os oprimidos e agissem em favor deles, quebrando esta dicotomia e considerando a todos de forma única: todos como filhos de Deus e, portando, irmãos e merecedores dos mesmos direitos.

Para que a catequese possa mostrar este ideal de cristão que é Jesus, é importante que os catequizandos sejam capazes de vivenciar certas experiências místicas e religiosas nas missas, celebrações e nos ritos da iniciação afim de que possam significá-los, bem como que sejam capazes de exercitar o que eles aprendem nos encontros com a comunidade. Aliás a catequese não tem sentido se não for pensada na comunidade, por ela e para ela, pois sua intenção é que a formação cristã seja praticada e refletida na vida das pessoas. Da mesma forma, para Freire, de acordo com a leitura de Trombetta e Trombetta (2008, p. 228), "é impossível entender o fenômeno educativo sem compreender o ser humano e seu ser no mundo".

Assim sendo, a catequese deve tomar este pensamento para si, pois configura-se "como processo, itinerário ou caminho [...] para alcançar a maturidade da fé 'pela medida do dom de Cristo' (Ef 4,7) e as possibilidades e as necessidades de cada um" (DGC, n. 143). As características da comunidade onde a catequese será ministrada devem ser consideradas tanto na formulação de subsídios que auxiliem nesta prática, quanto no momento mediado pelos catequistas. Neste sentido, a forma com a qual os catequistas, a comunidade e as coleções utilizadas envolvem-se ou não com a realidade dos catequizandos, poderá produzir sua significação do que é ser cristão, tendo, assim, mais ou menos efeito na vida de cada um deles. Portanto, a educação, bem como a catequese,

> orientada para a transformação da sociedade, exige que se parta do contexto concreto/vivido para se chegar ao contexto teórico, o que requer a curiosidade epistemológica, a problematização, a rigorosidade, a criatividade, o diálogo, a vivência da práxis e o protagonismo dos sujeitos (PALUDO, 2008, p.159).

Enquanto processo de formação humana direcionado para os que fazem parte da comunidade católica, a catequese é entendida também como ação para a transformação de sujeitos inacabados que são passíveis de aprendizagem a partir da qual podem se reconstruir e constituírem-se como cristãos. O objetivo é que estes sujeitos participantes e construtores da prática educativa catequética comprometam-se em novas práticas sociais e na busca da transformação da realidade existente. Para Streck, Redin e Zitkoski (2008, p. 20), Freire "destaca a importância e viabilidade do processo educativo humanizador e sua relação direta com o desafio da práxis social transformadora".

Retomando o pensamento de que somos seres inacabados e de que "nenhum humano é jamais tudo o que pode ser, pois há sempre mais a saber, a amar e a fazer" (TROMBETTA; TROMBETTA, 2008, p. 228), penso que ser cristão também é uma construção constante. A nossa constituição enquanto seres humanos ocorre continuamente ao longo de nossa vida e a construção do ser cristão também ocorre da mesma forma, a partir do repensar de cada ação e da prática em comunidade. De igual modo, a catequese poderia então ser entendida como promotora do ensinamento cristão na medida em que transforma o ser humano, que muda sua ação na comunidade e na sociedade a partir de sua reflexão. Mas a catequese depende também da participação do sujeito como construtor de si mesmo e, deste modo, a catequese também é uma prática emancipatória, na medida em que, após o período dos encontros, os catequizandos, enquanto cristãos, irão tomar o processo (sempre contínuo) de sua construção em suas próprias mãos e conduzi-lo a partir das reflexões produzidas neste período. Neste sentido, a concepção do *ser mais*, a qual foi anteriormente abordada, explicita a ideia de que o catequizando deverá continuar buscando mecanismos para a sua melhor formação como um ser humano cristão, a partir dos subsídios iniciais obtidos na catequese.

Esta ideia de que a catequese, assim como a educação, busca auxiliar num processo de construção de sujeitos pensantes, que atuam na comunidade e na sociedade de forma a integrar-se nela, tornando-se assim, sujeitos políticos com ações humanizadoras, pode evidenciar mais fortemente o que está dito no DGC. O documento apresenta a catequese como uma ação educativa realizada no contexto das relações comunitárias para que os catequizandos "se incorporem ativamente na vida da comunidade" (DGC, n. 220).

De meu ponto de vista, aqui também fica clara a visão da Igreja Católica para seus catequizandos e da concepção de educação apresentada para seus educandos, isto é, a formação para a atuação (prática). A conscientização criada nos momentos mediados pelos catequistas e pelos educadores deve promover que os catequizandos e educandos se tornem construtores de si mesmos, continuando este processo mesmo após o período formal de educação e de formação iniciado na catequese. A autonomia dos catequizandos é necessária na medida em que a catequese é um processo permanente e contínuo da mesma forma que a educação o é.

O DGC possibilita-nos esta visão da catequese ao afirmar que

> [s]erá, portanto, genuína, aquela catequese que ajudar a perceber a ação de Deus ao longo do caminho formativo, favorecendo um clima de escuta, de ação de graças e de oração e, ao mesmo tempo, visar a livre resposta das pessoas, promovendo a participação ativa dos catequizandos (DGC, n. 145).

Retomando que o objetivo da catequese é a atuação do catequizando enquanto ser cristão, a Igreja entende que durante a iniciação cristã deve-se refletir sobre a decisão feita ao tomar este caminho, bem como sobre os valores que deverão permear as demais decisões da vida do catequizando por causa da primeira.

A participação ativa, a livre resposta, o clima de escuta que devem ser favorecidos na catequese dizem respeito à autonomia dos catequizandos. Esta deve ser promovida desde a catequese para que os catequizandos, decidindo continuar seguindo o que aprenderam na Iniciação Cristã, saibam o que fazer para isso. Neste sentido, o Grupo Focal A (2016) comentou que a catequese "tem um compromisso com a comunidade, com o próximo, com a família, com o social. É testemunho" e este compromisso só será realizado na medida em que os catequizandos vivenciem a Iniciação Cristã, entendendo-a em sua profundidade e agindo a partir de suas aprendizagens. Assim, quando o processo de Iniciação Cristã acompanhado da catequese terminar, os cristãos poderão continuar a sua busca pelo *ser mais* por si mesmos a despeito da participação destes na catequese.

O próprio DGC (n. 157) retoma a importância da autonomia dos catequizandos na Iniciação cristã ao orientar que

> a participação ativa daqueles que são catequizados, no seu próprio processo formativo, é plenamente conforme, não apenas à genuína comunicação humana, mas especificamente à economia da revelação e da salvação. De fato, no estado ordinário da vida cristã, os crentes são chamados a responder ativamente ao dom de Deus, individualmente e em grupo, através da oração, da participação nos sacramentos e nas demais ações litúrgicas, no empenho eclesial e social, no exercício da caridade, da promoção dos grandes valores humanos, tais como a liberdade, a justiça, a paz e a salvaguarda da criação.

A autonomia permite que o catequizando, assim como o educando, possa continuar sua busca pelo *ser mais* (mais próximo de Jesus Cristo pela maneira de ser e buscando ser próximo a Ele e, consequentemente, mais próximo de Deus pela fé e pelo Espírito Santo), partindo da conscientização inicialmente realizada na catequese e da ideia de que o ser humano é um ser em construção. Aqui vale ressaltar novamente a ideia de educação permanente que também é dada para a formação cristã. Enquanto seres humanos somos seres em construção e enquanto católicos, precisamos também dar continuidade à formação recebida na catequese para buscarmos o ideial do ser cristão.

Romão (2008, p. 150) assinala que "para Paulo Freire, não existe a educação, mas educações". Quando o ser humano sabe-se inconcluso, tem consciência de seu inacabamento, entende também (e possibilita) a educação como processo permanente. Em outras palavras,

para Freire o ser humano, como todos os seres da natureza, é incompleto, mas sua diferença é a consciência de sua *inconclusão*, inacabamento e incompletude que o impulsiona para a busca do *ser mais*, a qual é realizada através da educação. A consciência do inacabamento gera a esperança do *ser mais*, pois, segundo Freire (2004, p. 273) seria impossível ter esta consciência "sem ao mesmo tempo se inserir num permanente processo de procura e busca". E a busca por este *ser mais* é realizada pela educação no sentido de que ela é o que possibilita a transformação do ser humano e, por consequência, da sociedade. Através da esperança, o ser humano, em constante busca, faz e refaz constantemente o seu saber (FREIRE, 1983).

Em acordo com este pensamento da busca por *ser mais* e do ser humano como único ser capaz de tornar-se consciente de sua *inconclusão*, a concepção de educação de Freire também leva em consideração a característica da esperança do ser humano, a qual o faz colocar-se no movimento de constante busca pelo melhor, pelo mais justo e assim por diante. Este pensamento "deriva de sua concepção a respeito da singularidade (esperançosa) da natureza humana" (ROMÃO, 2008, p.151).

A esperança que a fé cristã proporciona a seus fiéis se relaciona com a esperança do ser humano pelo *ser mais*, a qual é também a esperança dos movimentos de aperfeiçoamento do ser humano e de seu movimento para a paz, a justiça e a democracia. A educação e a catequese podem ser movimentos construtores de "otimismo e esperança na humanidade por [esta] saber-se histórica, inacabada e afirmar-se na luta por um mundo melhor" (ZITKOSKI, 2008, p. 215). A esperança cristã, na medida em que é o alimento da fé, também se dá pela possibilidade do encontro entre o ser humano e o criador.

A educação que possibilita esta esperança e a busca pelo *ser mais* na catequese tem como princípio metodológico a Leitura Orante da Palavra, cujas características já foram comentadas no capítulo anterior. A leitura da Palavra na catequese tem função importante na Iniciação Cristã, pois remete ao pensamento de que Deus fala a seus filhos, buscando ensiná-los. Ele os fala através de uma linguagem cuidadosa e amorosa afim de que eles entendam a Sua mensagem de salvação.

> Querendo falar aos homens como a amigos, Deus manifesta a sua pedagogia, de modo particular, adaptando com solícita providência, a sua Palavra à nossa condição terrena. Isso comporta, para a catequese, a tarefa jamais concluída de encontrar uma linguagem capaz de comunicar a Palavra de Deus e o Credo da Igreja, que é o seu desenvolvimento, nas variadas condições dos ouvintes, mantendo, ao mesmo tempo, a certeza de que, por graça de Deus, isso pode ser feito, e que o Espírito Santo dá a alegria de fazê-lo (DGC, n. 146).

Na linha desse pensamento, a linguagem utilizada pelos catequistas nos encontros também deve ser acessível para os catequizandos e levar em consideração a realidade da turma para apresentar, a partir dela, a Palavra. A importância da leitura da palavra evidenciada pelo pensamento freireano pode, em alguma medida, ser relacionada com a importância da leitura da Palavra de Deus prática catequética.

Os documentos apresentados no capítulo 2 orientam que a catequese seja orante, ou seja, tenha presente a Leitura Orante da Palavra em seus encontros, e isto parece estar em consonância com a ideia freireana da leitura da palavra como uma forma de ir além do que se é, como a busca pelo *ser mais*, já comentada. Para a catequese, a leitura da Palavra também possibilita ir além, pois permite conhecer a Deus, ir ao encontro Dele por meio de Suas Palavras e da oração realizada a partir Delas. Também é o que permite que o catequizando torne-se cristão, pois por meio da leitura ele conhecerá o principal modelo para suas atitudes (Jesus Cristo). A leitura da Palavra é aquilo que permite dar continuidade à comunidade católica, também como (re) leitura da 'História da Salvação', da história do povo, a qual o catequizando faz parte. Assim, a leitura da Palavra é um meio pelo qual cada catequizando pode se reconhecer como parte deste povo, seja lendo-a pessoalmente, seja ouvindo-a nas celebrações da sua comunidade.

Mas, pela perspectiva freireana, a leitura da palavra sempre deve ser precedida pela leitura de mundo. Esta leitura prévia pode nos permitir pensar que ela se relaciona com a prática existente na comunidade católica, bem como nos outros contextos que permeiam a vida dos catequizandos. É a aprendizagem realizada através do contexto, da convivência e daquilo que os educandos constroem nas relações que estabelecem com as pessoas e com o mundo. Neste aspecto, ao pensar na catequese, "a tomada de consciência da situação existencial, psicológica, cultural e social do homem, se obtém com os olhos voltados para a fé na qual se deve educá-lo" (DGC, n. 243). Por isso, uma proposta de educação libertadora sempre leva em consideração esta construção que os catequizandos podem fazer através do contexto, pois estas também são viabilizadoras pela busca do *ser mais* nos encontros de catequese. Para a educação poder ser considerada um processo de libertação, o homem precisa estar no mundo para ser consciente e capaz de transformá-lo.

Agora retomo o conceito de educação problematizadora, o qual foi abordado anteriormente, e a respeito do qual Freire (2005, p. 78) destaca "a exigência da superação da contradição educador-educandos". A prática catequética, assim como a educacional, é dialógico-dialética: um processo reconstrução coletiva dos saberes dos educandos e do

educador realizada através da mediação entre educador, educando e mundo (FREIRE, 2005). Neste sentido, seguindo o pensamento de Freire,

> a educação apresenta uma dupla dimensão: política e gnosiológica. A dimensão política é a leitura de mundo, e a dimensão gnosiológica é a leitura da palavra, dos conceitos, das categorias, das teorias, das disciplinas, das ciências, enfim, das elaborações humanas anteriormente formuladas. A dimensão política dá os fundamentos da dimensão gnosiológica (de conhecimento). (ROMÃO, 2008, p.152).

Relacionando, penso que a dimensão política da catequese se constitui, então, na medida em que os catequizandos observam a prática e o testemunho da comunidade católica, passando a fazer parte dela e agindo conforme um cristão. A dimensão gnosiológica, por sua vez, é aquela que confirma o que os catequizandos vivenciam, a qual foi feita a partir da prática comunitária do início do cristianismo e que na catequese é conhecida através da leitura da Palavra. Nesse sentido, foi a prática que fundamentou a teoria e esta, atualmente, reavalia constantemente esta prática. Assim, retomamos o pensamento freireano que comenta sobre a "profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem. [...] a prática precede e se constitui como princípio fundante da teoria. Esta, por sua vez, dialeticamente, dá novo sentido à prática" (ROMÃO, 2008, p.152). Por isso, a prática da catequese acontece de forma a levar em consideração alguns aspectos das primeiras comunidades, mas também se renova agregando as novidades e transformações que as mudanças temporais produzem nos processos sócio-culturais.

Esta interação entre prática e teoria leva em consideração as construções já feitas pelos catequizandos. Mas é necessário dar atenção à metodologia utilizada nos encontros de catequese para que, além da prática da Leitura Orante da Palavra, seja a partir Dela estabelecido um espaço para que o conhecimento de mundo dos catequizandos também possa ser apresentado. Assim catequistas e catequizandos poderão fazer relações pertinentes entre suas vidas e a aprendizagem proposta. Este espaço é dado quando há abertura para o diálogo e quando este último é possibilitado, as compreensões se tornam mais significativas, pois o diálogo permite que os catequizandos participem ativamente da construção que está sendo realizada.

Neste sentido, recordo também o pensamento apresentado pelo Entrevistado 3 (2016), o qual vem ao encontro desta perspectiva.

> Nós sentamos todos, catequista, crianças ou jovens, ao redor da mesa e nós partilhamos o conhecimento sobre a questão da fé, nesse ponto de semelhança e igualdade. Colocarmo-nos juntos proporciona que eles falem, que eles se abram, que eles expressem o pensamento deles e tragam as questões problemáticas. Então eles

> trazem a questão da vivência, as notícias que eles viram, trazem enfim, os fatos da vida. Então nós usamos essa fala pra mostrar 'dentro daquilo que nós estamos vendo, a mensagem do Evangelho, o que nos ajuda? O que essa mensagem ilumina no dia-a-dia naquela vivência?' Então é uma forma de ligar com a vida, não são duas coisas separadas, tem que haver essa integração.

Esta abertura para a conversa precisa ser realizada, pois além se ser uma forma de inserir a cultura dos catequizandos na catequese é também a forma de auxiliar na compreensão dos textos, o que permitirá que a catequese seja inserida na vida dos catequizandos. É importante relembrar a fala dos catequistas nos grupos focais comentados anteriormente quando estes afirmam que a Leitura Orante não é suficiente para que se alcance os fins desejados. Relembro que os comentários dos dois grupos focais realizados foram sobre a facilidade de compreensão que o acréscimo de subsídios, dinâmicas e outras atividades poderiam trazer para o aprimoramento da prática catequética. Enquanto o Grupo Focal B (2016) disse que, neste sentido, os catequistas podem se valer "do lado educacional", buscando por si mesmos dinâmicas que possam levar aos encontros, o Grupo Focal A (2016) disse que seria interessante que os próprios livros apresentassem mais atividades para auxiliá-los.

Enquanto processo formativo, a catequese deve preocupar-se com a forma com a qual propõe as reflexões que vão indicar aos catequizandos o que é ser cristão, fazendo-os perceberem-se como parte integrante da comunidade. Neste sentido, outros subsídios, além da prática da Leitura Orante, poderiam auxiliar na proposta de que a Palavra seja significativa para os catequizandos e que eles entendam como praticá-la em sua vida, percebendo também a importância de suas ações na sociedade. Nesse viés, o diálogo, juntamente com a Leitura Orante, possui um papel fundamental neste momento de formação dos catequizandos, pois permite a participação destes nos encontros de catequese e possibilita a conscientização dos mesmos. Assim como explica o DGC (n. 143), a catequese

> é uma pedagogia que se insere no "diálogo de salvação" entre Deus e a pessoa e, além de servir a este diálogo, ressalta devidamente a destinação universal de tal salvação; no que diz respeito a Deus, sublinha a iniciativa divina, a motivação amorosa, a gratuidade, o respeito pela liberdade; no que diz respeito ao homem, evidencia a dignidade do dom recebido e a exigência de crescer continuamente neste.

O "diálogo da salvação" referido no excerto acima é conhecido pelos catequizandos durante as leituras indicadas e, por isso, a catequese deve ser um momento que não apenas expõe este Deus que conversa, mas também um momento de seguimento de Seu exemplo. Em diversos momentos os profetas 'subiam as montanhas' para conversar com Deus e, de igual

forma, Jesus dialogava com os que estavam ao seu redor para ensinar. Em algum sentido, estes são exemplos para a vida dos catequizandos e, por isso, deveriam ser seguidos tão quando fosse possível.

Ainda o DGC (n. 143) comenta que a catequese "radica-se na relação interpessoal e faz próprio o processo de diálogo", bem como "faz-se pedagogia de sinais, onde se entrelaçam fatos e palavras, ensinamento e experiência". A forma indicada para conduzir um encontro é, então, a conversa entre catequistas e catequizandos por meio da qual é possível relacionar a Palavra e o contexto dos catequizandos, como mostrou o Entrevistado 3 na fala acima apresentada. É possível perceber que por meio desta conversa e da relação que os catequizandos vão construindo junto ao catequista a partir do texto é construído um pensar crítico-dialético. A abertura aos outros, a qual possibilita a educação libertadora, e a construção histórica da comunidade só ocorre com a abertura para o diálogo, pois a palavra, segundo Freire (2005), apresenta as dimensões da ação e da reflexão e é práxis que visa transformar o mundo.

Com o mesmo sentido com o qual recordo o pensamento de Freire (2005) e assumindo que a educação é promovida pelas relações dialógicas que perpassam as vivências humanas, entendo a catequese como um momento de aprendizagem permeado pela convivência. É possível fazer esta relação pensando no diálogo como mediador dos encontros realizados a partir das coleções apresentadas no capítulo anterior, bem como na participação dos momentos em comunidade. Freire (2005) entende ainda que através de processos dialógicos o homem pode se produzir e reproduzir, tornando a educação uma prática libertadora. Assim, a dialogicidade exprime uma postura democrática que toma o "ser como sujeito do seu conhecimento, como sujeito da sua educação" (FREIRE, 2004, p. 36).

Freire (1983, p. 43) toma, ainda, a ação dialógica como característica necessária à educação e afirma que, para o humanismo

> não há outro caminho se não a dialogicidade. Para ser autêntico só pode ser dialógico. E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade

Sendo assim, a catequese enquanto formação deve ser um momento dialógico no qual catequistas e catequizandos conversem sobre o conceito de cristão, buscando pensar nas características necessárias para sê-lo. Este cristão, seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo e tomando Suas ações como modelo, contribuirá para a humanização dos que estão ao seu redor

também, contribuindo para a transformação da realidade. O mesmo autor ainda comenta que "o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o 'pronunciam', isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos." (FREIRE, 1983, p. 43).

É válido recordar que Jesus ensinava por meio de Suas ações, mas também por meio das palavras, contando parábolas ou falando sobre as Escrituras (de acordo com quem iria ouvi-Lo). Era um diálogo amoroso a partir do qual Jesus, pronunciando a Palavra, buscava transformar a realidade existente na época, dando novas interpretações e novos olhares ao pensamento comum. Estas novas interpretações buscavam a humanização das pessoas, fazendo-as entenderem-se como irmãs e com a intenção de promover entre todos este diálogo de amor. Ao considerar que "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo" é o maior dos mandamentos, Jesus busca que haja um encontro dialógico onde as pessoas possam doar-se umas às outras, entendendo-se como irmãos que se amam e que, por isso, buscam transformar o mundo para viver em uma comunhão igualitária.

Freire (2005, p. 91) também considera a abertura para o diálogo um ato de amor ao dizer que "não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens" e apresenta, assim, o amor como um dos fundamentos da relação de diálogo. Neste sentido, a catequese deve fazer com que os catequizandos conheçam este diálogo amoroso, e a melhor forma de fazer isso é possibilitar que eles o vivenciem nos encontros de catequese. Assim, a catequese é eco do "diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa" (DGC, n. 144).

Freire (1983) considera a educação como sendo uma situação dialógica na qual o conteúdo deve ser organizado de forma que seja buscado pelo diálogo entre o educador e o educando, havendo, assim, uma relação dialética da educação com a cultura e buscando que os catequizandos entendam sobre o que se está falando, isto é, sobre a mensagem que a catequese pretende transmitir. "A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (FREIRE, 1983, p. 69).

O diálogo é, então, uma relação de sujeitos mediatizados pelo mundo. Freire parte do princípio de que a comunicação transforma os homens em sujeitos. Por isso, define o diálogo como "encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo" (FREIRE, 2005, p. 91). Neste encontro, se dá a existência humana que é pronunciar e modificar o mundo, pois é na ação-reflexão, na palavra, no trabalho que os homens se constituem, e "através do

diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação." (ZITKOSKI, 2008b, p. 130). Desse modo, através deste encontro de diálogo os homens ganham significação enquanto homens e os catequizandos enquanto cristãos, tornando o diálogo uma exigência existencial e sem o qual não é possível alcançar tal significação.

> Um processo interativo e co-participado de criação entre sujeitos necessita estar baseado numa relação de diálogo que, como processo significativo, compartilhado por sujeitos iguais em uma relação também de igualdade, constitui a "essência", a "estrutura fundamental" e o campo social da educação. (BURGOS, 1996, p. 620).

Ainda de acordo com Freire (1983, p. 70), a verdadeira comunicação entre sujeitos está "em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado" . A catequese também busca ser um processo interativo e co-participado de formação de cristãos, conforme foi possível observar através dos documentos analisados no capítulo 2 e por isso deve estar atenta para a criação de relações de diálogo. É participando do diálogo que se pode significar a vida cristã ou a comunidade cristã. A catequese deve ser uma relação dialógica por meio da qual os catequizandos signifiquem o que é ser cristão.

A comunicação, nos termos de Freire, atingiu também uma dimensão política "em vista do caráter problematizador, gerador de reflexão (consciência crítica) e de transformação da realidade que possui o diálogo" (BURGOS, 1996, p. 620). Ele é "a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo." (ZITKOSKI, 2008b, p. 130). Por meio do diálogo os catequizandos podem, então, transformar a si mesmos e refletir sobre a transformação do mundo que os cerca. Neste sentido, Freire também comenta sobre a relação entre o dizer e o fazer, na qual dizer a palavra é transformar o mundo e entende que o diálogo, em conjunto com a prática, é a condição fundamental para a formação da consciência crítica que possibilita a ação para transformar o mundo. "O diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora" (ZITKOSKI, 2008b, p. 130).

Em síntese, nesta seção a educação foi entendida como formação para a humanização e a catequese como uma prática educacional. Busquei apresentar alguns conceitos freireanos que pudessem ser relacionados com a catequese com o intuito de que eles possam promover a reflexão sobre a prática realizada, especialmente do ponto de vista daqueles que a mediam. A catequese enquanto formação humana e humanizadora é momento de reflexão, leitura e diálogo que transformam a ação dos catequizandos, mas é também a ação que ocorre na comunidade. A Iniciação Cristã se faz muito em função do testemunho, da convivência na

comunidade, a qual é também formadora dos novos cristãos. Por isso, na próxima seção busco apresentar algumas reflexões sobre esta relação.

4.3 A formação da comunidade formadora: um olhar especial sobre os catequistas

Ao pensar o Catecumenato, observa-se que ele envolve processos educacionais informais nos momentos em comunidade ao tomar a participação e o testemunho desta como educação para a vida cristã, visto que há uma intencionalidade nesta ação, ainda que a função educativa não esteja explícita. Combs (apud, TRILLA, 2008) comenta que a educação informal refere-se a um processo que ocorre durante toda a vida através das experiências e relações. Assim, do mesmo modo que a educação católica é voltada para a prática em comunidade, as relações que perpassam por esta também são formadoras do ser cristão e podem ser consideradas como processos de educação informal, pois esta

> corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas (LIBÂNEO, 2004, p. 31).

O aprendizado para a vida cristã pode ser considerado o aprendizado para a vida em comunidade ao mesmo tempo em que a própria comunidade é também educadora. Esta aprendizagem ocorre informalmente através de suas ações, participações em ritos e missas, convivência entre as famílias, etc. Ela "resulta do 'clima' em que os indivíduos vivem, envolvendo tudo o que do ambiente e das relações socioculturais e políticas impregnam a vida individual e grupal" (LIBÂNEO, 2004, p. 90). Como comentado no Grupo Focal A (2016), "a interação do catequizando com a ajuda do catequista, com o livro, os encontros, a missa, o meio físico propicia o desenvolvimento do pensamento".

A catequese "valoriza a experiência comunitária da fé, própria do Povo de Deus, da Igreja" (DGC, n. 143) e tem nesta experiência sua principal função. Mas não é uma vivência qualquer, pois dela deve emergir para a promoção da dignidade humana, para a construção de uma sociedade solidária e assim para a renovação da comunidade. A importância da comunidade no Catecumenato foi bastante comentada ao longo da dissertação, visto que ela é apontada como fundamental pela Igreja Católica na construção da identidade cristã. Freire (2004, p. 78) comenta que a fé "é coisa que inclusive se testemunha, mas o testemunho da fé não pode ser arrogante, tem que ser, sobretudo, compreensivo, tolerante das diferenças".

Os catequizandos buscarão ser cristãos e saberão que podem seguir este modo de vida ao deparar-se com ações que demostrem isso, com a vivência da fé e do ser cristão próximo a eles. No mesmo sentido, Freire (2005, p. 78) também pensa a educação como um processo que ocorre entre as pessoas ao explicar que "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". Disso se segue que a educação se realiza através da convivência, através de situações cotidianas propostas pelo mundo e, principalmente, através da reflexão que cada situação provoca ao solicitar a ação do ser humano.

Freire (2005) também comenta sobre a importância da experiência existencial e toma a influência das pessoas com as quais teve contato como parte de sua formação. O autor aponta que o seu saber foi produzido pelos fatos ocorridos ao seu redor, pela análise da prática dos outros, bem como por sua própria prática e reflexão crítica sobre elas. Da mesma forma, os fatos ocorridos ao redor dos catequizandos compõem suas experiências de vida e contribuem para sua formação.

"Nunca pude entender como seria possível compatibilizar a camaradagem com o Cristo com a exploração dos outros, o bem-querer de Cristo com a discriminação de raça, de sexo, de classe" (FREIRE, 2003, p. 121). O autor comenta, então, sobre a coerência necessária entre o dizer e o fazer, compatibilizando o discurso com a prática. Isto pode se dar a partir de uma reflexão crítica sobre esta, realizada a partir de elementos teóricos. Pensando desta maneira, a educação se faz também através do testemunho e este, por sua vez, deve mostrar a coerência e a proximidade entre aquilo que se fala e aquilo que se pratica.

> A pedagogia catequética torna-se eficaz, à medida que a comunidade cristã se torna referência concreta e exemplar para o caminho de fé dos indivíduos. Isso ocorre se a comunidade se propõe como fonte, lugar e meta da catequese. Concretamente, então, a comunidade se torna lugar visível de testemunho de fé, provê à formação de seus membros, acolhe-os como família de Deus, constituindo-se ambiente vital e permanente de crescimento da fé (DGC, 158).

A comunidade cristã como um todo precisa agir de forma a levar em conta que suas ações constroem e transformam a ela mesma. Por isso, penso que é importante também comentar sobre a formação desta comunidade. Para todos os que se envolvem na Iniciação Cristã, cabe aqui outra reflexão de Freire (1979, p. 7).

> Conhecer os Evangelhos enquanto busco praticá-los, nos limites que minha própria finitude me impõe, é, assim, a melhor forma que tenho para ensiná-los. Neste sentido é que somente a prática de quem se sabe humildemente um eterno aprendiz, um educando permanente da Palavra, lhe confere autoridade, no ato de aprendê-la e ensiná-la.

Este pensamento reforça a ideia da construção do ser cristão pelo exemplo, pelo testemunho. Mostra também o compromisso que a comunidade tem com ela mesma e com o processo da Iniciação Cristã de conhecer os Evangelhos e buscar praticá-los, mesmo que não seja possível entender completamente o que diz a Palavra e os 'mistérios da fé'. Freire (1979) fala a respeito da humildade de saber-se "eterno aprendiz" da Palavra e, por isso, aponta que a busca contínua em conhecê-la é o que qualifica o ensino sobre ela. Há diferentes papeis desempenhados por leigos e religiosos e com diferentes atribuições para a Iniciação cristã. Penso que familiares, padres e catequistas são os que mais se envolvem neste momento. Alguns aspectos a respeito da participação dos familiares já foram comentados anteriormente, por isso escrevo aqui de forma mais breve aquilo que se deseja enquanto ideal.

Os familiares acompanham a formação desde o nascimento sendo responsáveis por ela na medida em que estimulam a convivência com a Igreja, a prática da oração e da fé e, principalmente, dando testemunho de tais ações. A formação dos familiares é aquela que receberam quando foram catequizados e construída por sua relação com a Igreja e com a fé. Uma formação complementar pode, é claro, ser buscada por interesse próprio do agente de conhecer melhor e se envolver nos mistérios de Cristo. Sua participação nas atividades da comunidade, nas pastorais, na ação social da Igreja e no auxílio nos momentos de celebração litúrgica são testemunhos de um querer-se próximo à Igreja que influencia na formação dos que estão iniciando o caminho. Lembro aqui das atividades e encontros propostos nos livros de catequese no sentido de que estes, muitas vezes, buscam o envolvimento com a família. No entanto, a falta de participação e comprometimento dos pais na Iniciação cristã, comentada pelos catequistas nos grupos focais, pode ser um importante fator que dificulta a inserção dos catequizandos na vivência proposta pela catequese.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco comenta que é necessário que "as famílias possam ser sujeitos cada vez mais ativos na pastoral familiar" (AL, n. 200). Lembra ainda que os pais incidem diretamente nas vidas dos filhos (AL, n. 259). Neste sentido, penso que as famílias precisariam entender que seu papel na evangelização não é de auxiliadoras, mas sim de edificadoras, junto aos catequizandos, da fé que eles irão construir muito antes de participarem da catequese. Sua responsabilidade se dá na medida em que ela se entende como "contexto educativo" e "primeira escola dos valores humanos" (AL, n. 274).

Os sacerdotes e religiosos complementam a família da comunidade e catequizam através do contato que realizam com os leigos, com as ações que promovem na comunidade

ou na paróquia e com suas falas durante as celebrações. Como foi possível observar em alguns documentos, eles também precisam estar atentos à Iniciação Cristã e auxiliar na catequese, além de estarem fortemente ligados aos momentos dos sacramentos. Além disso, os bispos e sacerdotes devem observar a Iniciação Cristã e mobilizarem-se para a construção de subsídios para a prática catequética e para a formação de catequistas.

Os catequistas, por sua vez, atuam diretamente na Iniciação Cristã e, por isso, precisam estar preparados para mediar este momento. O diálogo tem papel importante na relação entre catequista e catequizando, sendo o primeiro "um mediador que facilita a comunicação entre as pessoas e o mistério de Deus, e dos sujeitos entre si e com a comunidade" (DGC, n. 156). Sendo assim, o papel do diálogo se dá tanto no momento em que o catequista faz a mediação, quanto no momento em que esta mediação inspira (o diálogo entre cristãos e destes com Deus). Neste sentido, Adams (2008, p. 259) relembra que

> Freire destaca como mediação fundamental do processo educativo, o diálogo através da dinâmica da problematização com amorosidade, da revisão crítica da história, dos limites e das possibilidades do presente em articulação com os desafios do futuro. A vivência ou experiência existencial se torna mediação pedagógica que joga os (as) educandos (as), à análise dos problemas propiciando-lhes condições de uma verdadeira participação.

Assim, os catequistas mediam a catequese problematizando o conhecimento apresentado nela através do diálogo com os catequizandos e levando em consideração seu conhecimento de mundo. Buscando a reflexão, os catequistas relacionam os temas da catequese com os conhecimentos dos catequizandos. O diálogo permite a construção do conhecimento em conjunto e o pensamento de que não há um saber acabado, pronto, pois há uma contínua construção, tanto da parte dos catequizandos quando dos catequistas. Os homens são sujeitos de seu conhecimento, não somente receptores, como tão bem sublinha Freire (2005).

Neste sentido, os catequistas devem buscar a participação ativa dos catequizandos na catequese, trazendo seus conhecimentos para os encontros e refletindo para a construção de novos conhecimentos. O catequista deve trabalhar também para que o catequizando possa ir além do conhecimento que já tem (buscando superá-lo) através de uma ação comprometida com a formação que está mediando. Sua forma de ser (ou testemunho) também dá abertura aos catequizandos para problematizarem estes conhecimentos. O exemplo dos catequistas tem um sentido essencial, já que sua prática tem a intencionalidade educativa. Segundo Zitkoski (2008b, p. 131), Freire desafia que os projetos desenvolvidos para a educação tenham

coerência metódica e postura dialógica. “Ou seja, a educação começa pelo exemplo do educador ao mostrar seu jeito de ser aos educandos e dar testemunho prático de suas convicções político-filosóficas”. Tomando o mesmo sentido, Rossato (2008, p. 332) comenta que

> [t]oda a vida do (da) educador(a) são atos educativos. Manifesta na sua vida a coerência entre a teoria, a palavra e sua ação. A educação toma um sentido pleno quando estabelece uma relação entre a vida, a voz e o pensamento do educador. Gera, portanto, uma prática que resulta de uma forma de ver e atuar sobre a vida.

Na catequese a coerência entre a palavra e a ação dos catequistas é percebida nos encontros e na comunidade. Ao mesmo tempo em que o catequista envolve os catequizandos na comunidade católica, este também está envolvido nela no sentido de que deve também estar envolvido na prática dos ensinamentos que apresenta teoricamente. Tendo estes pensamentos como pressupostos e sabendo da importância que a mediação dos catequistas tem na catequese, deve-se dar mais atenção a sua formação.

Segundo DGC (n. 147), “inspirando-se continuamente na pedagogia da fé, o catequista configura o seu serviço como qualificado caminho educativo” e “com este objetivo, o catequista conhece e se vale da contribuição das ciências da educação, cristãmente compreendidas”. Para que isto se realize e retomando o pensamento de ser humano inacabado, é necessário pensar na formação dos catequistas.

Este pensamento vem ao encontro do que a CEPABC e o DGC enfatizam ao comentar sobre a importância da formação de base para os catequistas, bem como da formação continuada para que estes atuem nesta pastoral fundamental para a iniciação à vida cristã. A formação inicial tem sua importância para que os catequistas iniciem sua prática já tendo um conhecimento teológico e educacional prévios. A importância da formação continuada se dá ao retomarmos o entendimento da incompletude do ser humano e dos desafios que as mudanças temporais produzem nos processos educativos. Os catequistas do Grupo Focal A (2016) comentaram que precisam estar atentos às “mudanças, às novas metodologias e se reciclar sempre”.

No Grupo Focal B (2016), foi comentado que cada turma que o catequista encontra é diferente, o mundo é muito dinâmico e, por isso, a catequese precisa também encontrar “outros meios de conseguir chegar mais nessas crianças e adolescentes”. Na mesma linha, o Entrevistado 2 (2016) comentou que na era digital as mudanças ocorrem mais rápido, e é necessário que a catequese acompanhe estas mudanças no sentido de ser capaz de comunicar a Palavra de forma interativa.

No Grupo Focal A (2016), por sua vez, os catequistas comentaram que vivemos "novos tempos, novos desafios e não dá pra gente ficar parado. Na catequese, especificamente, a gente precisa ser ágil, versátil, atento às crianças, aos jovens e a suas novas demandas", uma vez que é preciso estar ciente das constantes mudanças que ocorrem no mundo. Os mesmos catequistas ainda complementam que "a verdade de Cristo, anunciada no Evangelho, não muda, mas nós que anunciamos precisamos 'ficar espertos' para podermos atrair cada vez mais esses jovens". Este comentário faz ainda pensar na questão de como os Evangelhos são antigos e, ao mesmo tempo, atuais, como comenta Freire (2004, p. 71) considerando-os "uma coisa que é absolutamente válida e viva historicamente".

A contemporaneidade acompanha novos desafios para a educação de crianças e jovens. A cultura digital, as mídias e a facilidade de acesso a estas promove maior fluidez de informações e são utilizadas principalmente pelos jovens, que são os destinatários da catequese. Neste sentido, esta não pode simplesmente seguir a mesma metodologia, separando-se do que ocorre paralelamente. Por um lado, a cultura digital permite que algumas relações aconteçam de forma mais distante, o que pode não ser bom para os objetivos da catequese. Mas por outro, esta mesma cultura pode aproximar outras relações. A catequese, assim como a educação, deve se utilizar destas novas formas de obter conhecimento e de manter relações para promover encontros de reflexão.

Torna-se muito mais fácil, por exemplo, entrar em contato com os catequizandos fora da catequese, enviar mensagens com textos ou reflexões bíblicas, orações, etc. De igual modo, torna-se mais fácil fazer a aproximação com as famílias, pois há vários recursos para que estas conheçam melhor e abracem o caminho da evangelização. Em meio a um "percurso de transmissão de fé que se vê dificultado pelo estilo de vida atual" (AL, n. 287), as tecnologias podem também ser um meio de aproximação entre as famílias, catequizandos e catequistas em prol da evangelização.

Seguindo este viés, os catequistas precisam estar em constante formação do ser, do saber e do saber fazer, como aponta o DGC (n. 238) e como exposto na seção 2.2 e na seção 4.1, ainda sob ponto de vista distintos. Sob a ótica da formação dos catequistas, o DGC assinala o ser, o saber e o saber fazer como dimensões necessárias para esta formação. Segundo o documento, a dimensão "mais profunda se refere ao próprio ser do catequista, à sua dimensão humana e cristã". Aqui o olhar se direciona à formação humana e cristã do catequista, pensando em seu papel na comunidade católica enquanto sujeito construtor e transformador da realidade existente, a qual se constitui também através dela. Remontando ao

pensamento de Freire (2005), penso que o catequista, assim como os sujeitos na sociedade, constitui-se ao mesmo tempo em que está sendo nas relações nas quais interage e nas reflexões às quais se propõe.

A dimensão do saber refere-se ao

> que o catequista deve saber para cumprir bem a sua tarefa. Esta dimensão, permeada pela dúplice fidelidade à mensagem e ao homem, requer que o catequista conheça adequadamente a mensagem que transmite e, ao mesmo tempo, o destinatário que a recebe, além do contexto social em que vive (DGC, n. 238)

Relaciono o saber apresentado pelo documento com a formação bíblico-teológica no que se refere ao conteúdo e também ao saber-se cristão, isto é, conhecer a sua história enquanto tal e saber do que se trata esta forma de vida. Também o relaciono com a formação pedagógica[43], a qual auxiliaria no olhar diferenciado para os catequizandos com os quais os catequistas irão mediar o conhecimento, bem como na prática de diferentes metodologias que poderão usar para a mediação dos conteúdos no sentido de alcançar uma prática libertadora e conscientizadora. Assim constitui-se também a relação com outra dimensão apontada pelo documento, a saber: a "do saber fazer, já que a catequese é um ato de comunicação. A formação tende a fazer do catequista um educador do homem e da vida do homem" (DGC, n. 238). Neste sentido, o documento aponta a importância da comunicação como forma de comunicar a Palavra, comunicando-se com os catequizandos. No Grupo Focal B (2016), foi comentado que o papel da educação se relaciona com a catequese justamente neste saber fazer dos catequistas, o qual é também o saber preparar para o mistério.

O DGC (n. 234) afirma ainda que "os instrumentos de trabalho não podem ser verdadeiramente eficazes se não forem utilizados por catequistas bem formados". De acordo com a leitura de Streck (2008b, p. 370), para Paulo Freire "o professor sempre tem papel fundamental na condução ou direção do processo de aprender-ensinar" e os catequistas, neste sentido, tem um papel fundamental enquanto auxiliares na construção da vida cristã e enquanto mediadores deste processo. Além disso, segundo Cunha (2008, p. 334),

> para Freire a docência se constrói, pois a condição de tornar-se professor se estabelece num processo, não apenas a partir de uma habilitação legal. […] Essa posição explicita que o exercício profissional é que constitui o sujeito professor na medida em que essa constituição exige a reciprocidade de seus alunos e do contexto em que atua. Entretanto, essa postura não significa a desconsideração da teoria e da reflexão.

[43] Esta questão será abordada, novamente, logo adiante com o olhar dos catequistas que participaram dos grupos focais.

Freire comenta, assim, do saber-se em construção enquanto professor, de reconstruir-se através de sua prática sabendo que o ensinar e o aprender ocorrem ao mesmo tempo. Ligando-se a este pensamento, os catequistas do Grupo Focal B (2016) disseram que na própria prática com os materiais eles "cresceram" e aprenderam. Os catequistas reformulam sua fé e seu modo de mediação enquanto auxiliam na construção da fé dos catequizandos. Entretanto, é necessário refletir sobre esta prática e buscar novos conhecimentos teóricos para aprimorá-la, pois ao catequista, como a todos os educadores, cabe a busca pelos melhores caminhos para o ensino. Neste mesmo grupo focal, os catequistas comentaram que "a catequese é uma catequese constante, nunca dá pra dizer que a gente tá pronto, preparado". Por isso, cada vez que os catequistas leem um encontro, eles acabam interpretando de forma diferente, pois com a catequese ocorre "um crescer na fé diariamente".

Porém, sendo um trabalho voluntário, de doação para a comunidade cristã, muitas vezes a formação de catequistas é deixada de lado, como muito bem chamou atenção o V CELAM, o qual já foi apresentado no capítulo 2, ao expor que os catequistas não possuem a formação teológica ou pedagógica desejável. Da mesma forma, o Entrevistado 1 (2016) comentou que, na verdade, nem todos os catequistas têm toda a preparação necessária e o Entrevistado 4 (2016) complementa este pensamento ao dizer que os catequistas precisariam de uma formação inicial e acompanhamento, "não entregar o material no início do ano e receber as crianças no final do ano".

Assim sendo, penso que o catequista e a comunidade precisam perceber a importância do trabalho formativo que o primeiro realiza como um "educador que facilita o amadurecimento da fé" (DGC, n. 244) e, neste sentido, entender que ele necessita de formação. É possível questionar, então, se há este entendimento por parte dos envolvidos com a catequese. Uma das possíveis respostas é encontrada na fala do Grupo Focal A (2016), quando os catequistas comentam que há ofertas de formações teológicas que são extremamente necessárias e produtivas. No entanto, eles sentem falta de uma formação pedagógica voltada para a catequese, para trabalhar com as coleções nos encontros, tornando-os, assim, mais compreensíveis e atrativos aos catequizandos. No Grupo Focal B (2016) foi comentado que os catequistas sentem falta de uma formação teológica que trabalhe a respeito dos novos documentos da Igreja, mas que, ao mesmo tempo, eles carecem de disponibilidade de tempo para participar de tudo o que é oferecido.

Ainda no Grupo Focal B (2016) foi levantada a questão de se os professores (que tem uma formação voltada para a educação) saberiam conduzir melhor os encontros de catequese,

porém, houveram divergências. Um catequista comentou que um professor conseguiria conduzir melhor os encontros em virtude de sua formação. Em resposta, outros disseram que não é essencial ter esta formação, pois a catequese depende da "boa vontade, do comprometimento, da vivência", da preparação e das formações (ofertadas nas comunidades ou dioceses) que vão dar o suporte fundamental para a prática catequética.

Entendo que a reação dos catequistas que disseram não ser necessário possuir formação pedagógica para a mediação da catequese toma o sentido de que não somente quem a tem pode estar habilitado a ser catequista. O argumento é de que muitas outras pessoas que possuem formações que não em área pedagógica fazem a preparação adequada dos encontros, estudam por si mesmas e, por isso, são plenamente capazes de fazer um ótimo trabalho. De uma parte, tendo a concordar com a reação dos catequistas, pois a busca pelo *ser mais* pode acontecer informalmente, fora de instituições formais de ensino. De outra parte, direcionar o olhar para a área da educação é essencial para buscarem entender e aprimorar suas práticas de ensino seja informalmente através da busca pessoal seja por meio de cursos formais. A catequese é também educação e, por isso, deve se valer dos pensamentos que a permeiam para auxiliar para que seja, de fato, "aprendizagem para a vida cristã".

Seguindo o pensamento sobre a formação dos catequistas, o Entrevistado 4 (2016) disse que

> é preciso estabelecer um roteiro de formação que dê condições de o catequista trabalhar esta experiência de fé na participação, espírito de abertura, diálogo e humildade. Reuniões de avaliação, retiros, preparação dos encontros em conjunto, associados a uma capacitação pedagógica e didática. É indispensável também que o catequista tenha uma experiência pessoal e comunitária de fé.

No mesmo sentido, o Entrevistado 1 (2016) comenta que "faz-se necessário uma preparação anterior e uma formação continuada." Acrescenta, ainda, que para exercerem sua missão de educadores da fé "precisam ter um conhecimento básico da Sagrada Escritura e da doutrina Católica, além de serem membros participantes da comunidade cristã e darem um bom testemunho de vida" (Entrevistado 1, 2016).

Entendo que os catequistas, muitas vezes, dedicam "domingos, sábados ou noites", conforme comentado no Grupo Focal B (2016), para preparar os encontros, doando-se para a Iniciação Cristã. No entanto, não é por ser um trabalho voluntário que deve ser feito sem reflexão ou sem estudo sobre os temas que o permeiam. Antes de assumir o compromisso, é necessário pensar quanto tempo deverá ser disponibilizado para dar conta dele, principalmente ao saber de sua importância na formação da comunidade católica e, porque

não, da comunidade humana[44] como um todo. Em alguma medida isto também foi comentado em ambos os grupos focais quando, por exemplo, os participantes disseram que existem algumas formações oferecidas, mas que eles não possuem toda a disponibilidade de tempo que precisariam para realizá-las.

A reflexão e a busca por conhecimento podem ser realizadas de diversas formas, como já foi comentado. É possível citar como exemplo ações tais como: as trocas de experiências entre catequistas, a preparação para os encontros, a busca por subsídios para além das coleções, a participação em cursos e palestras que as próprias comunidades ou dioceses oferecem, além de cursos em instituições de ensino que abordam estes conhecimentos.

Sobre este aspecto, no Grupo Focal B (2016) os catequistas apontaram que é necessário "estudar sempre, ler sempre aquele texto, aquele encontro, porque a gente vai trabalhando com isso e porque eles percebem muito bem quando o catequista está cheio, está preparado ou não está" e que "esse cheio é essa busca, é esse encontro, é essa preparação. É isso que vai nos preparar e dar o suporte que a gente precisa. Nesses encontros que a gente tem com o grupo, com catequistas, com os padres, temos que ir busca dessa preparação". Neste sentido, reitero que a busca por conhecimentos deve, em alguma medida, partir de cada catequista, pois depende dele a sua própria formação.

No Grupo Focal A (2016), por sua vez, a questão da preparação e da reflexão sobre os encontros apareceu no sentido de ser algo essencial para conseguir "dar conta dos encontros, da missão, bem como da turma". Desta forma, percebi que os catequistas que participaram dos grupos focais entendem que é necessário este tempo de preparação, reflexão, trocas e estudo para dar melhor andamento à catequese.

Paulo Freire "coloca em discussão um tema emergente sobre a formação de um novo educador: um intelectual fronteiriço, ativista social, pesquisador crítico, ser ético, filósofo radical e revolucionário político e cultural" (STRECK; RENDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 24). Os catequistas entendem que a formação continuada é necessária, mas o perfil deste novo educador ainda deve ser formado para a catequese. Este seria um catequista problematizador da realidade e mobilizador para a sua transformação, pois assim há uma verdadeira formação

[44] A catequese não é somente importante para a comunidade cristã católica, pois a formação cristã é também formação humana e reflete nas ações que os cristãos têm na sociedade. Entendendo a comunidade cristã como um eixo que se forma dentro da sociedade e, por isso a catequese deve preparar os catequizandos para viver a cristandade na sociedade, assumindo o ser cristão em todos os momentos de suas vidas, não somente na comunidade igreja.

do ser cristão[45]. Porém, este educador da fé só poderá existir na medida em que haja também formação para ele. Como comentado no Grupo Focal B (2016), "a formação é a motivação para progredir".

Neste sentido, finalizo este capítulo com um pensamento de Paulo Freire que permite retomar o que foi apontado em cada seção deste capítulo, isto é, pensar a catequese como um processo educacional (4.1), apresentar possíveis reflexões para a catequese a partir de conceitos freireanos (4.2) e pensar na formação daqueles que mediam a catequese (4.3). Além de ser seguido como exemplo de cristão, Jesus pode ser tomado como exemplo de educador, como afirma Paulo Freire (1979). Como já mencionado, este autor toma como necessário o educador agir conforme aquilo que fala, sendo a teoria e a prática indicotomizáveis, da mesma forma que comenta que Jesus é um exemplo para isto:

> me fascinava e me fascina, nos Evangelhos, a indivisibilidade entre seu conteúdo e o método com que o Cristo os comunicava. O ensino do Cristo não era nem poderia ser o de quem, como muitos de nós, julgando-se possuidor de uma verdade, buscava impô-la ou simplesmente transferi-la. Verdade Ele mesmo, Verbo que se fez carne, Historia viva, sua pedagogia era a do testemunho de uma Presença que contradizia, que denunciava e anunciava. Verbo encarnado, Verdade Ele mesmo, a palavra que d'Ele emanava não poderia ser uma palavra que, dita, dela se dissesse que **foi,** mas uma palavra que sempre **estaria sendo.** Esta palavra jamais poderia ser aprendida se não fosse apreendida e não seria apreendida se não fosse igualmente por nós "encarnada". Daí o convite que Cristo nos fez e porque nos fez continua a nos fazer – o de conhecer a verdade de Sua mensagem na prática de seus mais mínimos pormenores. Sua palavra não é som que voa: é PALAVRAÇÃO. (FREIRE, 1979, p. 7).

Sendo assim, Jesus é exemplo de educador que ensinava através de gestos e ações, além de palavras, e que age por meio da práxis para a transformação do mundo através dela. Aqueles que querem evangelizar, catequizar, devem ter em mente que o testemunho é a melhor forma de ensinar. Freire (1979) ainda comenta que para conhecer o Evangelho, bem ou mal, é necessário vivê-lo, experimentando-o na prática social, sabendo-se eterno aprendiz da Palavra.

Saber que não conhecemos tudo, mas buscar conhecer cada vez mais é o que autoriza o ensino sobre o ser cristão, bem como sobre o ser humano. E sobre isto, arrisco-me a dizer que o principal a ser ensinado, em meio a tanto a ser conhecido, é o amor. Além de ser o maior mandamento, ele é aquele que serve de base e dá suporte para todos os demais. Quem dera se

[45] Aqui é importante deixar claro que não há uma forma única para a formação cristã, mas sim, que é necessário entender que, enquanto seres humanos, estamos constantemente nos renovando e, por isso, devemos tomar esta ideia como pressuposto para pensar a preparação dos encontros. Isto pode se dar na busca por saber mais sobre os temas abordados e na reflexão junto aos catequizandos sobre a forma de apresenta-los. Não há um caminho único a seguir, mas vários caminhos se fazem possíveis a partir deste olhar.

todos os catequizandos tomassem para si “os mesmos sentimentos de que Jesus Cristo estava animado” (Fl 2, 5) ou então o pensamento de Paulo Freire de que “o que ficava realmente em mim [da catequese] era a bondade grande, a valentia de amar, sem limites, que o Cristo nos testemunhava” (FREIRE, 1979, p. 7).

Por fim, este capítulo buscou apresentar a prática catequética como uma prática educacional a partir de referenciais teóricos e características que auxiliam neste entendimento. Compreendendo a catequese como formação humana e cristã, foram explicitadas reflexões sobre conceitos que podem ser pensados para a catequese com a intenção de torná-la mais significativa para os catequizandos. No entanto, para que estas reflexões sejam possíveis, é necessário, então, a transformação de seus agentes mediadores no sentido de que estes busquem a formação teórica e reflexão sobre a prática catequética. Portanto, finalizo o pensamento apresentado na presente dissertação no intuito de que esta seja um subsídio pelo qual os catequistas possam iniciar esta formação, entendendo, assim, a importância da catequese como um processo educativo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transcorrido o percurso de escrita da pesquisa, finalizo o pensamento apresentado na dissertação, esperando ter atingido o objetivo de pensar a prática Catequética na Diocese de Caxias do Sul, realizada a partir da orientação de duas coleções formuladas para esta prática, relacionando-a ao Catecumenato (orientado pela Igreja Católica) e entendendo-a como uma prática educacional. Para que isto pudesse ocorrer, busquei apresentar uma estrutura que permitisse entender, inicialmente o que é a catequese e qual é a orientação da Igreja Católica para sua prática, para posteriormente analisar como se dá a prática catequética na Diocese de Caxias do Sul e poder relacioná-la à prática educacional.

No capítulo 2, *Estilo Catecumenal: fundamento de uma prática educacional*, busquei explicar especialmente as orientações da Igreja Católica para a catequese. Estas se fundam no Estilo Catecumenal e são apresentadas através dos documentos da Igreja Católica, escritos desde as orientações fornecidas pela *Santa Sé* até aquelas que são dadas pela Igreja Local (diocese). Estas orientações não buscam delimitar um modelo de catequese, mas sim explicitar quais são os pontos principais que a organização da educação para a fé deve observar para conduzir seus encontros, a saber: (i) a centralidade Pascal (Cristocentrismo), (ii) a liturgia da Palavra, (iii) a Bíblia como fonte, (iv) o acompanhamento dos ritos e símbolos bíblicos e litúrgicos, (v) a vivência e testemunho através da comunidade cristã, (vi) a comunhão com a vida dos catequizandos, (vii) a iniciação à missão, entre outras. Ao apresentar as definições e orientações gerais para a prática catequética, a pretensão era que se pudesse entender o tema da dissertação e já conhecer os aspectos que permitiriam fazer a relação deste com a prática na Diocese de Caxias do Sul e com a educação, nos capítulos seguintes.

No terceiro capítulo intitulado *A catequese na Diocese de Caxias do Sul*, busquei apresentar como estas orientações foram adaptadas em coleções que subsidiam a prática catequética na referida diocese. Apresentei, neste capítulo (i) aspectos de como estas coleções foram construídas, através da análise de entrevistas realizadas com pessoas que participaram deste processo, (ii) características da prática realizada a partir das coleções, comentadas por catequistas que as utilizam na mediação dos encontros de catequese e (iii) a análise das características das duas coleções, mostrando suas similaridades e diferenças. Observando a Coleção Caminho de Iniciação à Vida Cristã e a Coleção Catequese com Leitura Orante, pude perceber que as orientações da Igreja Católica mencionadas no segundo capítulo foram atendidas, porém, as coleções já necessitam de um novo olhar e, quem sabe, uma

reconstrução, para adaptar-se à realidade contemporânea da Diocese, já diferente da conhecida na análise realizada para a construção de ambas. Além disso, precisa ser levado em conta que são subsídios para uma prática educacional, apresentado mais atividades que auxiliem na interpretação dos ensinamentos Bíblicos.

Busquei apresentar este novo olhar que a catequese na Diocese de Caxias do Sul mostrou precisar no capítulo 4 intitulado *A prática catequética como uma prática educacional*. Tendo como objetivo do capítulo mostrar justamente o que o título já diz, relacionei algumas das características da educação com as da catequese, entendendo ambas como formação humana. Além disso, busquei apresentar conceitos que foram mobilizados por Paulo Freire e outros comentadores, com o intuito de expor outras características que considero necessárias para que a prática catequética atinja seus objetivos, a saber que ela seja uma prática: (i) problematizadora do conhecimento, (ii) relacionada com a vida do catequizando, (iii) conscientizadora, (iv) voltada para a participação ativa e comprometida na comunidade, sendo também transformadora da sociedade, (v) significativa, (vi) emancipatória, (vii) libertadora para a construção da autonomia que permite a busca pelo *ser mais* e (viii) dialógica para possibilitar todas as características anteriores. Finalizando o capítulo, tomei como necessário refletir sobre a formação dos catequistas com o intuito de que estes busquem a reflexão sobre a prática que realizam e busquem também *ser mais* em relação a ela, conhecendo e estudando sobre os diversos aspectos que a envolvem.

Tendo em vista que a catequese é educação para a fé e para a vida cristã em comunidade, atingir seus objetivos depende (i) do entendimento de todas as características que a orientam e inspiram apresentadas no capítulo 2; (ii) da reflexão sobre a sua prática mediada pelas coleções comentada no capítulo 3; (iii) e do entendimento desta como educação que requer uma reflexão crítica sobre a prática, bem como um estudo teórico que pode auxiliá-la, conforme escrito no capítulo 4.

Assim, penso que esta dissertação, em alguma medida, poderá ser um subsídio inicial para os catequistas entenderem melhor sobre a prática que realizam, pensando que a reflexão apresentada aqui é uma possibilidade para que busquem conhecer mais sobre o aspecto educacional e formativo da catequese. Neste sentido, a dissertação seria uma possibilidade para novos olhares e ações, retomando o pensamento de Freire (1997, p.171) quando diz da importância “da informação que, no processo, vai virando formação”.

Apesar de ter esta pretensão, entendo que minha pesquisa transparece minhas limitações enquanto pesquisadora no que diz respeito aos conhecimentos sobre o pensamento

educacional e teológico aqui apresentados e tomados como necessários para o entendimento da prática de educação para a fé. Consciente de meu inacabamento (bem como do desta dissertação), com humildade penso ter cumprido minha missão, sabendo do compromisso da busca por pesquisar ainda mais sobre os temas aqui apresentados, acrescentando contribuições a eles.

Nesta dissertação, busquei entender a catequese relacionando-a com a prática educacional, entendendo que esta relação seria útil para as catequistas, no sentido de fazê-las conhecer algumas das orientações para a prática que realizam reconhecendo sua ação como uma prática de formação humana (formação do ideal de ser humano, a partir do ideal de cristão). Durante ela, possibilidades para pesquisas futuras surgiram, emergindo a necessidade de pensar especificamente que tipo de práticas pedagógicas poderiam ser utilizadas na catequese levando em conta que as "indicações pedagógicas adequadas à catequese são aquelas que permitem comunicar a totalidade da Palavra de Deus no coração da existência das pessoas" (DGC, n. 146).

Como Freire (1996) aborda em *Pedagogia da Autonomia* os "saberes necessários à prática educativa" penso que seria necessário também um olhar sobre os saberes pedagógicos que envolvem prática da catequese. E Freire mesmo faz o convite para pensar nesta direção, pois segundo Streck, Redin e Zitkoski "os saberes necessários apontados aparecem como provocação: é preciso reconstruí-los em qualquer tempo e nos mais diversos lugares/contextos históricos do mundo" (2008, p. 24). Sendo assim, a catequese pode ser um destes novos contextos que podem (e devem) não só relacionar-se com a educação, entendendo-se como parte dela, mas também buscar na pedagogia um auxílio para que as práticas realizadas tenham a significação pretendida.

Para finalizar esta dissertação, relembro que a catequese tem como objetivo apresentar Jesus Cristo aos catequizandos, exemplificando, a partir dele, o ideal do ser cristão, o caminho de vida a ser buscado, realizado e conduzido para Deus. A esperança da catequese é que os catequizandos tenham em Jesus uma inspiração para seu modo de ser. Freire aborda a esperança do ser humano através da busca pelo *ser mais*, que é a busca por atingir um *inédito viável*. Consciente de seu inacabamento e de seus condicionamentos, o ser humano descobre em sua vida obstáculos que precisa vencer. Ainda segundo o pensamento freireano, estes obstáculos são chamados *situações-limites*. Quando percebidas criticamente, as *situações-limites* são olhadas como barreiras que podem ser superadas buscando o *ser mais* dando esperança àqueles que assim a entendem. Esta percepção se dá quando há um olhar crítico e

reflexivo sobre a realidade, buscando entende-las. Desta forma, as *situações-limites* tornam-se o *percebido-destacado* que precisa ser mudado. Para isto acontecer, então, é necessário realizar os *atos-limites* que buscam a superação, negando o que está dado. Nesta mobilização ocorre a descoberta do *inédito-viável*. Segundo Ana Maria Araújo Freire (2000a, p. 206) o inédito viável é "algo que o sonho utópico sabe que existe mas que só será conseguido pela práxis libertadora que pode passar pela teoria da ação dialógica [...]".

Ainda segundo a mesma autora, o *inédito-viável* é, então, um ideal possível a ser atingido, é a humanização e o *ser mais*. Em outras palavras, há um movimento a ser feito para atingir o *inédito-viável* que ocorre quando houver na sociedade *situações-limites* que necessitem ser vencidas e forem percebidas criticamente por sua necessidade de serem rompidas, possibilitando a humanização. Para superar estas barreiras é necessário torna-las o *percebido-destacado* que mobiliza para a ação e para a superação a partir da qual os sujeitos podem atingir o *inédito-viável*.

Ao descrever o conceito de *inédito-viável* abordando a característica humana da aprendizagem constante, Ana Maria Araújo Freire (2008) afirma que não há algo pronto, acabado. Segundo a autora, "ele se nutre da inconclusão humana, não tem um fim, um termo definitivo de chegada. É sempre, pois devenir [...]" (2008, p. 233) e complementa que alcançando um inédito-viável, outros nascem, de acordo com os sentimentos e sonhos de cada um. Neste movimento que acontece por conta do inacabamento do ser humano, é necessário o constante repensar de cada ação para a significação do que está sendo vivenciado ou aprendido, buscando atingir o *inédito-viável* que promove algo novo no ser humano. Este é "o projeto a realizar", o que é sonhado e que se busca através da ação transformadora (GADOTTI, 2007a, p. 109).

Ana Maria Araújo Freire (2008, p. 233) ainda comenta que "quantos mais inéditos-viáveis sonhamos e concretizamos mais eles se desdobram e proliferam no âmbito de nossas práxis". Assim, reforça a concepção de ser-humano inacabado, da incompletude do ser e do *ser mais* sempre possível a partir da educação crítica. Além disso, os autores comentam que os *inéditos-viáveis* se dão em serviço da coletividade e que são a busca por criar novos sujeitos para uma sociedade melhor, mais humanizada.

Tomo, então, a catequese justamente neste âmbito de pensar a formação de uma nova sociedade, enquanto contribuinte para a formação humana e enquanto ação para a transformação de sujeitos que são inacabados e, por isso, passíveis de aprendizagem e de reconstrução de si mesmos. A catequese poderia promover o ensinamento cristão na medida

em que este busca transformar o ser humano buscando apresentar a possibilidade de uma nova ação na sociedade.

Como comentado anteriormente, a catequese deve trabalhar para mostrar o desejo de *ser mais*, tomando como modelo ideal de cristão Jesus Cristo, um *inédito-viável* para buscar constantemente. Assim, precisa levar o catequizando a conhecer e aderir à proposta de Cristo, levando-o a engajar-se na comunidade. Este *inédito-viável* do ser cristão, por sua vez, pode contribuir para a construção de uma nova sociedade, pois suas ações não ocorrem somente na comunidade católica, mas se transpõem em meio às realizadas pelos católicos na sociedade como um todo. Enquanto seres humanos, "somos seres do inédito-viável, pois ainda não somos totalmente prontos, viemos nos fazendo na história e podemos sempre nos reinventar segundo a busca por mais humanidade" (ZITKOSKI, 2008, p. 215).

A importância da catequese é, então, que esta possa apresentar o *inédito-viável* do ser cristão: Jesus Cristo. Pode fazer isso tornando-O exemplo e fomentando a reflexão sobre o que suas ações expressam. Isto se torna importante para que por meio deste conhecimento e da vivência em comunidade os catequizandos possam refletir sobre seus próprios atos, sabendo o que é ser cristão e decidindo por sê-lo. E ainda, para que possam expressar esta decisão, encontrando, quem sabe, seu lado mais humanitário a partir do qual opressores e oprimidos entenderem a lógica na qual vivem e que este não é o ideal de comunidade pensada por Deus e promovida por Jesus Cristo.

Um estudo sobre a prática catequética realizado especialmente por aqueles que se envolvem com a iniciação cristã é necessário para que o período pelo qual os catequizandos perpassam não tenha seu fim com a realização da crisma. O caminho percorrido com a mediação da catequese precisa que a confirmação que os catequizandos fazem ao final dele seja um sim à continuação da busca pela proximidade com Deus (dimensão da fé) e da vivência em comunidade (dimensão da prática). Os catequizandos serão, não só, mas também fruto deste caminho. Por isso ele deve buscar que a aprendizagem e a vivência estejam lado a lado, num percurso que constitui o ser cristão enquanto acontece. Ser cristão não é um ideal para depois que se realiza somente através dos sacramentos, mas é uma vivência que acontece no decorrer do Caminho de Iniciação à vida Cristã. A catequese precisa dar a conhecer Jesus inspirando que os catequizandos o sigam. Ele é o *inédito-viável* do ser cristão, é aquele que busca acolher a todos e transformando o mundo desumano em que nos encontramos.

6 REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. Mediação (Pedagógica). In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 258-259.

ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005, p. 155 a 202.

ALMEIDA, Carina S. Possibilidades ou limites da memória dos jovens: a história oral e a técnica metodológica Grupos Focais. **Métis: História & Cultura**, Vol. 8, N. 15 (2010). Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/729/533>. Acesso em: 25 jan. 2016.

ARÉS, Vicente M. P.; RECALDE, Ricardo L. Catequese. In: PEDROSA, Vicente M. *et al.* **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004a. p. 133-145.

ARÉS, Vicente M. P.; RECALDE, Ricardo L. Catequista, O. In: PEDROSA, Vicente M. *et al.* **Dicionário de Catequética.** São Paulo: Paulus, 2004b. p.193-199.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil**: aspectos históricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

_____. **O altar unido ao trono**: um projeto conservador. São Paulo: Paulinas, 1992.

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus. 1990.

BRUSTOLIN, Leomar A. (Coord). **A mesa do pão 1**: iniciação à eucaristia: catequista. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRUSTOLIN, Leomar A. (Coord). **A mesa do pão 2**: iniciação à eucaristia: catequista. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

BRUSTOLIN, Leomar A. (Coord). **Perseverar na fé**: Pré Crisma: catequista. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012a.

BRUSTOLIN, Leomar A. (Coord). **Confirmados na fé**: Crisma: catequista. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012b.

BURGOS, Carlos C. Paulo Freire e as teorias da Comunicação**.** In: GADOTTI, Moacir (org). P**aulo Freire:** uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996. p. 620-621.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CIC). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA (CEPABC). **Itinerário Catequético:** Iniciação à Vida Cristã - Um Processo de Inspiração Catecumenal**.** Brasília: Edições CNBB, 2014.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. 25 ed. VIER, Frei Frederico (coord.). KLOPPENBURG, Frei Boaventura (introdução e índice analítico). Petrópolis, RJ: Vozes, 1966.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Catequese Renovada** Orientações e Conteúdo. 1983 Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=88-26-catequese-renovada-orientacoes-e-conteudo&Itemid=251>. Acesso em: 01 jun. 2016.

_____. **Diretório Nacional de Catequese (DNC).** Brasília: Paulinas. 2006. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/publicacoes-2/documentos-cnbb/doc_view/147-84-diretorio-nacional-de-catequese>. Acesso em: 01 abr. 2015.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2008-2010. Brasília, Edições CNBB. 2008.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório Geral para a Catequese (DGC)**. 1971. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html>. Acesso em: 05 fev. 2016.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA).** 7. ed. São Paulo: Paulus. 2011

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 11. ed. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CUNHA, Maria I. Professor (Ser). In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 334-336.

DELORS, Jacques. (Org.) **Educação, um tesouro a descobrir**: Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez: Brasília, DF: MEC, UNESCO. 1998. Disponível em: <http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

DIOCESE DE CAXIAS DO SUL – RS. **Plano de Pastoral 2013-2016**. 2012.

_____. **Caminho de Iniciação à Vida cristã**: primeira etapa: Livro do Catequista. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2015a.

_____. **Caminho de Iniciação à Vida cristã**: segunda etapa: Livro do Catequista. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2015b.

_____. **Caminho de Iniciação à Vida cristã**: terceira etapa: Livro do Catequista. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2015c.

_____. **Caminho de Iniciação à Vida cristã**: quarta etapa: Livro do Catequista. 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2015d.

Entrevistado 1. Fev. 2016.

Entrevistado 2. Fev. 2016.

Entrevistado 3. Mar. 2016.

Entrevistado 4. Mar. 2016.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. vii-xxv.

FLACH, Jacinto I. Apresentação. In: BRUSTOLIN, Leomar A. (Coord). **A mesa do pão**: da iniciação à eucaristia; catequista. São Paulo: Paulinas, 2009.

FREIRE, Ana M. A. Notas. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2000a. p. 205-245.

_____. Inédito viável. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITOTSKI, Jaime. (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p.231-234.

FREIRE, Paulo. **Conhecer, praticar, ensinar os Evangelhos.** Revista Tempo e Presença. 1979. n. 154, p.7. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/protestantes/uploads/novidades/Tempo-e-Presenca_154.pdf>. Acesso em: 30 set. 2016.

_____. **Cartas a Cristina:** reflexões sobre a minha vida e minha práxis. 2.ed.São Paulo: UNESP, 2003

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Extensão ou comunicação?** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000b.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da tolerância.** São Paulo: Unesp, 2004.

FREITAS, Ana L. S. Conscientização. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 99-101.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007a.

_____. A voz do biógrafo brasileiro: A prática à altura do sonho. In: GADOTTI, Moacir (org). **Paulo Freire:** uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996. p. 69- 116.

_____. **Educar para um outro mundo possível**. São Paulo: Publisher Brasil, 2007b.

GONDIM, Sônia M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa**: desafios metodológicos. Paidéia. Ribeirão Preto. V. 12, n. 24, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

GRAZZIOTIN, Roque Maria Bocchese; KREUTZ, Lúcio. **Pressupostos da prática educativa na Diocese de Caxias do Sul**: 1934 a 1952. Caxias do Sul, RS, 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado) -Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010.

GRUPO FOCAL A. Abr. 2016

GRUPO FOCAL B. Mai. 2016

GUILARTE, Manuel C. Iniciação Cristã, A. In: PEDROSA, Vicente M. *et al*. **Dicionário de Catequética**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 602-614.

LELO, Antonio F. **Catequese com estilo catecumenal**. 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCHESE, Terciane A. Caminhos trilhados e sonhados: o projeto político pedagógico para espaços não-escolares. In: **I Seminário Nacional de Educação Não-escolar**. Anais do I Seminário Nacional de Educação Não-Escolar. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

LOZANO, Jorge E. A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 15-26.

MEDEIROS, Lucineide B; ZITOTSKI, Jaime; STRECK, Danilo. Movimentos Sociais/ Movimento Popular. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITOTSKI, Jaime. (orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. 276-278.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica Pós-Sinodal: Amoris Laetitia**. (2016). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em: 15 Nov. 2016.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica: Laudato Si'.** (2016). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 18 Nov. 2016.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 157-159.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PREISWERK, Matthias. Teologia da Libertação. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 403-406.

RIBEIRO, Mário. Cristão (cristianismo). In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 103-104.

ROMÃO, José E. Educação. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITOTSKI, Jaime. (orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 150-152.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 331-333.

SAÉS, Jesús L. Catecumenato e inspiração catecumenal. In: PEDROSA, Vicente M. *et al.* **Dicionário de Catequética.** São Paulo: Paulus, 2004. p.124-133.

SARTORI, Jerônimo. Educação bancária/ educação problematizadora. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 152-154.

SEVERO, José L. R. L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** vol. 96, n. 244, Brasília, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 01 abr. 2016.

STECANELA, Nilda. Sair da escola para melhor compreendê-la: trânsitos pelos percursos juvenis não-escolares. In: **I Seminário Nacional de Educação Não-escolar**. Anais do I Seminário Nacional de Educação Não-Escolar. Caxias do Sul: EDUCS, 2008. p.1-18.

STRECK, Danilo R. Fé (cristã/no ser humano). In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008a. p.192-194.

STRECK, Danilo R. Rigor/Rigorosidade. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008b. p.369-371.

STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. Paulo Freire: Uma breve cartografia intelectual. In: _____ (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 17-26.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado História oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: ARANTES, Valéria Amorin (org). **Educação formal e não-formal:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2008. p.15-58.

TROMBETTA, Luis. C; TROMBETTA, Sergio. Inacabamento. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. p. 228-229.

VIERO, GLORIA J**. Inculturação da fé no contexto do feminismo**. Tese (Doutorado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0114213_05_Indice.html> . Acesso em: 01 out. 2016

ZITKOSKI, Jaime J. Dialética. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008a. p. 127-129.

ZITKOSKI, Jaime J. Diálogo/Dialogicidade. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008b. p. 130-131.

ZITKOSKI, Jaime J. Humanização/Desumanização. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008c. p. 214-216.

7 APÊNDICE

APÊNDICE A

PLANO GERAL DA COLEÇÃO CAMINHO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

COLEÇÃO	Caminho de Iniciação à Vida Cristã			
ETAPA DA CATEQUESE	Primeira	Segunda	Terceira	Quarta
IDADE DOS CATEQUIZANDOS	9 anos	10 anos	11 anos	12 anos
TEMÁTICA*	Identidade do catequizando e seu lugar na comunidade. Conhecer Jesus. Promover a relação com o próximo e com a comunidade.	Jesus como grande amigo e doação de sua vida.	Tornar-se discípulo na família, na comunidade e na sociedade.	Fortalecer a participação nas celebrações, reconhecer presença do Espírito Santo na vida, celebrar o dom do Espírito Santo que orienta.

* As temáticas de cada livro, na Coleção Caminho de Iniciação à Vida Cristã, foram apresentadas como metas de cada etapa.

Fonte: Organização da autora.

8 ANEXOS

ANEXO A

CAPA DOS LIVROS DAS QUATRO ETAPAS DA COLEÇÃO CATEQUESE COM LEITURA ORANTE

Fonte: Brustolin (2009, 2012a, 2012b, 2014).

ANEXO B

PLANO GERAL DA COLEÇÃO CATEQUESE COM LEITURA ORANTE

PLANO GERAL DA COLEÇÃO

LIVRO	A MESA DO PÃO	A MESA DO PÃO	NA MESA DE JESUS	NO CAMINHO DA MESA
ETAPA DA CATEQUESE	Iniciação à Eucaristia 1 Primeiro ano	Iniciação à Eucaristia 2 Segundo ano	Catequese para a Crisma 1 Catequese de Perseverança	Catequese para a Crisma 2 Preparação para a Crisma
IDADE DOS CATEQUIZANDOS	Crianças de 8 a 10 anos que iniciam a catequese em preparação à Eucaristia.	Crianças de 9 a 12 anos que estão no segundo ano de catequese para a Eucaristia.	É proposto para jovens com idade entre 11 e 14 anos.	Projetado para jovens entre 12 e 18 anos que pretendem receber o sacramento da Crisma.
TEMÁTICA	A história da salvação a partir do nascimento de Jesus Cristo até o relato de Emaús. Aborda o Antigo e o Novo Testamento. Enfatiza o sacramento do Batismo.	Apresenta a história de Jesus Cristo a partir dos Evangelhos. Do Batismo de Jesus até a ressurreição. Relaciona o Batismo e a Eucaristia. Preparação imediata para o sacramento da Eucaristia.	Trata do seguimento de Jesus, aprofundando os Evangelhos. Enfatiza a vivência cristã. Destaca os sacramentos da Unção dos Enfermos, Matrimônio e Ordem.	Nessa catequese de Crisma, o Creio é retomado na perspectiva da vida cristã em comunidade. Acentua o valor da Igreja, comunidade dos seguidores e missionários. Focaliza mais o sacramento da Crisma em sua relação com o Batismo e a Eucaristia. Completa a iniciação cristã.

Catequese com leitura orante

295

Fonte: Brustolin (2009, p. 295).

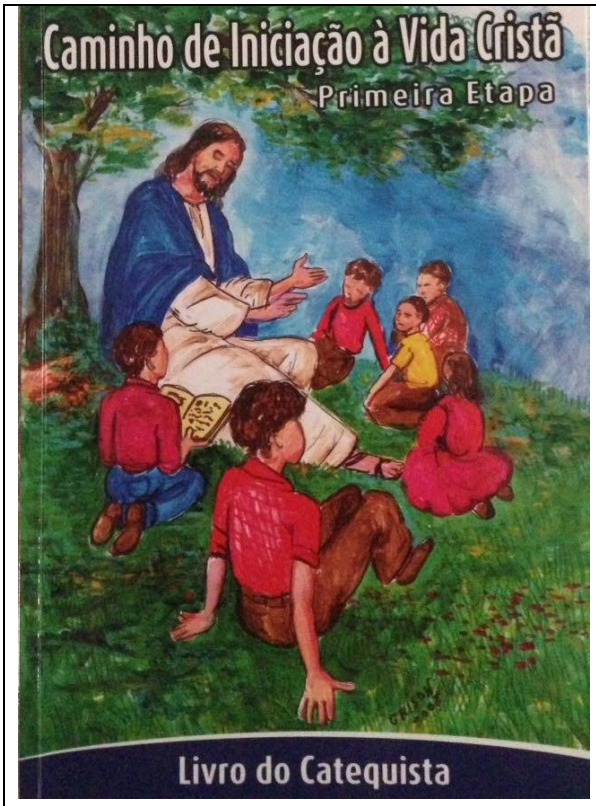
ANEXO C

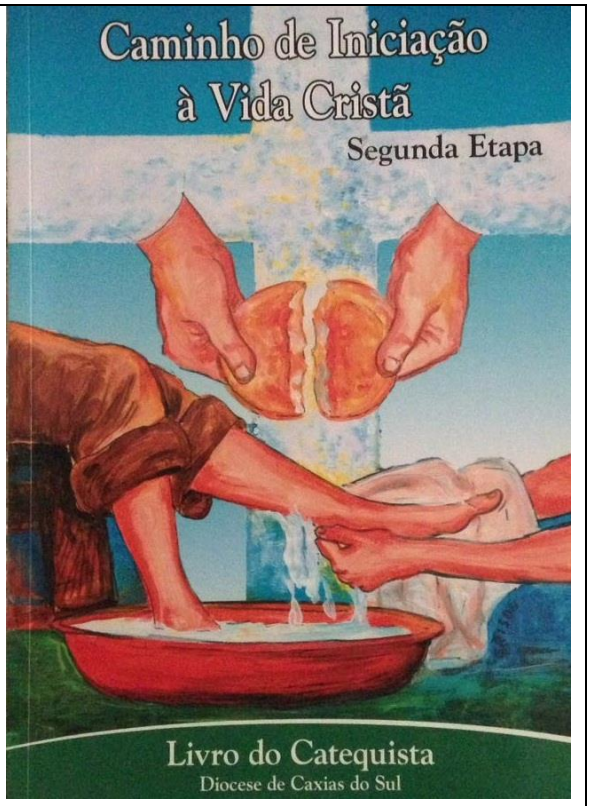
CAPA DOS LIVROS DAS QUATRO ETAPAS DA COLEÇÃO CAMINHO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ A PARTIR DA PUBLICAÇÃO PELA EDITORA VOZES EM 2015

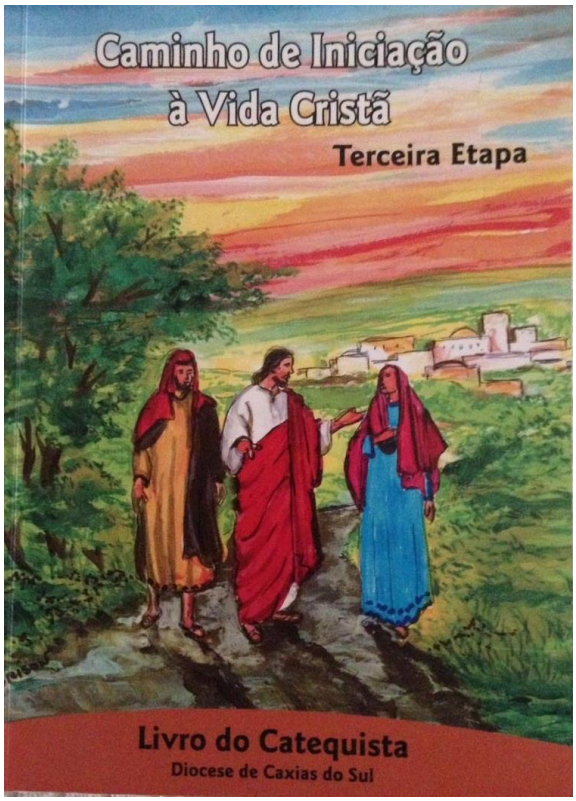
Fonte: Diocese de Caxias do Sul (2015a, 2015b, 2015c, 2015d).

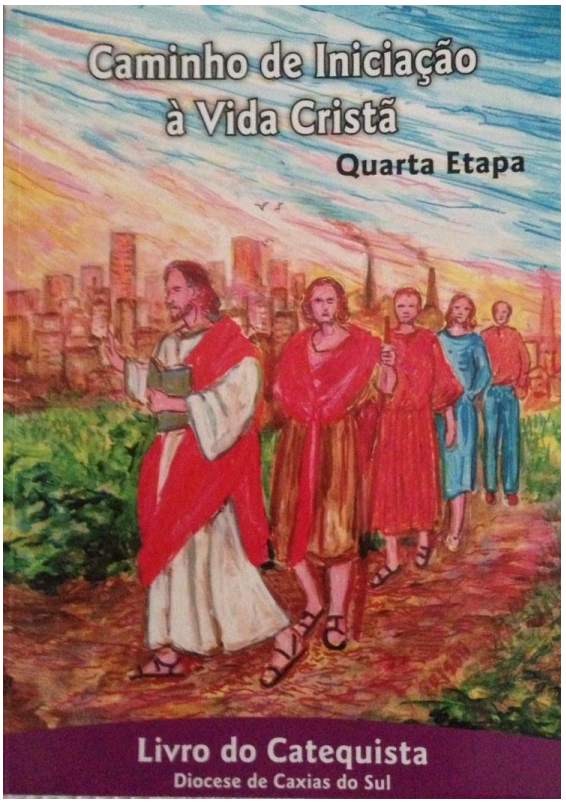
ANEXO D

CAPAS DOS LIVROS DAS QUATRO ETAPAS DA COLEÇÃO CAMINHO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ ANTES DA PUBLICAÇÃO





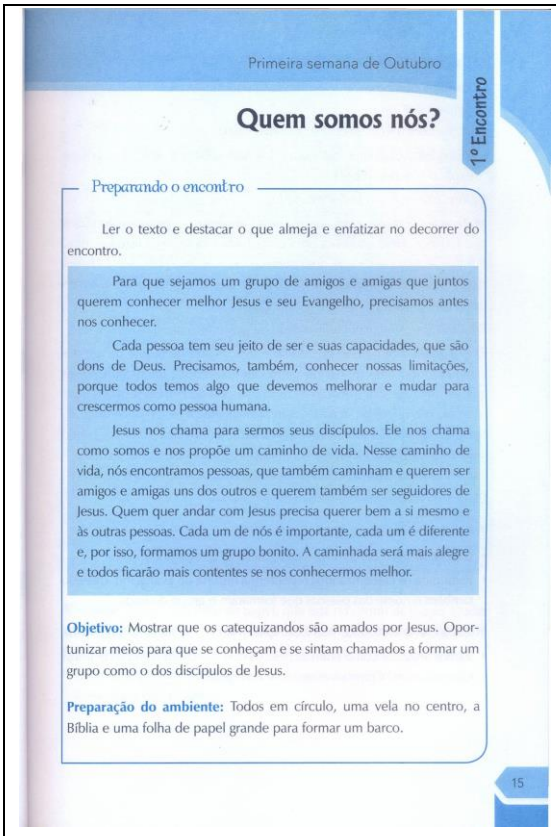




Fonte: Diocese de Caxias do Sul (2010a, 2010b, 2010c, 2010d).

ANEXO E

EXEMPLO DE ENCONTRO DA COLEÇÃO CAMINHO DE INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ



Primeira semana de Outubro

1º Encontro

Quem somos nós?

Preparando o encontro

Ler o texto e destacar o que almeja e enfatizar no decorrer do encontro.

Para que sejamos um grupo de amigos e amigas que juntos querem conhecer melhor Jesus e seu Evangelho, precisamos antes nos conhecer.

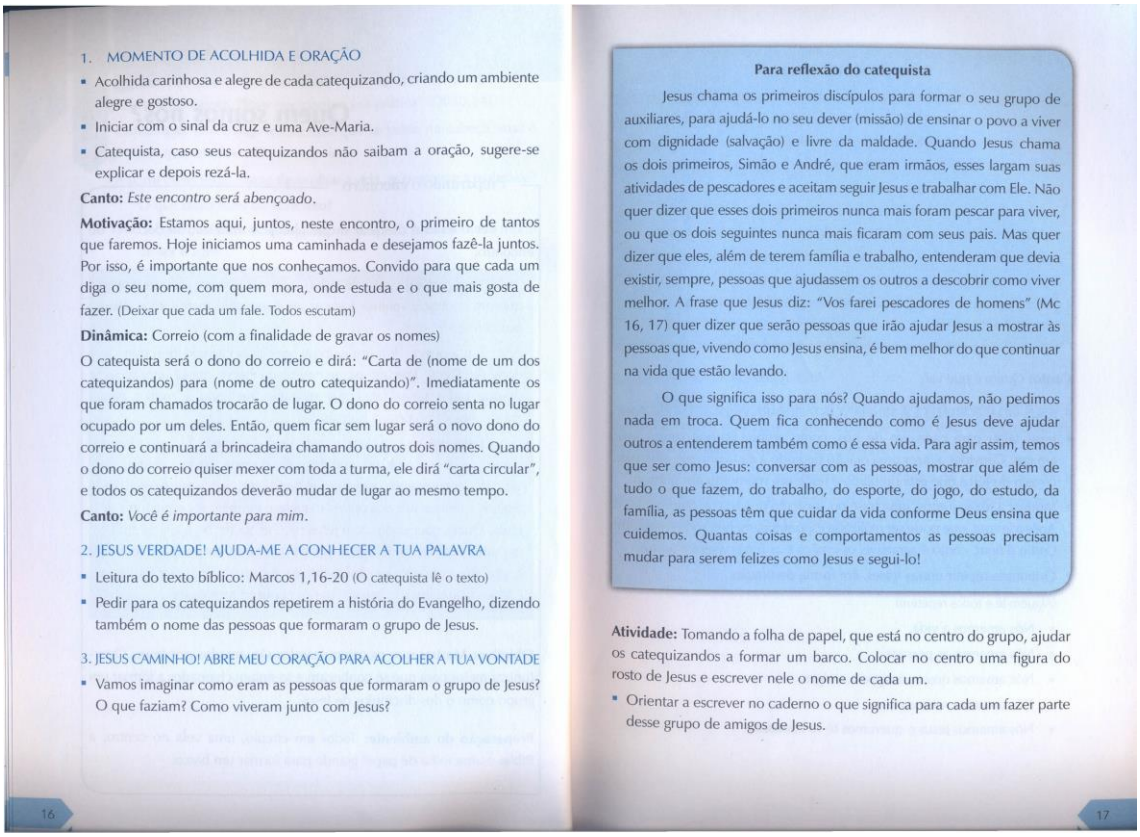
Cada pessoa tem seu jeito de ser e suas capacidades, que são dons de Deus. Precisamos, também, conhecer nossas limitações, porque todos temos algo que devemos melhorar e mudar para crescermos como pessoa humana.

Jesus nos chama para sermos seus discípulos. Ele nos chama como somos e nos propõe um caminho de vida. Nesse caminho de vida, nós encontramos pessoas, que também caminham e querem ser amigos e amigas uns dos outros e querem também ser seguidores de Jesus. Quem quer andar com Jesus precisa querer bem a si mesmo e às outras pessoas. Cada um de nós é importante, cada um é diferente e, por isso, formamos um grupo bonito. A caminhada será mais alegre e todos ficarão mais contentes se nos conhecermos melhor.

Objetivo: Mostrar que os catequizandos são amados por Jesus. Oportunizar meios para que se conheçam e se sintam chamados a formar um grupo como o dos discípulos de Jesus.

Preparação do ambiente: Todos em círculo, uma vela no centro, a Bíblia e uma folha de papel grande para formar um barco.

15



1. MOMENTO DE ACOLHIDA E ORAÇÃO

- Acolhida carinhosa e alegre de cada catequizando, criando um ambiente alegre e gostoso.
- Iniciar com o sinal da cruz e uma Ave-Maria.
- Catequista, caso seus catequizandos não saibam a oração, sugere-se explicar e depois rezá-la.

Canto: *Este encontro será abençoado.*

Motivação: Estamos aqui, juntos, neste encontro, o primeiro de tantos que faremos. Hoje iniciamos uma caminhada e desejamos fazê-la juntos. Por isso, é importante que nos conheçamos. Convido para que cada um diga o seu nome, com quem mora, onde estuda e o que mais gosta de fazer. (Deixar que cada um fale. Todos escutam)

Dinâmica: Correio (com a finalidade de gravar os nomes)

O catequista será o dono do correio e dirá: "Carta de (nome de um dos catequizandos) para (nome de outro catequizando)". Imediatamente os que foram chamados trocarão de lugar. O dono do correio senta no lugar ocupado por um deles. Então, quem ficar sem lugar será o novo dono do correio e continuará a brincadeira chamando outros dois nomes. Quando o dono do correio quiser mexer com toda a turma, ele dirá "carta circular", e todos os catequizandos deverão mudar de lugar ao mesmo tempo.

Canto: *Você é importante para mim.*

2. JESUS VERDADE! AJUDA-ME A CONHECER A TUA PALAVRA

- Leitura do texto bíblico: Marcos 1,16-20 (O catequista lê o texto)
- Pedir para os catequizandos repetirem a história do Evangelho, dizendo também o nome das pessoas que formaram o grupo de Jesus.

3. JESUS CAMINHO! ABRE MEU CORAÇÃO PARA ACOLHER A TUA VONTADE

- Vamos imaginar como eram as pessoas que formaram o grupo de Jesus? O que faziam? Como viveram junto com Jesus?

16

Para reflexão do catequista

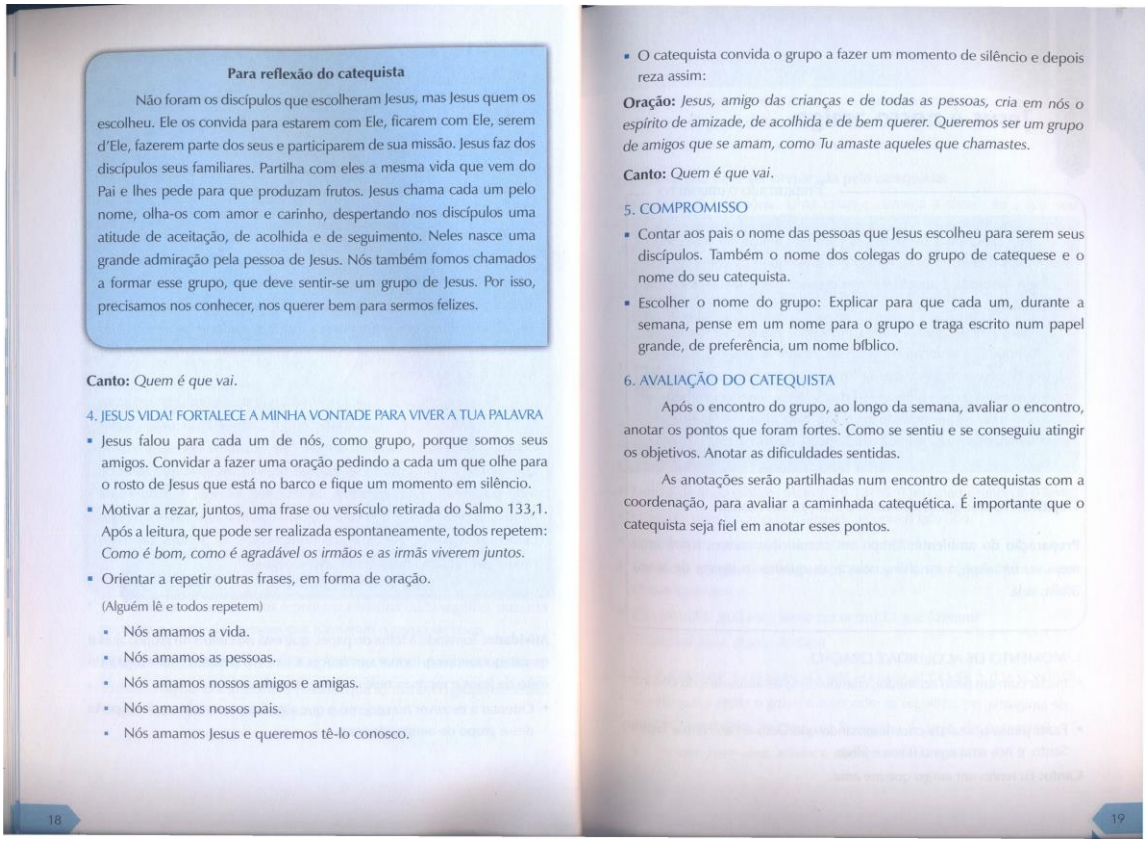
Jesus chama os primeiros discípulos para formar o seu grupo de auxiliares, para ajudá-lo no seu dever (missão) de ensinar o povo a viver com dignidade (salvação) e livre da maldade. Quando Jesus chama os dois primeiros, Simão e André, que eram irmãos, esses largam suas atividades de pescadores e aceitam seguir Jesus e trabalhar com Ele. Não quer dizer que esses dois primeiros nunca mais foram pescar para viver, ou que os dois seguintes nunca mais ficaram com seus pais. Mas quer dizer que eles, além de terem família e trabalho, entenderam que devia existir, sempre, pessoas que ajudassem os outros a descobrir como viver melhor. A frase que Jesus diz: "Vos farei pescadores de homens" (Mc 16, 17) quer dizer que serão pessoas que irão ajudar Jesus a mostrar às pessoas que, vivendo como Jesus ensina, é bem melhor do que continuar na vida que estão levando.

O que significa isso para nós? Quando ajudamos, não pedimos nada em troca. Quem fica conhecendo como é Jesus deve ajudar outros a entenderem também como é essa vida. Para agir assim, temos que ser como Jesus: conversar com as pessoas, mostrar que além de tudo o que fazem, do trabalho, do esporte, do jogo, do estudo, da família, as pessoas têm que cuidar da vida conforme Deus ensina que cuidemos. Quantas coisas e comportamentos as pessoas precisam mudar para serem felizes como Jesus e segui-lo!

Atividade: Tomando a folha de papel, que está no centro do grupo, ajudar os catequizandos a formar um barco. Colocar no centro uma figura do rosto de Jesus e escrever nele o nome de cada um.

- Orientar a escrever no caderno o que significa para cada um fazer parte desse grupo de amigos de Jesus.

17



Para reflexão do catequista

Não foram os discípulos que escolheram Jesus, mas Jesus quem os escolheu. Ele os convida para estarem com Ele, ficarem com Ele, serem d'Ele, fazerem parte dos seus e participarem de sua missão. Jesus faz dos discípulos seus familiares. Partilha com eles a mesma vida que vem do Pai e lhes pede para que produzam frutos. Jesus chama cada um pelo nome, olha-os com amor e carinho, despertando nos discípulos uma atitude de aceitação, de acolhida e de seguimento. Neles nasce uma grande admiração pela pessoa de Jesus. Nós também fomos chamados a formar esse grupo, que deve sentir-se um grupo de Jesus. Por isso, precisamos nos conhecer, nos querer bem para sermos felizes.

Canto: *Quem é que vai.*

4. JESUS VIDA! FORTALECE A MINHA VONTADE PARA VIVER A TUA PALAVRA

- Jesus falou para cada um de nós, como grupo, porque somos seus amigos. Convidar a fazer uma oração pedindo a cada um que olhe para o rosto de Jesus que está no barco e fique um momento em silêncio.
- Motivar a rezar, juntos, uma frase ou versículo retirada do Salmo 133,1. Após a leitura, que pode ser realizada espontaneamente, todos repetem: *Como é bom, como é agradável os irmãos e as irmãs viverem juntos.*
- Orientar a repetir outras frases, em forma de oração.

(Alguém lê e todos repetem)

- Nós amamos a vida.
- Nós amamos as pessoas.
- Nós amamos nossos amigos e amigas.
- Nós amamos nossos pais.
- Nós amamos Jesus e queremos tê-lo conosco.

18

- O catequista convida o grupo a fazer um momento de silêncio e depois reza assim:

Oração: *Jesus, amigo das crianças e de todas as pessoas, cria em nós o espírito de amizade, de acolhida e de bem querer. Queremos ser um grupo de amigos que se amam, como Tu amaste aqueles que chamastes.*

Canto: *Quem é que vai.*

5. COMPROMISSO

- Contar aos pais o nome das pessoas que Jesus escolheu para serem seus discípulos. Também o nome dos colegas do grupo de catequese e o nome do seu catequista.
- Escolher o nome do grupo: Explicar para que cada um, durante a semana, pense em um nome para o grupo e traga escrito num papel grande, de preferência, um nome bíblico.

6. AVALIAÇÃO DO CATEQUISTA

Após o encontro do grupo, ao longo da semana, avaliar o encontro, anotar os pontos que foram fortes. Como se sentiu e se conseguiu atingir os objetivos. Anotar as dificuldades sentidas.

As anotações serão partilhadas num encontro de catequistas com a coordenação, para avaliar a caminhada catequética. É importante que o catequista seja fiel em anotar esses pontos.

19

Fonte: Diocese de Caxias do Sul (2015, p. 15- 19).

ANEXO F

EXEMPLO DE ENCONTRO DA COLEÇÃO CATEQUESE COM LEITURA ORANTE

1º Encontro | VAMOS CAMINHAR JUNTOS

- **Tema:** Nossa fé em Jesus nos une como amigos.
- **Preparar:** Caixa de bombons ou pacote de balas.
- **Texto bíblico:** Jo 15,7-11.

BOAS-VINDAS

Acolhida

Receber cada participante com um abraço e dar as boas-vindas.

Explicar que a catequese é um caminho que nos conduz a conhecer e amar Jesus. Não se faz catequese apenas para receber um sacramento, mas para aprender a ser cristão.

Deixar a apresentação para o momento da atividade.

Oração inicial

Senhor Deus, nosso Pai, no início da caminhada da catequese queremos pedir tua bênção. Ajuda-nos a crescer em idade, sabedoria e graça, fortes na fé e fiéis aos ensinamentos de Jesus. Amém!

Motivação

Nosso encontro de hoje marca o início de uma caminhada de muitos outros encontros que percorreremos juntos. Iniciaremos novas amizades. É muito bom ser amigo e ter amigos. Amigo é aquele com quem a gente pode contar nas horas boas

e nas horas difíceis. Hoje, através do texto bíblico que iremos ler, Jesus vem falar-nos sobre o que é amar. Somos um grupo que irá aprender a amar como Jesus. Amar o mundo, as pessoas e a Deus. Nesse primeiro encontro vamos conhecer-nos, perceber como a nossa fé nos reuniu e saber como caminharemos.

Preparando a leitura da Bíblia

Hoje ouviremos uma conversa de Jesus com seus seguidores, os seus discípulos. Eles estavam sempre com Jesus: nas ruas, no mar, na casa. Eles aprendiam tudo com o Mestre. Jesus pede que eles vivam no amor. É o que Deus quer. Se amarmos a Deus e as pessoas, seremos felizes.

MESA DA PALAVRA

Aclamação à Palavra de Deus e acendimento da vela

"Tua Palavra é lâmpada para meus pés, Senhor, lâmpada para meus pés, Senhor, luz para meu caminho. Lâmpada para meus pés, Senhor, luz para meu caminho."

Na Bíblia: Jo 15,7-11

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos "Se permanecerdes em mim, e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será dado". Nisto meu Pai é glorificado: que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos. Como meu Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Se observardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, assim como eu observei o que mandou meu Pai e permaneço no seu amor. Eu vos disse isso para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa.

Fazer a reconstrução do texto

a) O que Jesus pede aos discípulos?

b) Se permanecermos unidos a Jesus, que podemos pedir ao Pai?
c) Quando se manifesta a glória do Pai?
d) Como Jesus nos amou?
e) Que devemos fazer para permanecer no amor do Jesus?
f) O que Jesus quer que esteja em nós?

Destacar frases importantes

AO REDOR DA MESA

Para entender melhor

Jesus nos ama. Ele nos chama de amigos. Ele nos escolheu (Jo 15,14-16). Para sermos seus amigos, devemos amar como Jesus amou. Devemos seguir seus mandamentos. Mandamento é uma ordem, uma lei, mas que deve ser vivida na liberdade. Jesus nos pede, mas nós é que decidimos seguir ou não o seu mandamento. O mandamento maior é o amor (Jo 13,34; 15,12). Ele deve ser vivido de duas formas: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Isto é: amar a Deus e a todas as pessoas. Deus é amor, e quem ama permanece em Deus (1Jo 4,16). Esta é a maior verdade do Evangelho: Deus nos ama e nós o amamos quando amamos as pessoas que estão ao nosso redor (1Jo 4,20).

Para o catequista

Quem pratica os mandamentos de forma verdadeira ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Por isso, o amor de Jesus por nós é sem limites. Jesus veio em nome do Pai para realizar seu plano de amor: o Reino de Deus para que todos tivessem vida, e vida em abundância (Jo 10,10). O amor de Jesus foi tão grande que ele se tornou em tudo igual a nós, menos no pecado. Jesus amou-nos a to-

dos, durante sua vida, sua agonia, sua paixão e sua morte na cruz para que pudéssemos saber que Deus nos ama a tal ponto de entregar seu próprio Filho para que o mundo fosse salvo de todas as formas de pecado, sejam pessoais, sejam sociais.

Na fé da Igreja: quem tem fé confia!

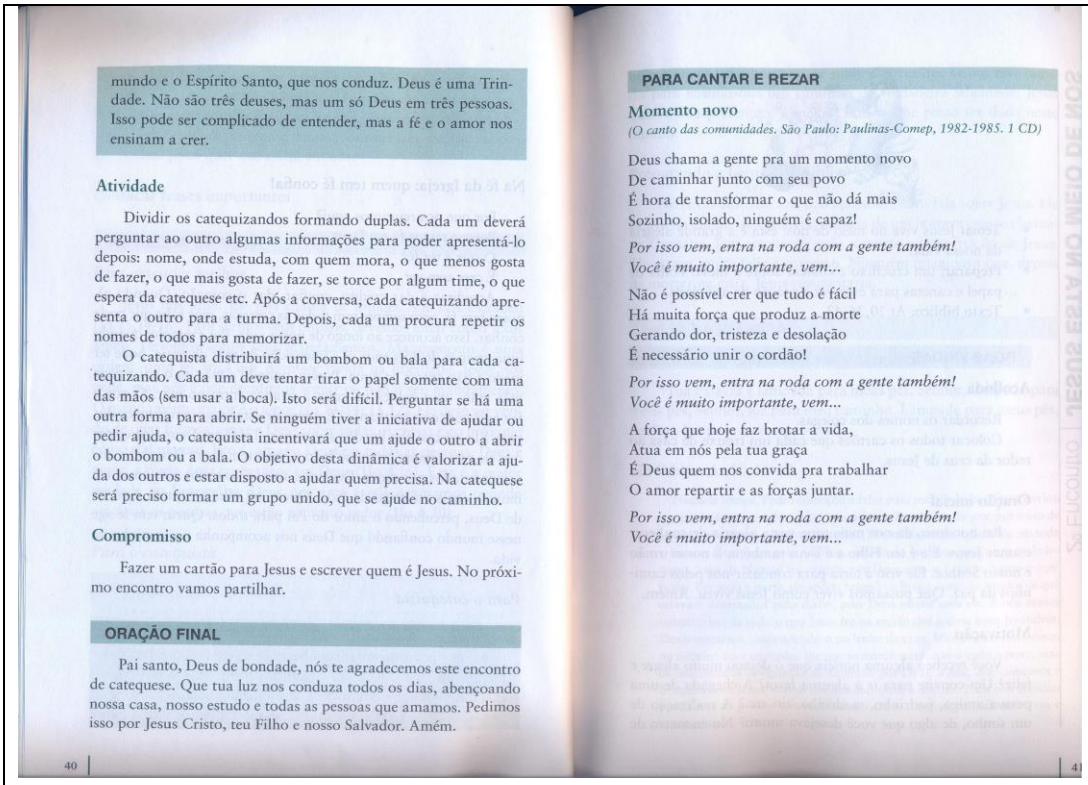
Por que nos reunimos aqui?
Porque temos fé em Deus.
O que é ter fé?
É crer sem ver.

Acreditar é dar crédito, confiar, dar o coração. Quando alguém tem fé, nem sempre tem todas as certezas, mas sabe que pode confiar. Isso acontece ao longo de nossa vida. Por exemplo: quando uma criança de dois anos vê a imensidão do mar da praia, pode ter medo e não entrar na água. Porém, quando a mãe ou o pai a pega pela mão, ou a coloca no colo, a criança entra no mar. O que a faz agir com essa confiança? É o fato de estar segura nas mãos dos pais. Ela crê que eles lhe dão segurança. Ter fé em Deus é acreditar que ele está sempre ao nosso lado. Quem tem fé em Deus sabe que somos criados por amor. Deus nos ama, e sentimos esse amor em muitos sinais ao longo da vida. Quem crê olha o mundo a partir de Deus, percebendo o amor do Pai para todos. Quem tem fé age nesse mundo confiando que Deus nos acompanha no caminho da vida.

Para o catequista

Quem é Deus?

Muitos povos tentaram conhecer Deus e falar com ele. Nós cremos no Deus que Jesus Cristo nos mostrou. Ele nos disse que Deus é amor e nos ama muito. Jesus nos contou que Deus são três pessoas: o Pai que tudo criou, o Filho que veio a este



mundo e o Espírito Santo, que nos conduz. Deus é uma Trindade. Não são três deuses, mas um só Deus em três pessoas. Isso pode ser complicado de entender, mas a fé e o amor nos ensinam a crer.

Atividade

Dividir os catequizandos formando duplas. Cada um deverá perguntar ao outro algumas informações para poder apresentá-lo depois: nome, onde estuda, com quem mora, o que menos gosta de fazer, o que mais gosta de fazer, se torce por algum time, o que espera da catequese etc. Após a conversa, cada catequizando apresenta o outro para a turma. Depois, cada um procura repetir os nomes de todos para memorizar.

O catequista distribuirá um bombom ou bala para cada catequizando. Cada um deve tentar tirar o papel somente com uma das mãos (sem usar a boca). Isto será difícil. Perguntar se há uma outra forma para abrir. Se ninguém tiver a iniciativa de ajudar ou pedir ajuda, o catequista incentivará que um ajude o outro a abrir o bombom ou a bala. O objetivo desta dinâmica é valorizar a ajuda dos outros e estar disposto a ajudar quem precisa. Na catequese será preciso formar um grupo unido, que se ajude no caminho.

Compromisso

Fazer um cartão para Jesus e escrever quem é Jesus. No próximo encontro vamos partilhar.

ORAÇÃO FINAL

Pai santo, Deus de bondade, nós te agradecemos este encontro de catequese. Que tua luz nos conduza todos os dias, abençoando nossa casa, nosso estudo e todas as pessoas que amamos. Pedimos isso por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Salvador. Amém.

40

PARA CANTAR E REZAR

Momento novo

(O canto das comunidades. São Paulo: Paulinas-Comep, 1982-1985. 1 CD)

Deus chama a gente pra um momento novo
De caminhar junto com seu povo
É hora de transformar o que não dá mais
Sozinho, isolado, ninguém é capaz!

Por isso vem, entra na roda com a gente também!
Você é muito importante, vem...

Não é possível crer que tudo é fácil
Há muita força que produz a morte
Gerando dor, tristeza e desolação
É necessário unir o cordão!

Por isso vem, entra na roda com a gente também!
Você é muito importante, vem...

A força que hoje faz brotar a vida,
Atua em nós pela tua graça
É Deus quem nos convida pra trabalhar
O amor repartir e as forças juntar.

Por isso vem, entra na roda com a gente também!
Você é muito importante, vem...

41

Fonte: Brustolin (2009, p. 36-41).